



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Yuri Alan Maciel Tesch

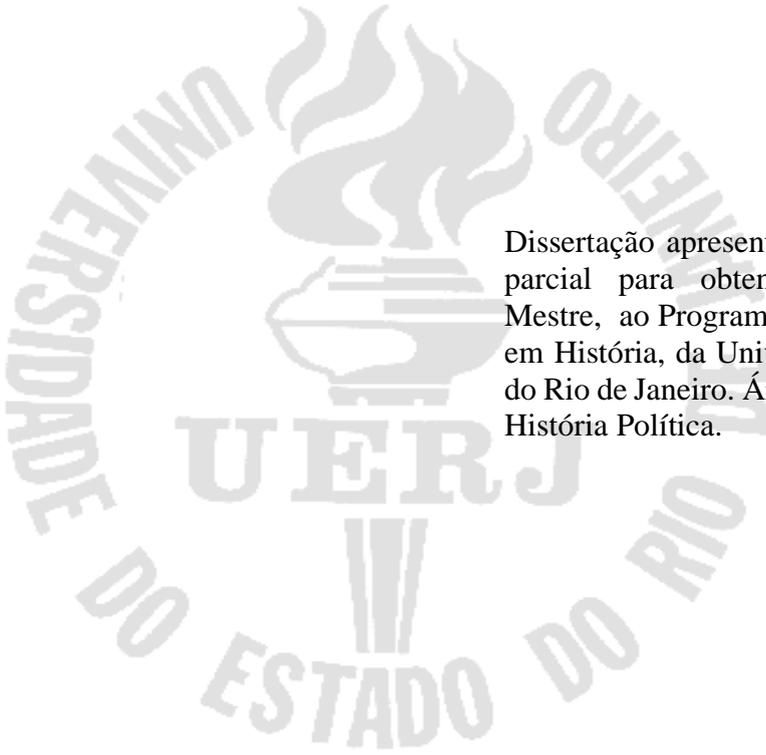
**Microsociedades afegãs no contexto dos embates Leste-Oeste (1977-1983):
discursos e representações no *The Kabul Times***

Rio de Janeiro

2023

Yuri Alan Maciel Tesch

**Microsociedades afegãs no contexto dos embates Leste-Oeste
(1977-1983): discursos e representações no *The Kabul Times***



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lená Medeiros de Menezes

Coorientador: Prof. Dr. Murilo Sebe Bon Meihy

Rio de Janeiro

2023

Yuri Alan Maciel Tesch

**Microsociedades afegãs no contexto dos embates Leste-Oeste
(1977-1983): discursos e representações no *The Kabul Times***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em: 2 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Lená Medeiros de Menezes (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^o Dr. Murilo Sebe Bon Meihy (Coorientador)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Mônica Leite Lessa

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Samira Adel Osman

Universidade Federal de São Paulo

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

In memorium de Elisa Costa Maciel e José Geral Maciel, meus queridos avós.

AGRADECIMENTOS

Manifesto meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a conclusão desta dissertação.

A Deus, por me proporcionar perseverança para não desistir dos meus sonhos e objetivos.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por ter me dado a oportunidade de ingressar nesta que é uma das melhores universidades do país, contribuindo para a minha formação, tanto pessoal quanto acadêmica.

Aos meus pais, Renato e Isabel Cristina Tesch, e meu irmão, Caio Tesch, por terem acreditado que a educação é um ato de resistência, sobretudo nas condições políticas em que esta dissertação foi desenvolvida.

À professora doutora e minha orientadora Lená Medeiros de Menezes, por confiar em meu potencial, e pelas valiosas e inumeráveis contribuições.

Ao meu coorientador, professor doutor Murilo Sebe Bon Meihy da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pelo incentivo na escolha do tema para o mestrado, e por ter aceitado ser meu coorientador.

À professora doutora Lúcia Bastos Pereira das Neves, da UERJ, pelos ensinamentos durante o curso de mestrado, que ampliaram as perspectivas quanto à elaboração da dissertação e por ter me proporcionado a oportunidade de atuar como professor colaborador na UERJ.

Aos professores doutores Mônica Leite Lessa, da UERJ, e Samira Adel Osman, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), por terem aceitado participar da banca examinadora desta dissertação, assim como por suas contribuições.

Ao professor mestre Oséas Ponte Neto, por ter incentivado e ajudado no decorrer do mestrado.

Aos colegas de turma do Programa de Pós-Graduação, pelos diálogos e debates durante o curso.

RESUMO

TESCH, Yuri Alan Maciel. *Microsociedades afegãs no contexto dos embates Leste-Oeste (1977-1983): discursos e representações no The Kabul Times*. 2023. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A produção de discursos e representações, por parte das mídias, acerca do Afeganistão tende a difundir estereótipos que ignoram as complexidades das microsociedades afegãs, estas compreendidas como grupos étnicos, relativamente autônomos, capazes de rivalizar projetos de nação com o poder central, segundo a concepção de Amin Saikal. A compreensão desse país asiático se faz necessária para o entendimento dos interesses em disputas das grandes potências econômicas e militares durante o período dos Embates Leste-Oeste, entre os anos de 1977 e 1983, em especial os Estados Unidos e a União Soviética, e também para romper com o Orientalismo, conforme formulado por Said. Nesse sentido, a dissertação propõe-se adentrar não apenas nos conflitos armados que envolveram a Invasão Soviética no Afeganistão, mas, sobretudo, nas representações e disputas de narrativas difundidas pelo periódico *The Kabul Times*. A análise dessa fonte, através do que se convencionou chamar de eventos-chave selecionados a partir das obras de Amin Saikal e Hammond, permitiu romper com concepções reducionistas de passividade das microsociedades frente aos golpes e contragolpes que se sucederam à queda do reinado de Zahir Shah, demonstrando seu papel fundamental na resistência cultural, social, política e econômica. Técnicas de análise de discurso foram utilizadas, por meio das contribuições teórico-metodológicas de Chartier, Bourdieu e Charaudeau. O trabalho empreendeu esforços para desconstruir narrativas de submissão das microsociedades afegãs difundidas no *The Kabul Times*, demonstrando a sua atuação no Afeganistão, contestando os discursos hegemônicos estatais ao se oporem à Reforma Agrária e Educacional no governo de Taraki, e por elas contrariarem seus interesses e tradições, atuação também verificada no massacre de Herat, no qual as microsociedades se juntaram às guarnições locais. A participação ativa das microsociedades também pode ser verificada nas organizações dos grupos de resistência e libertação nacional, os *mujahidins*, que se opuseram à invasão soviética.

Palavras-chave: Afeganistão. Microsociedades. Representação. Invasão soviética.

ABSTRACT

TESCH, Yuri Alan Maciel. *Afghan microsocieties in the context of East-West clashes (1977-1983): discourses and representations in The Kabul Times*. 2023. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The production of discourses and representations, by the media, about Afghanistan tends to spread stereotypes that ignore the complexities of Afghan microsocieties, these understood as ethnic groups, relatively autonomous capable of rivaling nation projects with the central power, according to the conception of Amin Saikal. Understanding this Asian country is necessary for comprehending the interests in disputes of the great economic and military powers during the period of the East-West clashes, between the years 1977 to 1983, especially the United States and the Soviet Union, and also to break with Orientalism as formulated by Said. In this sense, the dissertation is proposed to approach not only the armed conflicts that involved the Soviet Invasion in Afghanistan, but above all, in the representations and the ideological disputes of narratives disseminated by the periodical *The Kabul Times*. The analysis of this source, through what is conventionally called key events selected from the researches of Amin Saikal and Hammond, makes it possible to break with reductionist conceptions of passivity of microsocieties in the face of the coups and countercoups that followed the fall of Zahir Shah's reign, demonstrating its fundamental role in cultural, social, political and economic resistance. Discourse analysis techniques were used, through the theoretical-methodological contributions of Chartier, Bourdieu and Charaudeau. This research undertook efforts to deconstruct narratives of submission by Afghan microsocieties disseminated in *The Kabul Times*, demonstrating their performance in Afghanistan, contesting the hegemonic state discourses, by opposing the Agrarian and Educational Reform in the Taraki government, as they contradict their interests and traditions, action also verified in the massacre of Herat where the microsocieties joined the local garrisons. The active participation of microsocieties can also be seen in the organizations of resistance and national liberation groups, the *mujahideen*, who opposed the Soviet invasion.

Keywords: Afghanistan. Microsocieties. Representation. Soviet invasion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Império Durrani.....	18
Figura 2 – Mapa dos conflitos durante o Grande Jogo, no século XIX	20
Figura 3 – Um afegão ou o Afeganistão em cárcere	63
Figura 4 – <i>Mujahidin</i> apoiado pelos EUA e China	63
Figura 5 – Revolucionário afegão impedindo invasores	64
Figura 6 – Inimigos do Afeganistão mascarados.....	64
Figura 7 – Os Estados Unidos jogando pelo mundo	65
Figura 8 – Tio Sam tentando apagar a tocha da Olimpíada.....	66
Figura 9 – Munição para o Afeganistão	67
Figura 10 – O povo revolucionário liderado pelo PDPA.	67
Figura 11 – Distribuição das microssociedades no Afeganistão	84
Figura 12 – Mapa do Pashtunistão e Baluchistão.....	86
Figura 13 – Mapa da Invasão Soviética no Afeganistão	96
Figura 14 – Amin é comparado a bomba atômica e ao Napalm.....	98
Figura 15 – Principais Líderes dos <i>mujahidins</i>	116
Figura 16 – Principais áreas de atividades dos <i>mujahidins</i> e soviéticos	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Eventos-chave do Afeganistão de 1977- 1978	54
Quadro 2 – Eventos-chave do Afeganistão de 1978- 1978	55
Quadro 3 – Eventos-chave do Afeganistão de 1978- 1979	56
Quadro 4 – Eventos-chave do Afeganistão de 1979.....	57
Quadro 5 – Eventos-chave do Afeganistão de 1980.....	58
Quadro 6 – Eventos-chave do Afeganistão de 1980- 1983	59
Quadro 7 – Grupos de Resistência Nacional do Afeganistão.....	118

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	DA CONFEDERAÇÃO TRIBAL À QUEDA DA MONARQUIA	17
1.1	Breve histórico da Antiguidade: a Confederação Tribal Durrani	17
1.2	Reino do Afeganistão	19
1.2.1	<u>O Afeganistão no Grande Jogo: Entre o Urso e o Leão</u>	19
1.2.2	<u>O Afeganistão no Entreguerras</u>	22
1.2.3	<u>O Afeganistão na Guerra Fria</u>	25
2	IDEIAS RIVAIS DE NAÇÃO: AS MICROSSOCIEDADES AFEGÃS	29
2.1	Uma breve análise sobre a Historiografia Afegã	30
2.2	O processo de pashtunização do Afeganistão	34
2.3	Pashtuns	39
2.4	Hazaras	42
2.5	Tadjique	44
2.6	Turcomanos	47
2.7	Uzbeques	47
3	A FORÇA DAS MÍDIAS: O <i>KABUL TIMES</i> E <i>THE NEW KABUL TIMES</i>	51
3.1	A força das mídias	51
3.2	<i>O Kabul Times, The Kabul Times e The New Kabul Times</i>	53
3.3	<i>Kabul Times e The New Kabul Times: imagens e representações</i>	62
4	DA REPÚBLICA AO GOLPE DE SAUR: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES	69
4.1	República do Afeganistão (1973-1978)	69
4.2	A República Democrática do Afeganistão (1978 – 1992)	77
4.3	A Revolução de Saur liderada por Taraki	79
4.4	O Governo de Amin na segunda etapa da Revolução de Saur	91
5	REPRESENTAÇÕES DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO AFEGANISTÃO E A RESISTÊNCIA DAS MICROSSOCIEDADES AFEGÃS NA GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL	100
5.1	A Recepção do novo governo e o Embate Leste-Oeste pelo <i>Kabul New Times</i> ...	100
5.2	Estratégias de guerra soviética	113
5.3	A organização dos grupos de resistência	114
	CONCLUSÃO	120
	REFERÊNCIAS	124

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é mapear e analisar os discursos e representações no periódico *The Kabul Times*, no período que se estende de 1977 a 1983, acerca das microssociedades¹ afegãs durante as transições dos governos que se sucederam, entre golpes e contragolpes, da Monarquia de Zahir Shah, perpassando a República de Daoud, a tomada do poder pelo Partido Democrático do Povo do Afeganistão (PDPA) e a subsequente invasão soviética e resistência dos *mujahidins*. Propõe-se contrapor os discursos e representações presentes no periódico, considerados como a versão oficial dos regimes acima citados, às narrativas de historiadores afegãos e de outras nacionalidades a respeito dos eventos. Ademais, pretende-se também analisar, no citado jornal, os embates Lestes-Oeste empreendidos nesse período no contexto da invasão soviética ao Afeganistão.

Em *Modern Afghanistan: A history of struggle and survival*, Saikal (2004) entende que a rivalidade entre pashtuns² e as demais microssociedades constitui a maior divisão social do Afeganistão. Gomes (2008) afirma que Saikal, em suas análises, prioriza interpretações de uma sociedade pujante em contraste com um Estado debilitado. Em Rubin (1988; 2002), o Afeganistão é concebido sob a ótica de sua relação e dependência com os países estrangeiros.

Para Gomes (2008), essas abordagens são complementares e, conjuntamente, problematizam melhor a questão. Em seu entendimento, o fracasso estatal afegão em emular os moldes europeus de Estado é compreendido em consonância com as bases teóricas de Elias (1993) e Clément (2005).

Destarte, conforme a análise teórica de Elias (1993), o Afeganistão não conseguiu se estabelecer como país estável ao não consolidar o monopólio dos meios coercitivos e tributários, e por não fornecer infraestrutura e bens básicos para a sociedade, como saúde, educação e segurança, segundo as contribuições analíticas de Clément (2005). Dessa forma, criou-se uma dependência financeira da comunidade internacional, sendo esse fator imprescindível para compreender a invasão soviética, uma vez que seus massivos investimentos no país, assim como

¹ Microssociedades afegãs são entendidas nesta dissertação, em conformidade com Saikal (2004), como grupos étnicos relativamente autônomos e com interesses, por vezes, opostos ao do poder central, embora estejam circunscritos na mesma fronteira territorial. Um termo islâmico equivalente, presente em variações do árabe, urdu e hindi, é a palavra *Kabila*, que designa tribo não em uma conotação colonialista, mas sim no sentido de uma organização de clãs.

² Para a devida padronização, optou-se nesta pesquisa por utilizar a grafia adaptada de todas as microssociedades segundo a utilizada pelo historiador afegão Amin Saikal.

a sua influência, foram ameaçados pelas reformas e medidas malsucedidas pelo então presidente Amin Hafizullah.

Além de ser autor de um capítulo que em seu próprio título enfatiza essa suposta característica débil do Estado afegão, “Afghanistan’s weak state and Strong society”, Saikal (2004) cita, além do mosaico étnico afegão, a rivalidade sucessória da família real, fomentada, em parte, pela poligamia institucionalizada como elemento fundamental para o país não desenvolver estruturas estáveis de governabilidade, dificultando, assim, a unidade nacional.

Ainda em Saikal (2004), as interferências e intervenções das principais potências, tanto durante o Grande Jogo, entre Inglaterra e Rússia czarista, quanto na Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, culminaram em extremismos ideológicos, contribuindo também para o entrave da soberania afegã.

Rubin (1988) realça a histórica dependência afegã dos subsídios e de receita estrangeira, tendo em vista a dificuldade do Estado em estabelecer o monopólio tributário frente a taxas cobradas à parte por grupos da sociedade e a hostilidade da população frente ao aumento da capacidade tributária estatal, o que Saikal (2004) caracteriza como *Rentier State*, ou seja, uma economia dependente de rendas externas, em que o governo é o principal destinatário de tais financiamentos. O Afeganistão utilizava essa receita para pagar soldados e burocratas.

O conceito de representação, utilizado a partir de Chartier (1990, 2002) e Bourdieu (1998), é fundamental na dissertação, pois os jornais, as revistas e os meios de comunicação em geral, objetos de análise, propagam e constroem representações do Afeganistão, de suas diversas microssociedades e da relação do país com a comunidade internacional. Nas lutas das representações, procura-se delimitar os responsáveis pela falência do Estado afegão, muitas vezes minimizando a importância das intervenções estrangeiras diretas ou indiretas no país, enfatizando as divisões étnicas, sociais e religiosas das microssociedades como as principais responsáveis.

Os dois autores, Chartier e Bourdieu, enfatizam que as representações podem ser entendidas como fruto do recuo da violência física direta e não significam a aceitação unívoca por parte dos representados, havendo espaço para contestações. Os autores compreendem o sujeito dentro da dinâmica de seu protagonismo frente às estruturas sociais e políticas, superando uma visão que privilegia as funções políticas dos bens culturais, reduzindo-os a instrumentos de dominação. Os autores enfatizam as assimilações críticas dos indivíduos, em especial das minorias que, independentemente do caráter ideológico dessas representações, são capazes de contestá-las e construir suas próprias representações culturais. Já Said (2007) define um sistema de pensamento ocidental, que concebe a complexidade e heterogeneidade do

O Oriente como um organismo homogêneo, dotado de traços negativos suscetíveis a controle e manipulação, processo por ele denominado Orientalismo. Desse modo, as lutas de representações resultam, acima de tudo, de disputas pelo monopólio dos discursos, de ideias, de padrões e da necessidade dos grupos, especialmente os minoritários, de se fazerem reconhecidos como unidades culturais independentes.

O suporte teórico de Chartier (1990, 2002), Bourdieu (1998) e Said (1995) nos permite compreender que as representações, embora sejam estratégias de poder e de dominação, devem ser entendidas em suas relações de assimilações, negociações e resistência, configurando a possibilidade de uma pluralidade de significações que influencia na estabilidade ou instabilidade política de um sistema vigente. A cultura, então, participa das contradições dos arranjos sociais e políticos, o que se manifesta nas margens, nos movimentos excluídos e na pluralidade de identidades.

Segundo o historiador Bruno Sciberras de Carvalho (2010), Said utiliza-se da análise ascendente de Foucault (2005) para demonstrar que as produções dos discursos estatais hegemônicos nem sempre são capazes de se vincular às estruturas regionais de poder. No caso afegão, esses discursos esbarram na diversidade cultural das microssociedades, no elevado índice de analfabetismo da população, nas lideranças tribais e clericais. Desse modo, as análises ascendentes do Afeganistão neste estudo permitirão estabelecer relações dessa dinâmica cultural entre as políticas das microssociedades e suas articulações com o poder central.

Esse entrave dos discursos hegemônicos em se interpenetrarem nas microssociedades vai ao encontro da dificuldade da União Soviética em controlar todo o território afegão. De acordo com a tese de Ribeiro (2012), embora os soviéticos tivessem controlado a capital Cabul, em todas as demais regiões ainda imperava a hegemonia dos múltiplos grupos étnicos afegãos. No decorrer do conflito, os soviéticos passaram a controlar algumas das principais cidades afegãs e a rede de comunicação entre elas, entretanto, a dominação estava longe de ser completa e sempre encontrava resistência.

Serge Berstein (1998), para teorizar o que seria cultura política, parte da definição de Jean-François Sirinelli: “uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política” (BERSTEIN, 1998, p. 350). O autor obtém dessa definição a importância das representações na formulação desse conceito, entendido, em parte, como ideologia ou conjunto de tradições, assimilando, assim, o caráter plural das culturas políticas dentro de cada especificidade. Desse modo, percebe-se no Afeganistão uma pluralidade de culturas políticas, cada qual com sua tradição, configurando uma identidade em particular. Esse conceito,

portanto, segundo Berstein (1998), é uma chave teórica formada por um conjunto de elementos que estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela reclama. Na prática, isso significa traçar o perfil das identidades das microssociedades afegãs e relacioná-lo com sua cultura e política. Um exemplo concreto, ocorrido durante o período da Revolução de Saur, quando o PDPA assume o controle da máquina estatal, foi a rejeição popular ao projeto de Reforma Agrária, ocorrida por vários motivos, dentre eles, por questões religiosas e lealdades familiares, o que impediu o campesinato de aceitar a terra partilhada.

Para esta dissertação, também é pertinente a contribuição teórica do jurista Carl Schmitt (2004), em especial, sua noção de povo como unidade minimamente homogênea, seja pelo aspecto religioso, étnico ou outro. Um importante elemento do autor é a noção do inimigo externo como agente que se opõe ao Estado como território de unidade. O Afeganistão não atende a esse critério de homogeneização do povo, antes, caracterizando-se pela existência de diversas microssociedades que se identificam muito mais com sua etnia do que com uma ideia de nação. Portanto, é possível falar de vários povos e múltiplas “nações” dentro do mesmo país. Em relação ao inimigo externo, Schmitt (2004) fornece subsídio para uma compreensão mais apurada da atuação dos soviéticos e dos norte-americanos no Afeganistão.

O trabalho insere-se no campo da História Política, que, nas últimas décadas, foi renovada, colaborando para uma nova consciência do campo político, compreendido em suas relações com o econômico, o social e o cultural, sem se converter, entretanto, em um mero reflexo de forças determinantes. Seguindo os avanços dessa História Política Renovada, esta dissertação empreenderá um esforço para compreender a formação e a evolução dos sistemas de representações, pois eles comandam a maneira pela qual uma determinada época ou sociedade conduz suas ações e antevê o futuro (ROSANVALLON, 2010). Considerando as contribuições da História Cultural, pautadas principalmente no enfoque de Chartier (1990), que permite identificar o modo como, em diversos lugares e momentos, uma determinada realidade social é constituída, pensada e interpretada, os periódicos nesta pesquisa serão tratados como objetos históricos difusores do saber, criadores de novas culturas políticas e formadores de círculos de sociabilidades e representações do poder.

Segundo Tânia Regina de Luca (2008), dois erros frequentes parecem ter acompanhado o uso da imprensa periódica nos trabalhos de História no Brasil: o primeiro é a instrumentalização dessa fonte pelo pesquisador, tomando-a como mero objeto de informação a ser selecionado, extraído e utilizado para confirmar seus pressupostos teóricos; o segundo é concebê-la apenas como ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos. Esta

pesquisa pretende desvincular-se dessas abordagens simplistas.

Contribuindo para sistematização e avanços de procedimentos metodológicos, esta dissertação, em sintonia com Luca (2008), enfatizará a necessidade de se historicizar todas as fontes, em especial os periódicos, atendo-se ao que e como foi escrito, se foi acompanhado ou não de imagens e, principalmente, o porquê de ter sido escrito, perscrutando também seu público-alvo. Diante de tais fontes, todo cuidado metodológico é essencial, de modo a não se confundir ideologia política com a história em si mesma.

Desse modo, a dissertação utiliza técnicas de análise do discurso como uma das ferramentas capazes de identificar, separar e problematizar a narração imediata e linear do próprio acontecimento. Segundo Charaudeau (2013), as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública. Elas não transmitem o que ocorre na realidade social, mas impõem ao indivíduo o que constroem no espaço público. Charaudeau, na prática, defende que uma das finalidades da comunicação é o “fazer crer”, isto é, querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro), mesmo quando não o é. Motivo pelo qual o uso de técnicas de análise do discurso, para identificar as estratégias de produção e ressignificação dos sentidos veiculados pelas mídias, encontra em Derville (1997) e em Pêcheux (2012) uma possibilidade hermenêutica de desvendar as narrativas acerca das microssociedades afegãs.

Serão utilizados os conceitos de “filtro semântico” de Derville (1997, *apud* MENEZES, 2019), compreendido como a capacidade da imprensa em propor e antecipar sentidos, e de palavras de forças, de Pêcheux, (2012, *apud* MENEZES, 2019), entendido como palavras que, no texto, sozinhas ou de forma reiteradas, são utilizadas para encaminhar determinados sentidos, que serão identificados nos periódicos desta pesquisa como estratégias persuasivas inseridas nas lutas de narrativas no contexto de fortes combates ideológicos entre o Leste e Oeste no tocante à questão do Afeganistão.

Por meio das técnicas de análise de discurso, torna-se fundamental captar as múltiplas dimensões da linguagem que o escrito pode oferecer, ou seja, seus idiomas, retóricas e paradigmas em que tal discurso foi realizado e compreender a palavra escrita como elemento integrante do tecido político e cultural da sociedade. Os impressos e periódicos não serão compreendidos nesta pesquisa apenas como relatos de determinado tempo histórico, mas, sobretudo, como agentes intervencionistas nos processos e episódios que moldaram as disputas armadas e ideológicas, ocorridos principalmente após a invasão soviética no Afeganistão.

Os periódicos publicizavam o debate, influenciavam o leitor, formulavam, interpretavam, combatiam e defendiam ideias, propunham soluções, representavam interesses.

Escutar essa voz é imprescindível para a compreensão das disputas em jogo (NEVES, 2003).

A abordagem dos conteúdos dos periódicos se utilizará de técnicas de análise de discurso. Foi por intermédio dos discursos que juízos de valores legitimadores ou deslegitimadores em relação às microssociedades almejavam interiorizar-se e expressar diversas identidades políticas e sociais presentes nessa conjuntura histórica.

Desse modo, as linguagens, e sobretudo os contextos históricos, constituem-se como ferramentas disponíveis ao historiador para apreender a complexidade de um discurso, constituindo um movimento no sentido de captar os universos mentais em que o sujeito histórico se insere.

Uma das principais fontes utilizadas nessa pesquisa será o *The Kabul Times*, redigido no idioma inglês, que, após a invasão soviética, é renomeado para *The New Kabul Times*, mudando seu editorial, até então pró-governo e nacionalista, para uma abordagem soviética e anti-imperialista, através da seleção de artigos, editoriais, charges, cartas, entre outros, em uma investigação que privilegia o qualitativo, por esta possibilitar uma análise mais apurada de fenômenos complexos e específicos, como é o caso da temática escolhida.

O *The Kabul Times* é uma fonte que foi digitalizada pela Universidade de Nebraska, dos Estados Unidos, podendo ser consultado pela instituição, sendo de domínio público.

A dissertação estrutura-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo, a formação do Estado afegão será abordada, desde a conquista de seu território por diferentes Impérios até a relativa estabilidade da organização política, a partir de 1747, quando o líder da microssociedade pashtun durrani, Ahmad Shah Abdali, estabelece, por meio de uma confederação tribal, aquilo que ficou conhecido como o Estado moderno do Afeganistão. Alguns dos governos seguintes a Abdali serão apresentados, até o período do fim da monarquia, tendo como uma das finalidades observar a trajetória das instituições políticas no país em sua relação com o intervencionismo externo e conjuntura interna.

No segundo capítulo, será feito um mapeamento das microssociedades afegãs, entendidas como grupos étnicos relativamente autônomos e com interesses, por vezes, opostos ao do poder central, embora estejam circunscritos nas mesmas fronteiras territoriais. Pretende-se analisar e contrapor as diferentes aspirações das microssociedades, sublinhando suas rivalidades e alianças.

O terceiro capítulo discorrerá sobre o papel político e social das mídias no país, em especial a imprensa na sociedade afegã, seus alcances e limitações, frente a uma população extremamente iletrada; para tal, uma breve retrospectiva da mídia impressa, da rádio e da televisão será realizada, e uma abordagem dos diversos periódicos no Afeganistão introduzirá

o jornal *The Kabul Times* como fonte principal e objeto de análise, sendo estudada sua estrutura, forma, editorial e mudanças editoriais, buscando delimitar o público-alvo desse jornal e seus objetivos.

Já no quarto capítulo, o foco residirá nos discursos e representações do *The Kabul Times* acerca dos governantes Daoud, Taraki e Amin, que se sucederam através de golpes de Estado, assim como suas relações com as microssociedades, verificando, por exemplo, se elas foram apresentadas como favoráveis ou contrárias a esses regimes políticos.

Por fim, o quinto e último capítulo se voltará para a invasão soviética segundo o *The Kabul Times* e em diálogo com a historiografia existente, com a combinação de dois fatores: a determinação de Moscou em promover a segurança em suas fronteiras e da doutrina Brezhnev, ou seja, a interpretação de que qualquer das repúblicas satélites comunistas, quando ameaçadas, concedem o direito da intervenção por parte dos soviéticos. Em dezembro de 1979, os soviéticos efetivaram a invasão para destituir Amin do poder, substituindo-o por alguém de confiança, no caso Babrak Karmal, cofundador do PDPA e um dos líderes da Revolução de Saur. Outros aspectos a serem abordados são os Embates diretos e propagandísticos Leste-Oeste e os movimentos oposicionistas de resistência nacional, os *mujahidins*.

1 DA CONFEDERAÇÃO TRIBAL À QUEDA DA MONARQUIA

1.1 Breve histórico da Antiguidade: a Confederação Tribal Durrani

Na Antiguidade, a região do Afeganistão foi ocupada pelo Império Aquemênida³ e teve como religião oficial o Zoroastrismo. Após a morte do Imperador, o Afeganistão passou a ser governado por Seleuco, um dos grandes generais de Alexandre da Macedônia, e, em 305 a. C., foi dominado pelo Império Máuria, que adotou o budismo como religião oficial. Nesse reinado floresceu uma civilização greco-budista, oriunda da troca cultural de influências helenísticas e indianas. Invasões dos povos nômades indo-europeus, como os citas e partos, deram fim a essa civilização. Nos primeiros séculos da era cristã, o Afeganistão seguiu esse ciclo de ocupações.

É apenas após o século IX, quando os muçulmanos invadiram Cabul, que a maior parte da região passou para o domínio árabe, embora disputas entre o Império Safávida, na Pérsia, e o Império Mugal, na Índia, tenham culminado na eclosão de disputas pela hegemonia na região, que perduraram até os séculos XVI e XVII (GOMES, 2008).

O grande elemento de compreensão da história do Afeganistão diz respeito à incapacidade de construção de hegemonia, tanto pelas tribos internas quanto pelos conquistadores. Sob a égide dos Impérios acima citados, estes de fato não dominaram a população, e esta, por sua vez, raramente conseguia superar as divisões familiares em prol de uma oposição contra os invasores. Longe disso, as tribos estavam dispersas, cada qual com seus respectivos líderes (GOMES, 2008, p. 38-39). A respeito dessa conjuntura e sobre seu alcance temporal, pode-se salientar que:

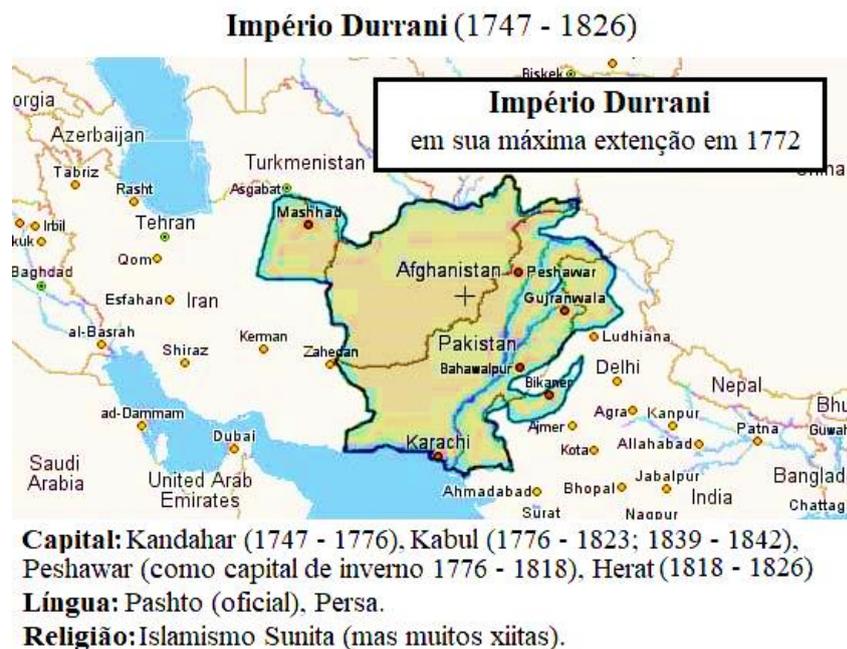
Novas organizações políticas emergiam das ruínas dos impérios que entravam em colapso, alcançavam determinado tamanho (por vezes, pouco maior do que os limites de uma família) e se fragmentavam, ora devido as disputas acerca da sucessão, ora por pressões externas ou escassez de recursos, resultando em organizações menores, que novamente como num ciclo, cresciam para depois perecerem. Até o meio do século XVIII, o Afeganistão, era essencialmente uma frouxa confederação de chefes tribais convivendo na periferia dos moribundos impérios Safávida, na Pérsia e Mugal, na Índia (SAIKAL *apud* GOMES, 2008, p. 39).

A estabilidade da organização política do Afeganistão começou a mudar a partir de 1747, quando o líder da tribo pashtun durrani, Ahmad Shah Abdali, estabeleceu, por meio de

³ Império fundado no século VI por Ciro, o Grande, na região da Pérsia.

uma coligação tribal, a dinastia Durrani. Ahmad era uma figura proeminente dentro do Império Persa, que controlava cidades importantes da região. Com a morte do rei persa, Nadir Shah Afshar, uma aliança tribal em Candaar, empreendida pelo pashtun, culminou na criação de uma Confederação Afegã. Esse é um marco para a história do Afeganistão, pois um líder tribal foi capaz de ser reconhecido, mesmo de forma não unânime, como monarca.

Figura 1 – Mapa do Império Durrani



Fonte: SILVA, R. Hussein, 2019.

Os vinte e cinco anos de seu reinado pautaram-se na tentativa de libertar as tribos afegãs sob o domínio do Império Persa e Mugal e incluí-las na nova sociedade que se formava. Embora, segundo Rubin (2002), governar a população fosse uma tarefa além do que a Confederação pudesse oferecer, o anseio de expurgar os inimigos externos foi perfeitamente canalizado pelo líder, o qual recebia efetivos e recursos para a manutenção de um exército. Os líderes tribais continuavam a exercer domínio em suas respectivas etnias, o que dificultava o fortalecimento de um Estado Afegão centralizado. Outros empecilhos apresentavam-se: ausência de um corpo administrativo institucionalizado e um sistema tributário incipiente; ausência de uma receita fixa; extrema dependência econômica das conquistas territoriais; e o custo da poligamia disseminada pelo Corão como uma prática comum nesta sociedade patriarcal. Tudo isso dificultava ainda mais um processo pacífico de sucessão (GOMES, 2008).

Apesar dessa nova configuração política se aproximar mais de uma Confederação Tribal do que de um Estado-Nação, Ewans explica o motivo pelo qual Ahmad Shah é considerado o

Pai da Nação: “(...) ele foi o fundador de uma dinastia (...) a qual governou até 1818 e que, por meio de outro ramo da mesma dinastia, iria dominar o Afeganistão até 1978” (EWANS apud GOMES, 2012, p. 42).

1.2 Reino do Afeganistão

O segundo filho na linha sucessória, Timor Shah, saiu vitorioso do conflito sucessório e assumiu o trono. Teve de lidar com inúmeras revoltas, tentativas de golpes e a independência de algumas regiões do território.

Com a perda territorial, a renda do Estado, dependente destas conquistas, caiu vertiginosamente. A defasagem econômica, por sua vez, fragilizou a capacidade de manter as possessões não perdidas. Nesse contexto de um país em sérios problemas internos, o século XIX foi marcado pela presença das potências ocidentais na região, presença esta determinante para a história do Afeganistão contemporâneo. Se no passado Ahmad Shah aproveitou-se da decadência do Império Persa e Mugal para criar um esboço de Estado afegão, expandindo assim seus domínios, agora ele estava ameaçado pela Inglaterra e pela Rússia. Impulsionados por inovações políticas, econômicas e tecnológicas, as duas potências avançaram: os ingleses fizeram da Índia colônia, e os russos desejavam ampliar os seus limites pela Ásia Central. O Afeganistão tornou-se, assim, um coadjuvante de peso nesse conflito.

1.2.1 O Afeganistão no Grande Jogo: Entre o Urso e o Leão

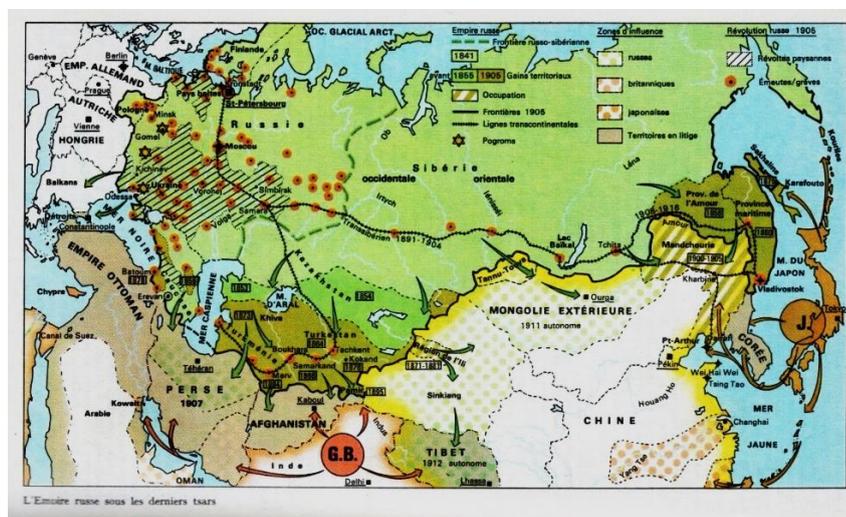
Durante o século XIX, o Reino Unido era a grande potência mundial, e ela temia que a fragilidade da Ásia Islâmica pudesse ser motivo para invasão de outras potências. Frente à gradativa marcha do Império Russo em direção a essa região, “era relativamente consensual, na Europa, que a próxima grande guerra, a inevitável guerra, seria o confronto final entre a Inglaterra e a Rússia” (FROMKIN *apud* DUARTE, 2011, p. 221). O que nunca veio a se concretizar, pois as duas nações nunca declararam guerra direta uma a outra. A Rússia Czarista, segundo o doutor em Relações Internacionais Paulo Duarte, era:

(...) vista com alguma ambivalência, pelos ingleses. A sua distância cultural, bem como o seu atraso tecnológico eram tidos como incompatíveis com o progresso da Inglaterra vitoriana. Por outro lado, a enorme dimensão do império russo e as suas ambições expansionistas constituíam motivo de inquietação para os britânicos, que observavam de perto os passos do rival. Na verdade, a Inglaterra temia que a ‘joia da coroa’, que era na época a Índia, caísse nas mãos dos russos (...) os britânicos acreditavam que o Afeganistão seria a etapa seguinte na estratégia da Rússia, antes desta tomar definitivamente a Índia. Face a tal apreensão, a Inglaterra decretou a Primeira Guerra Anglo-Afegã (DUARTE, 2011, p. 221).

É evidente que a rivalidade entre o Reino Unido e a Rússia pré-revolução marxista não esgota as forças motrizes deste conflito, embora seja um bom ponto de partida. Não se pode ignorar a cobiçada posição geoestratégica da região. O controle do Afeganistão para os ingleses era indispensável para garantir a proteção de todas as colônias indianas por eles conquistadas. Para a Rússia significaria acesso ao Oceano Índico. Esta disputa pelos territórios entre os dois Impérios, em grande parte na Ásia Central, ficou conhecida como “Grande Jogo” e culminou, entre outros aspectos, na criação do Afeganistão como atual Estado-tampão. (DUARTE, 2011).

Paulo Duarte divide o conflito em três períodos: o primeiro teve início com a expansão russa no Cáucaso e na Ásia Central, no fim do século XVIII e começo do XIX, preocupando a Companhia das Índias Orientais, empresa inglesa privada que, à época, detinha o poder, de fato, na Índia. No século XIX, o governo britânico optou por uma interferência mais direta e intensa, nesse conflito até então regido por forças privadas, como fruto da política colonial externa. Os métodos empregavam ocasionais ostensivos militares e agentes secretos a fim de manipular as tribos e a população. O segundo período empregou basicamente os mesmos métodos. Enquanto o último diz respeito à revolução bolchevique, à consolidação de seu poder nos antigos territórios czaristas (DUARTE, 2011).

Figura 2 – Mapa dos conflitos durante o Grande Jogo, no século XIX



Fonte: Kinder, Hermann; Hilgemann, Werner, 1968, p. 388.

Essa consolidação ocorreu sob a ideologia de “libertar, por meio de revolta armada, a Ásia inteira da dominação imperialista” (HOPKIRK apud DUARTE, 2011, p. 223).

A primeira Guerra Anglo-Afegã (1839-1842) foi uma tentativa do Reino Unido de trazer o Afeganistão para seu domínio direto. Nessa altura, o Afeganistão encontrava-se dividido em três grandes regiões, Cabul, Candaar e Herat. Um esforço afegão interno de reunificar o Estado era o principal objetivo dos líderes que se sucediam. As ameaças das potências ocidentais, entretanto, restringiam em muito as possibilidades. Segundo Aureo de Toledo Gomes, foi a influência externa dos ingleses que destronou Dost Mohammed, empossando Shan Shuja, um títere da Inglaterra no Afeganistão (GOMES, 2008).

A justificativa inglesa para a invasão, que culminou na guerra, baseava-se na suposta ameaça de Dost às fronteiras do Império inglês na Índia. Essa guerra terminou com a surpreendente derrota dos ingleses, quando as diversas microssociedades afegãs foram capazes de expressar coesão frente ao inimigo. Alguns fatores externos contribuíram para esse resultado: o fracasso da expedição russa no Canato⁴ de Kiva redundou na atribuição de um peso menor à questão do Afeganistão por parte dos ingleses, e a transição do governo britânico, nas eleições de 1841, representou cortes orçamentais para a Guerra Anglo-Afegã. Algumas décadas depois, os ímpetus hegemônicos são intensificados, e o crescente atrito entre a Rússia e Inglaterra culminaria na Segunda Guerra Anglo-Afegã (1878-1880).

Os ingleses invadiram novamente o Afeganistão. Desta vez a Inglaterra logrou uma vitória parcial. Parte das terras, que outrora pertenceram ao Afeganistão, foram cedidas à Índia Britânica em um acordo diplomático que pôs fim ao conflito de dez anos. Este território foi nomeado Linha de Durand⁵, que, posteriormente, iria dar origem ao Paquistão, em homenagem ao secretário de assuntos estrangeiros do governo anglo-indiano, Sir Mortimer Durand. O Afeganistão também perdeu o controle de seus assuntos externos, contudo, Abdur Rahman Khan, então líder da maior parte do país muçulmano, conseguiu garantir a independência interna do Estado (GOMES, 2008). Ainda segundo Gomes (2008), a não subjugação militar ou colonização do Afeganistão, tanto pela Inglaterra quanto pela Rússia, não aconteceu devido ao risco de isso desencadear um conflito direto entre as duas potências, e também pelos elevados custos que campanhas militares dessa natureza exigiriam.

Com a colonização da Índia, os ingleses dividiram o gigantesco grupo tribal pashtun,

⁴ É uma entidade política administrativa governada por uma clã.

⁵ A linha Durand foi imposta pelo Império Britânico em 1897, que dividiu metade do território ancestral pashtun, tomando cerca de 40.000 milhas quadradas, entre o rio Indo e o Passo de Khyber.

uma vez que este não se restringia territorialmente ao Afeganistão. Dessa maneira, os ingleses tentaram impor uma ordem regida sob elementos e instrumentos estranhos aos pashtuns como resposta ao *pashtunwali* (código de conduta das tribos). Esse código pashtun regulamentava disputas ligadas a dívidas, mulheres e terras, legitimando, assim, violentas rixas de sangue, denominadas *badal* entre os clãs, não podendo ser confundido, entretanto, com vingança, uma vez que essa tradição também inclui valores como perdão, cooperação, a competição (*siyali*), honra (*nang*) e hospitalidade (*melmastya*) (SIDDIQUE, 2014). Os russos aproveitaram essa tentativa de “pacificação forçada” para acirrar ainda mais os conflitos, fornecendo armas, dinheiro e suporte aos levantes pashtuns.

No que concerne ao término da Terceira Guerra Anglo-Afegã, a partir desse momento, a Inglaterra financiou as lideranças internas, a fim de essas alcançarem a hegemonia, pois não interessava a ela um Afeganistão instável, passivo da invasão russa. Como desdobramento da injeção desse capital, eclodiu um processo coercitivo de construção do Estado, pois Abdur Rahman Khan aproveitou-se desse investimento externo para exercer políticas autoritárias, seja por repressão direta às tribos e etnias ou jogando umas contra as outras. Abdur dizia-se representante de Deus e governador, por direito, de todos os afegãos. Ele ampliou a infraestrutura do país, do comércio e de mecanismos de impostos. Também promoveu alguns serviços na área da saúde e educação. Conseguiu uma boa relação tanto com ingleses quanto com russos.

1.2.2 O Afeganistão no Entreguerras

Com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, mais uma vez as vicissitudes da conjuntura internacional viriam a influenciar a trajetória do Afeganistão. A agora proclamada União Soviética temia que os ingleses utilizassem o país islâmico para chegar até Moscou e derrubar o novo regime implementado. Já os ingleses sabiam que o Afeganistão poderia servir de corredor para os soviéticos atingirem as colônias inglesas na Índia. O sucessor de Abdur Rahman, Habibullah (1901-1919), buscou, tal como o governo de seu filho Amanullah (1919-1929), aproveitar-se dessas vicissitudes para declarar o país independente da Inglaterra. Habibullah, quando comparado com seu antecessor, retraiu drasticamente o uso da violência, o que possibilitou a inclusão de certas tribos e lideranças religiosas até então reprimidas. Sob sua

administração, o corpo intelectual secular começou a se desenvolver, constituído geralmente por cidadãos afegãos educados no exterior para poderem gerir o aparelho estatal. Essa “profissionalização” os fez ter contato com outras nações. Um dos grandes parâmetros desta intelectualidade passou a ser a modernização da Tunísia e os Jovens Turcos⁶. Para estes o Afeganistão precisava ser inserido na modernidade.

A política de colaboração com a Inglaterra, empreendida em seu governo, conseguiu descontentar a todos: a intelectualidade, por esta representar um empecilho à modernidade, os líderes religiosos e os chefes tribais por ansiarem pela independência plena do país. Destarte, no dia 20 de janeiro de 1919, Habibullah foi assassinado. Amanullah, seu filho e membro dos Jovens Afegãos, assumiu, o rei declarou a independência do Afeganistão, prontamente reconhecida pela União Soviética e recusada pela Inglaterra. Como reação à postura inglesa, Amanullah comandou um levante nas áreas tribais da Linha de Durand. Tropas inglesas foram enviadas à região, culminando na Terceira Guerra Anglo-Afegã (maio de 1919 a junho de 1919). A curta duração do conflito se deve à exaustão da Inglaterra nos pós I Guerra Mundial e à incapacidade afegã de expulsar os invasores.

A Inglaterra finalmente reconheceu a independência do Afeganistão em 1922, embora este tenha perdido territórios no decorrer dos três conflitos Anglo-afegãos, jamais recuperados. Como consequência imediata, os subsídios ingleses no país foram retirados. O grande problema era que estes representavam a maior parte da receita do governo. Os anos seguintes foram marcados pelos esforços de Amanullah em receber assistência técnica e militar de diversos países, tentando estreitar laços com a comunidade internacional. As assistências vieram, porém se mostraram insuficientes, o que resultou, dentre outras medidas, “na abertura ao comércio internacional e um modelo de acumulação de capital capitaneado pelo Estado” (GOMES, 2008, p. 48).

Das muitas providências tomadas no reinado de Amanullah, destacou-se um maior investimento na infraestrutura, a fim de evitar que tribos continuassem a cobrar taxas de caravanas em regiões mais distantes, reformas tributárias que aumentaram as tensões tribais com o governo, e, o mais importante, a primeira Constituição da nação, promulgada em 1921. É nesse mesmo período que outros países islâmicos, como o recém Estado laico na Turquia (1930), adotam medidas modernizadoras. No caso do Afeganistão, práticas empreendidas no tocante à educação e à regulamentação social entraram em choque com o clero e os ditames de

⁶ Os Jovens Turcos foi um movimento iniciado pelos estudantes militares da Turquia que espalhou-se para diferentes setores da sociedade. Em oposição ao Sultão Abdulhamid II, obtiveram êxito na construção de uma democracia multipartidária. O movimento influenciou os jovens do mundo islâmico, inclusive no Afeganitão.

uma sociedade patriarcal e conservadora, pois:

Amanullah deu atenção considerável para a educação, criando colégios voltados para a educação secundária assim como para o ensino das mulheres (...) introduziu um currículo secular e trouxe professores da França, Alemanha e Índia. Procurou aumentar os direitos das mulheres e outorgou diversas regulamentações contrárias à escravidão e ao trabalho escravo (EWANS *apud* GOMES, 2008, p. 50).

Outro contraste cultural empreendido no governo de Amanullah, foram “medidas como a monogamia obrigatória e o uso de trajes ocidentais para os funcionários do governo” (GOMES, 2008, p. 50).

Um aspecto relevante foi a ineficiência do governante em fortalecer o exército, o que resultou, dentre outros fatores, na eclosão de diversos conflitos, que culminaram no exílio de Amanullah na Itália. A revolta liderada por Habibullah Kalakanir⁷, responsável por despossuir Amanullah e o irmão dele, Inayatullah Khan, que foi obrigado a abdicar do reino para Kalakanir assumir, era formada majoritariamente pela etnia tadjique. Sob o curto governo de nove meses, Kalakanir revogou todas as medidas modernizantes. Não obteve o apoio dos pashtuns, e, sem receita, os tadjiques mal chegaram ao poder e se viram obrigados a deixá-lo. Esse breve governo foi caracterizado pela anarquia, pilhagem e terror. Destarte, de 1929 até 1978, o Afeganistão foi governado por membros da família Musahiban, majoritariamente pashtuns e descendentes de Ahmad Shah Durrani, o primeiro monarca afegão.

Nadir Shah, um primo distante do rei deposto Amanullah Khan, organizou uma lashkar⁸ bem-sucedida, tomando o poder de Kalakanir. Para não contrariar o apoio tribal e clerical que o colocara no poder, não modificou, a princípio, a outorga das medidas modernizantes, mas procurou fortalecer o Estado por meio de subsídios de uma boa relação com a União Soviética e a Inglaterra. Apesar do sucesso em aplacar as revoltas em seu governo, em 1933, Nadir é assassinado, e deixa seu filho, Mohammad Zahir Shah, de 19 anos, como sucessor. Zahir Shah assume, mas nas duas primeiras décadas quem governou de fato o país foram seus tios. Até 1946, Mohammad Hadhin governou autocraticamente, posteriormente Shah Mahmud convocou eleições em um período conhecido como Parlamento Liberal e assumiu o poder até 1952. Nessa administração, Zahir Shah era o rei, mas o primeiro ministro Shah Mahmud era o responsável pelo governo efetivamente.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Afeganistão, a princípio simpático ao governo

⁷ Habibullah Kalakanir foi um militar tadjique que lutou na Terceira Guerra Anglo-afegã, e, em determinado momento, rebelou-se, vindo a tomar o poder.

⁸ Lashkar é um grupo armado organizado por tribos para defender determinado território. A terminologia da palavra remete à cidade de Lashkar Gah, de etnia majoritariamente pashtun.

nazista, rompe suas relações com a Alemanha em decorrência do ataque por ela realizado à União Soviética em 1941, e, com a entrada dos soviéticos no lado dos Aliados, o país expulsa do Estado todos os cidadãos oriundos do Eixo. Apenas podemos compreender esse dado frente ao aumento da dependência da economia externa afegã. Utilizando-se de Rubins (1988), Aureo Toledo Gomes exprime o cerne dessa medida: “se em 1926 os tributos internos representaram 62,5% da receita total do país, no período compreendido entre 1952-1953 tal montante decresceria para 18,1%, caindo cerca de 7% em 1958 e atingindo incríveis 2% em 1970” (GOMES, 2008, p. 52).

1.2.3 O Afeganistão na Guerra Fria

O Afeganistão após a II Guerra Mundial adotou um tipo particular de estatismo, em que o Estado adquire o status de força dominante da sociedade, não em virtude do monopólio de coerção, apesar de dispor em seu favor um exército e forças policiais modernos, mas através da centralidade de sua economia como único agente receptor de empréstimos estrangeiros e provedor dos serviços essenciais à população. O país optou por uma política de coexistência com as microsociedades afegãs, favorecendo, em especial, a etnia pashtun. A dependência dos subsídios da comunidade internacional o caracteriza como um Rentier State, o que ocasionou inúmeras oscilações econômicas, inflando, na década de 1960, a máquina estatal de funcionários mal pagos, que viriam a engrossar grupos opositoristas ao governo, levando-o à incapacidade de pagar suas dívidas na década de 1970 (SAIKAL, 2004).

Segundo Hammond (1987), o rei Mohammad Zahir ocupou o trono de 1933 a 1973, e era um líder que delegava a maior parte das tarefas governamentais a seus parentes, o que incluía seu primo e cunhado, o Príncipe Mohammad Daoud, que ocupou o cargo de Primeiro-Ministro entre os anos de 1953 e 1963. Daoud era um líder progressista, que construiu a economia e expandiu a educação. Hammond (1987) aponta alguns possíveis motivos da ruptura entre o rei e Daoud, dentre eles a questão dos pashtuns, por ele inflamar os ímpetos nacionalistas dessa microsociedade na fronteira com o Paquistão, e as relações com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O Primeiro-Ministro deixou o cargo por cerca de dez anos, Hammond (1987) afirma que Daoud “permaneceu no ostracismo, observando, com desaprovação, as coisas que o rei fazia sem ele” (HAMMOND, 1987, p. 30).

O monarca, em uma dúbia iniciativa democrática, permitiu a criação de uma nova Constituição, de um parlamento, a convocação de eleições, a defesa da liberdade de imprensa e a abertura e organização de novos partidos. A provável premissa de estender com estes atos o seu poder mostrara-se um tiro pela culatra. O contexto era de uma turbulenta crise política envolvendo facções pró-soviéticas, pró-islâmicas e o PDPA no período de 1960 até 1973.

Conforme Hammond (1987), essa Nova Democracia do rei Zahir prometeu mais do que concedeu. Nas primeiras eleições, em 1965 e 1969, apenas dez por cento do eleitorado participou, e a prometida terceira eleição de 1973 nunca ocorreu. O parlamento, controlado por conservadores, bloqueava quaisquer investidas progressistas, sendo vetadas, em última instância, pelo monarca. Um terço dos membros era analfabeto, faltava muito para a imprensa de fato ser livre, e os mecanismos de controle eram profundos. A oposição comunista no parlamento também promovia tumultos nas ruas, que, ocasionalmente, resultavam em banhos de sangue, alarmando o rei, que se recusou a assinar a lei que legalizava os partidos políticos. Hammond (1987) concluiu:

o novo e inexperiente parlamento, em vez de se concentrar na atividade legislativa, degenerou rapidamente em um fórum de críticas irresponsáveis ao governo e à família real (...) para o rei e a equipe da cúpula, a sobrevivência é o primeiro objetivo; todos os demais são secundários (HAMMOND, 1987, p. 37).

Uma grande seca assolou o país entre os anos de 1969 e 1972, colocando em xeque a credibilidade do governo monárquico de Abdul Zahir. A fome levou à morte algo que pode ter chegado a 500 mil afegãos; os preços dispararam, a corrupção dos funcionários estatais impediu uma ajuda externa mais ativa, tendo o governo adotado uma distribuição mais eficiente de suprimentos somente no final de 1972. Nesse cenário, destacou-se o ministro das Relações Internacionais, Musa Shafiq, como um dos principais nomes do enfrentamento bem-sucedido à crise de fome instaurada no país, o que lhe garantiu a nomeação de primeiro-ministro em dezembro de 1972 que perdurou até 1973 (SAIKAL, 2004).

Shafiq, era descendente de proeminentes políticos afegãos, funcionários públicos e líderes religiosos; tinha formação mista, islâmica pela universidade egípcia de Al-Azhar University e ocidental, pela estadunidense Columbia University. Nas palavras de Saikal, ele

parecia ser o homem certo para colocar o processo de democratização em um curso mais estável: um tecnocrata, um leal, enérgico solucionador de problemas e um dos criadores originais do novo sistema político constitucional no Afeganistão (SAIKAL, 2004, p. 170, tradução nossa)⁹.

⁹ No original: “*appeared to be the right man to put the democratisation process on a more stable course: a technocrat, a loyal, energetic trouble-shooter, and one of the original designers of the new constitutional political system in Afghanistan*”.

Seu ministério era composto, em sua maioria, por homens jovens, liberais e não manchados pela corrupção. Shafiq conseguiu apaziguar os grupos opositoristas, tanto islâmicos quanto liberais, recorrendo a valores religiosos e enfatizando sua disposição em consolidar a democracia afegã. Dispondo de um poder, até então sem precedentes para um primeiro-ministro, o tecnocrata iniciou uma série de reformas indispensáveis para um processo constitucional mais eficaz e com maior estabilidade política e social, conciliando o executivo e o legislativo, e revertendo a depressão econômica através do estímulo da indústria privada, do aumento das exportações e das receitas fiscais. (SAIKAL, 2004).

Na política externa, reafirmou o status de neutralidade, não alinhamento e relação amistosa do país com a União Soviética, tendo também enfatizado a cooperação regional para o desenvolvimento, em especial o estreitamento de laços com o Irã, que emergiu como uma das principais potências regionais devido a sua produção e distribuição em alta de petróleo. Essa movimentação de Shafiq buscava diminuir a dependência do Afeganistão em relação aos soviéticos (SAIKAL, 2004).

Essa aproximação com o Irã levou à concessão da distribuição das águas do rio Helmand, há muito tempo disputada entre as duas nações em troca de uma promessa de ajuda financeira de Teerã, ocasionando um despertar opositorista, tanto de direita quanto de esquerda no Afeganistão. O primeiro-ministro pretendia estreitar as relações com o Paquistão, tendo o presidente Bhutto visitado Cabul em janeiro e maio de 1972. A abordagem de Shafiq em relação ao Pashtunistão era pôr fim de forma pacífica nas disputas que remontam à colonização britânica, reconhecendo o direito à autodeterminação dos paquistaneses que se identificam como afegãos por serem pashtuns, abdicando das disputas territoriais (SAIKAL, 2004).

As habilidades do primeiro ministro nas relações internacionais foram capazes de romper com a prática tradicional de os primeiros-ministros afegãos sempre visitarem Moscou primeiro, dessa forma, o Chefe de Estado, Nikolar Podgorny, aterrissou em Cabul, em maio de 1973, com as seguintes propostas: estabelecer um Sistema de Segurança Coletiva Asiático; construir um Centro cultural na capital; construir pontes sobre o rio Amur; e viabilizar uma ferrovia de Cabul ao terminal fluvial de Hairatan, na fronteira soviética. Nenhuma dessas propostas se concretizaram, demonstrando que o encontro diplomático não foi tão bem-sucedido quanto o primeiro-ministro afegão esperava. Digno de nota é a justificativa da não aderência ao Sistema de Segurança Coletiva Asiático: Cabul o interpretava como um dispositivo dirigido contra a China, não querendo, por isso, participar desse empreendimento.

Apesar das trocas de promessas de amizade mútua, Moscou também se opunha à política de Shafiq em relação ao Pashtunistão (SAIKAL, 2004).

Caso o governo de Shafiq não fosse acometido por um golpe de Daoud, ele consolidaria duas características já em prática: em primeiro lugar, a aceleração do processo de democratização com véis islâmico deixaria pouca margem para a ascensão comunista e daoudista dentro de um Estado moderno; e por fim teria impedido o crescimento da influência soviética, uma vez que já nesse período as forças de Moscou angariavam pouco apoio ideológico em solo afegão, perdendo adesão, inclusive para partidos menores, como o Sho'laye Jawed de alinhamento maoísta (SAIKAL, 2004).

Shafiq e Abdul Wali, assim como outros membros do governo e oficiais militares, foram encarcerados, o exército, segundo Saikal (2004) não ofereceu resistência, e a população, em geral, encarava o seu retorno ao poder como uma simples alteração de diferentes membros da realeza. A república foi proclamada, e uma Comitativa Central assumiu o poder executivo, elegendo Daoud como presidente, primeiro-ministro, ministro das Relações Exteriores e ministro da Defesa da República do Afeganistão (SAIKAL 2004).

2 IDEIAS RIVALS DE NAÇÃO: AS MICROSSOCIEDADES AFEGÃS

Já dizia o mito pashtun a respeito da criação do Afeganistão:

Logo após concluir a criação do mundo, Deus deparou-se com uma enorme quantidade de restos. Eram pedregulhos soltos, de vários tamanhos e que não encaixavam com nada. Deus empurrou aquelas sobras despejando-as num canto do mundo. Com isto, criou o Afeganistão (SCARLÉCIO, 2010, p. 48).

O Afeganistão é um país asiático de importante posicionamento geoestratégico, interligando o Oriente Médio com a Ásia Central e o subcontinente indiano. Faz fronteira com China, Irã, Paquistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão e, durante a Guerra Fria, também fazia divisa com territórios soviéticos. Em 2005, o país possuía 34 províncias, as quais se subdividiam em 398 distritos. Etnologicamente, o Estado abriga diversas microssociedades. As mais relevantes dentre elas são os pashtuns, seguidos pelos tadjiques, hazaras, uzbeques e os turcomanos.

De acordo com o historiador Marcio Antonio Scalércio, os pashtuns representam cerca de 42% da população, os tadjiques 26%, 9,3% são da etnia hazara, 8,7% da uzbeques e 3,3% da população é formada por turcomanos (SCALÉRCIO, 2010). As demais minorias juntas não ultrapassam 1%. A diversidade cultural é evidenciada também nos dois idiomas oficiais: o dari e o pashto, idiomas turcos falados por cerca de 11% da população, além de diversos dialetos existentes. De acordo com o doutor em ciência política Aureo de Toledo Gomes, a história do país perpassa sucessivas invasões e conflitos internos entre as microssociedades e membros do poder (GOMES, 2008).

Segundo Dubow (2009), a diversidade étnica afegã minou as tentativas de se construir uma nação e é resultado da localização do Afeganistão nas periferias dos grandes impérios do mundo. Razaiat e Pearson (2002) acrescentam o fato da fragmentação geográfica, que em muito se relaciona com a fragmentação étnica.

O Afeganistão é um país repleto de montanhas no sudoeste da Ásia, sendo desprovido de litoral. Ele é dividido de sudeste a noroeste pelas cordilheiras Hindu Kush e Pamir. A variação considerável nos tipos de terreno e as dificuldades impostas pelas elevadas montanhas, além dos desertos, justifica para os autores a grande diversidade étnica e cultural existente no país, que em grande parte ainda se configura como uma sociedade tribal, dividida em inúmeros clãs, tribos e grupos menores.

Particularmente no século XX, a trajetória do Estado afegão é marcada pela tentativa de

forjar e promover um sentimento de nacionalidade entre os mais diversos povos do país, assim, a ideologia do nacionalismo no Afeganistão encontra na família Tarzi um dos precursores desses valores. Pertencentes à dinastia real, e tendo sido exilados por Abdur Rahman na década de 1880, em Damasco, onde entraram em contato com os movimentos modernistas e reformistas que assolavam o território otomano, Mahmud Tarzi, o membro mais influente da família, ao retornar ao seu país de origem, filiou-se ao grupo elitista, posteriormente conhecido como Jovens Afegãos, que tinha como objetivo promover o nacionalismo afegão e o movimento constitucionalista.

2.1 Uma breve análise sobre a Historiografia Afegã

Após o estabelecimento do regime de Nadir Shah, em 1929, a historiografia no Afeganistão evoluiu da produção rotineira de crônicas analíticas da corte para experimentos com métodos modernos de escrita da história. Com efeito, a historiografia foi usada para impulsionar o nacionalismo e legitimar as atividades de construção nacional do regime dominante para aprimorar e promover a identidade nacional afegã.

Segundo a historiadora afegã Senzil Nawid (2016), Zahir Shah governou de 1933 a 1973 em um período raro de estabilidade política na história afegã. Nesse período uma historiografia afegã nacionalista tomou forma, fazendo com que a escrita da história no Afeganistão evoluísse do estilo grandiloquente da historiografia da corte, identificado pelo uso excessivo de adornos literários, para uma forma mais simples. Um exemplo desse tipo de historiografia é *Tarikh-i Ahmad Shahi*, uma biografia de Ahmad Shah Durrani por seu historiador da corte, Mahdi al-Husayni. Independente da influência da corte real, essa nova tendência na escrita da história progrediu.

As décadas de meados do século XX do governo de Zahir Shah foram importantes, não apenas para a escrita de novas histórias, mas também para a publicação de histórias antigas, até então inéditas.

O famoso historiador da corte de Amir Habibullah, Fayz Muhammad, é considerado o precursor da historiografia afegã moderna devido ao seu estilo de escrita livre de ornamentações tediosas. Como cronista da corte assalariado, ele empregou o formato tradicional de análise dos historiadores da corte, mas seu estilo de escrita era desprovido do fraseado que objetivava o

elogio constante.

Como conceito intelectual e social, o nacionalismo se enraizou no Afeganistão por volta do início do século XX. Assim como em outras partes do Oriente Médio, foi promovido em periódicos e jornais populares, tendo o jornal quinzenal de Cabul, *Siraj al-Akhbar Afghaniyah* (A Lâmpada das Notícias do Afeganistão), editado pelo escritor afegão Mahmud Tarzi, tornando-se o arauto do nacionalismo afegão.

Nos anos seguintes, a historiografia nacional e moderna começou como um esforço literário patrocinado pelo Estado e, em sua maioria, permaneceu no domínio de não especialistas, que careciam de formação histórica e política, esta que refletia o nacionalismo de Nadir Shah.

Na função de embaixador na França e depois como cidadão em exílio, Nadir Shah inspirou-se pela forma como a Academia Francesa promoveu a língua francesa e sua literatura. Em 1931, pouco mais de um ano após ascender ao trono, Nadir Shah fundou a *Anjuman-i Adabi-yi Kabul* (Sociedade Literária de Cabul), usando a Academia Francesa como modelo. Patrocinada pelo Ministério da Educação e sob supervisão direta do Secretariado Real, a Sociedade Literária de Cabul perseguiu quatro objetivos, a saber: estudar e esclarecer a herança histórica afegã; estudar e promover a literatura e o folclore afegão; gerar e promover a língua *pashto*; e divulgar o conhecimento sobre o Afeganistão e sua cultura.

Fann-i tarikhnavisi, isto é, artigos sobre escrita de história, apareceram em edições dispersas do jornal de Cabul durante seu primeiro ano de publicação. Eles enfatizaram a necessidade de uma abordagem científica e crítica, bem como a apresentação de dados precisos. Um desses artigos enfatizou que a finalidade da historiografia era promover as políticas e os objetivos do Estado. Do ponto de vista governamental, o objetivo principal da historiografia era promover a identidade nacional e a história afegã.

Posteriormente, artigos sobre a história do Afeganistão apareceram na revista intitulada *Afghanistan wa Nigahi ba Tarikh-i An* (O Afeganistão e um olhar sobre sua história). Os colaboradores eram jornalistas e escritores que traçaram uma nova direção na escrita da história e, ao fazê-lo, lançaram as fundações da historiografia moderna no Afeganistão.

A próxima fase relevante na historiografia afegã moderna foi a fundação, em 1942, da *Anjuman-i Tarikh-i Afghanistan* (Sociedade Histórica Afegã), tendo Ali Ahmad Kuhzad (1907-1983) como seu primeiro presidente. Apoiada pela monarquia, a Sociedade Histórica Afegã foi formalmente colocada dentro do *Riyasat-i Matbu'at* (departamento de imprensa) do governo, que aprovou o conteúdo de seu jornal, *Aryana*.

O jornal *Aryana* incluía pesquisas sobre a história afegã antiga, medieval e moderna, em artigos tanto em persa quanto em pashto. Em colaboração com o Museu de Cabul, a Sociedade Histórica Afegã deu passos importantes na coleta e publicação de documentos e manuscritos antigos. O Departamento de História da Universidade de Cabul incentivou ainda mais a pesquisa acadêmica sobre a história do Afeganistão enquanto disciplina acadêmica.

Uma década depois, em 1957, a Sociedade Histórica Afegã iniciou a publicação de outro Diário, chamado simplesmente *Afghanistan*. Sendo redigido no idioma inglês, discorria sobre história, biografia, etnografia, geografia e arqueologia. Os artigos eram escritos principalmente em inglês, mas ocasionalmente também em francês ou alemão, com colaboradores afegãos e ocidentais, o que revela uma dimensão transnacional da escrita afegã. Em meados do século XX, os historiadores do Afeganistão já possuíam uma sociedade profissional, com sua própria metodologia.

A rivalidade entre o Reino Unido e a Rússia czarista no século XIX, no período conhecido como O Grande Jogo, que em 1839 e 1879, respectivamente, instigou a Primeira e a Segunda Guerra Anglo-Afegã, foi interpretada por vários historiadores afegãos, caracterizando-a como um período de heroísmo nacional em face da agressão estrangeira.

A promulgação de uma nova Constituição em 1964 iniciou um período de liberdade durante o qual vários periódicos apareceram com amplas agendas liberais e socialistas.

Um marco na historiografia afegã é o livro de Ghubar, *Afghanistan dar Masir Tarikh*, que cobriu 2500 anos, período que se estende desde a era Avestan até a queda do rei Amanullah, em 1929. Ghulam Faruq I'tamadi, professor de história na Universidade de Cabul, mais tarde se referiu a essa obra como a primeira história analítica do Afeganistão escrita por um historiador afegão. O tema principal do livro eram as lutas, guerras e conflitos dos afegãos contra os invasores estrangeiros, senhores feudais e governos opressores. O autor afirmou que essas lutas pela liberdade da dominação estrangeira foram travadas em sua maioria pelo povo, e não pelas elites dominantes.

Em seu prefácio, Ghubar discorreu brevemente sobre a história do surgimento dos Estados-nação e sobre a ascensão do nacionalismo e do imperialismo no século XIX como ponto convergente da revolução industrial europeia, discutindo as consequências negativas do nacionalismo e do imperialismo europeu nas nações orientais. O autor culpou os europeus por deturpar a cultura e a história das sociedades orientais como resultado de preconceitos e equívocos. Ghubar distinguiu dois tipos de escritores europeus que se dedicavam aos assuntos relacionados ao Oriente Médio: aqueles fundamentados em pesquisas acadêmicas, que

contribuíram para o melhor entendimento das culturas orientais; e aqueles cujos trabalhos pautaram-se em pressupostos de superioridade cultural. Estes últimos apresentavam uma imagem distorcida dos países orientais para justificar os objetivos imperiais do Ocidente. Um desses equívocos foi o argumento de que os britânicos e os russos criaram o Afeganistão em uma região composta por múltiplas etnias com a finalidade de manter seu equilíbrio de poder sobre a região. Ao fazer isso, ignora-se a história do Afeganistão anterior ao século XVIII, que consiste em 1500 anos de resistência à invasão estrangeira.

O autor enfatizou a participação do clero afegão em incitar a resistência popular contra os britânicos durante a Primeira e a Segunda Guerras Anglo-Afegãs e por participar ativamente dos movimentos constitucionais do início do século XX, distanciando-se de uma análise marxista clássica, que identifica na religião um elemento contrarrevolucionário.

Abd al-Hamid Mubariz, um amigo e colaborador próximo de Ghubar, afirmou sobre essa obra que o trabalho de Ghubar está impregnado de fortes sentimentos nacionalistas em oposição a qualquer potência estrangeira que ameaçava a integridade territorial e nacional do Afeganistão.

A República Democrática do Afeganistão, sob a visão leninista marxista soviética da história se apropriou da obra *Afghan de Masir Tarikh*, de Ghubar, publicando-a com uma introdução que buscava vincular o conteúdo do livro a sua própria ideologia.

Em um esforço de alinhamento da doutrina socialista, A República Democrática do Afeganistão aboliu a Sociedade Histórica Afegã e colocou a pesquisa sob a égide da Academia de Ciências. O jornal da Sociedade Histórica, *Aryana*, foi substituído por um novo jornal literário, *Khurasan*. Artigos na imprensa mais ampla abordavam a história recente vista pelos olhos soviéticos. Esses artigos condenavam o imperialismo e retratavam o domínio da recém-deposta dinastia Muhammadza'i de forma negativa, ao mesmo tempo em que exaltavam o papel libertador do PDPA. A obra de Ghubar foi utilizada para corroborar as alegações acerca das atividades criminosas dos regimes anteriores.

Apesar de os números de publicações crescerem nesse período, as tentativas do novo regime de promover uma abordagem ideológica marxista-leninista para a escrita da história não tiveram sucesso, não produzindo nenhum novo historiador relevante, marcando, assim, um período de declínio da produção historiográfica.

Vale apontar duas grandes deficiências da historiografia da época: o excesso de subjetividade e a insuficiência de documentações e fontes, devido principalmente às restrições imputadas ao seu acesso. Somente em 1974, durante a presidência do governo republicano de

Muhammad Daoud, que o Arquivo Nacional Afegão foi criado. Apesar das limitações, os historiadores afegãos de meados do século XX foram bem-sucedidos em três seguimentos importantes: eles ajudaram a definir uma identidade nacional afegã; inauguraram os fundamentos de uma historiografia afegã moderna; e criaram um vasto corpo de literatura histórica.

Tais contribuições ajudaram a moldar a historiografia contemporânea afegã, que tem em Amin Saikal um de seus principais expoentes.

Essa breve análise da historiografia afegã serve ao propósito de desconstruir uma imagem reducionista de que os afegãos não produziram sua própria história, e que, portanto, caberia ao Ocidente preencher essa lacuna. Devido à dificuldade de encontrar tais fontes, essa dissertação se reserva a demonstrar a relevância da historiografia afegã.

2.2 O processo de pashtunização do Afeganistão

Em 1911, Tarzi publicou o *Seraj-ul-Akhbar* (Lâmpada de Notícias), de inspiração modernista-islâmico, enfatizando esse movimento como antídoto para o colonialismo ocidental e para os problemas muçulmanos. O periódico dedicou-se a definir a natureza e os objetivos do nacionalismo afegão, assim como a formular uma base teórica para nortear suas transformações socioeconômicas. O nacionalismo, enquanto ideologia, encontrava entraves, tendo em vista o mosaico étnico do Afeganistão, fazendo com que o movimento permanecesse fraco. De acordo com Hyman (2002), fazia mais sentido considerar as ideias rivais de nação, sustentadas pelas diferentes microssociedades do país, do que algum nacionalismo hipotético abrangente.

Como efeito da atuação de Tarzi e dos jovens afegãos, o rei Amanullah abdicou do trono em 1929. Enquanto eles alternavam entre uma concepção étnica e geográfica de nacionalidade afegã, a dinastia Musaheban optou por uma visão centralizada nos pashtuns, política essa que se intensificou após Nadir Khan assumir o trono em 1929, pois visava-se a pashtunização da história, cultura e sociedade afegã, adequando assim essa percepção da realidade às elites pashtuns. Essa guinada étnica de nacionalidade pashtun considerava como suporte ideológico a suposta descendência pashtun de uma raça ariana maior, substituindo uma crença popular entre as tribos pashtuns, que traçava suas raízes em uma das tribos israelitas perdidas.

A associação dessa microssociedade a uma raça ariana ganhou ênfase especial quando

Hitler ascendeu ao poder na Alemanha na década de 1930, demonstrando a influência do Ocidente no Afeganistão. Desse modo, os historiadores afegãos começaram a remontar sua ancestralidade em uma suposta civilização antiga, traçando elos com o Afeganistão moderno. Daoud, que se tornaria primeiro-ministro e, posteriormente, presidente do país, comungava desses princípios. Dessa corrente ideológica, surgiu a ideia de que os pashtuns no Afeganistão são os povos nativos do país, e não mais imigrantes oriundos das tribos perdidas de Israel. Sendo assim, os uzbeques e os turcomanos passam a ser considerados migrantes recentes da Ásia Central, enquanto os hazaras, remanescentes do exército mongol do século XIII. Tal concepção pode ser considerada excludente ao valorizar uma microssociedade em detrimento das demais, que são esvaziadas de suas historicidades, passando a ser perseguidas pelos pashtuns, seja com práticas de supremacia política, ou econômica e cultural.

Na constituição de 1931, a língua pashto foi considerada a língua nacional, sendo confirmada na constituição de 1964, seguindo-se de um esforço de marginalização da língua franca do país, o farsi. Citando Poulladda (1973) e Hyman (2002), Ibrahimi, na sua obra *The Hazaras and the Afghan State: Rebellion, Exclusion and the Struggle for Recognition*, citou esse esforço sistemático, através da:

Pashto Tolada (Sociedade Pashto), que se tornou o principal centro da nova historiografia, foi criada da década de 1920. Sob o regime de Musaheban, apoiada por fundos governamentais, a sociedade assumiu a tarefa de promover o pashto sobre o farsi ao extremo, inventando novas palavras compostas por pashto para substituir o persa e outras palavras estrangeiras de uso comum (IBRAHIMI, 2017, p. 97-98, tradução nossa).¹⁰

Outras políticas que impactaram diretamente os pashtuns foram as praticadas pelos sucessivos governantes afegãos ao longo do século XX, que adotaram medidas que visavam modificar a diversidade etnocultural do país. O aspecto mais consistente dessas políticas talvez seja o reassentamento das microssociedades pashtuns do sul e leste do Afeganistão para as regiões primordialmente não pashtuns do norte e nordeste do país. Embora seja pertinente esclarecer que algumas dessas migrações ocorreram de forma voluntária desde o século XX, com o governo de Amanullah Khan, os esquemas de redistribuição de terras tornaram-se políticas sistemáticas do Estado. Essa população de migrantes, de caráter colonialista, ficou conhecida como *naaqilin*, isto é, transferidos, e formaram comunidades pashtuns nas regiões

¹⁰ No original: “*The Pashto Tolana (Pashto Society), which became the main centre of the new historiography was established in the 1920s. Under the Musaheban, backed by government funds, the society undertook the task of promoting Pashto over Farsi to extreme lengths in inventing new compound Pashto words to replace Persian and other foreign words in common use*”.

de Qataghan e Turquestão do Afeganistão, regiões hoje pertencentes às províncias do nordeste e norte do país. Cercadas por não pashtuns, essas comunidades se tornaram dependentes da atuação do Estado.

Outra forma encontrada para nivelar a heterogeneidade étnica afegã foi a renomeação e redefinição das unidades geográficas que carregavam algum conteúdo étnico ou simbólico que contrastava com o projeto de construção nacional e cultural oficial do governo. Nas palavras de Schetter, “quase todos os governantes afegãos até a eclosão do conflito em 1979 consideraram a heterogeneidade cultural do território do Afeganistão um problema.” (SCHETTER, 2005, p. 7, tradução nossa)¹¹. Com a finalidade de superar esse problema, políticas de reorganizações administrativas e culturais projetaram-se para dividir regiões relevantes, como Turquestão, Qataghan, Khorasan e Hazarat.

A constituição de 1964, além de reforçar o idioma pastho como oficial, desmembrou as identidades étnicas e culturais do país, criando vinte e oito províncias administrativas menores, as quais partiam da divisão de grandes regiões já estabelecidas historicamente e culturalmente, tendo como objetivo reduzir, na política nacional, a participação das microssociedades e da partilha dos recursos orçamentais, concentrando-os nas mãos dos pashtuns e de seus aliados. Tais estratégias de unificação nacional relaciona-se com a noção de Carl Schmitt (2004), do povo como unidade minimamente homogênea, seja pelo aspecto religioso ou étnico, intenção política almejada pelos pashtuns ao enfraquecer as demais microssociedades.

Entre os anos de 1953 e 1963, em que vigorou o governo do primeiro-ministro Daoud Khan, a retórica de se libertar os pashtuns do Paquistão para criar um Pashtunistão livre e independente ou anexado ao Afeganistão, segundo Ibrahim (2017), tornou-se o principal objetivo da política externa do país, culminando na desconfiança duradoura entre os países. Recorrendo a Saikal (2004), Ibrahim pontuou que Daoud acreditava firmemente que a melhor maneira de lidar com os problemas do Afeganistão era através da supremacia étnica, cultural, religiosa e com base no idioma pashtun, visando, dentre outras coisas, opor-se ao pan-iranismo. Assim, a concepção de nacionalismo de Daoud era sinônimo de pashtunismo, o que requeria a pashtunificação do Afeganistão e a reunificação de todos os pashtuns em ambos os lados da Linha de Durand.

Ainda na primeira edição do *Kabul Times*, notícias das rivalidades das microssociedades supranacionais são enfatizadas, com a questão do Pashtunistão e da morte de um de seus líderes,

¹¹ No original: “Nearly all Afghan rulers until the outbreak of the conflict in 1979 found the cultural heterogeneity of Afghanistan’s territory an annoyance”.

o Ajab Gul Khail Apridi. Em 1962, nas primeiras edições do *Kabul Times*, uma série de artigos de autoria de Abdul Rahman Pazhwak¹² sobre o Pashtunistão reflete a visão que o periódico viria a adotar sobre a questão. Ao celebrar o fim do domínio britânico na Índia, reconheceu-se alguns resquícios colonialistas na região, como as questões da Caxemira e do Pashtunistão, que permaneceram sem solução. O primeiro afetou gravemente as relações entre a Índia e o Paquistão, enquanto o segundo trouxe uma grave situação internacional entre o Afeganistão e o Paquistão. Pazhwak afirmou que a legitimidade territorial dos pashtuns se baseia no mesmo direito à autodeterminação que os paquistaneses defendem em relação à Caxemira; e, quanto à linha de Durand, resgatou algumas observações de Rahman Khan.

Em sua autobiografia, Amir Abdul Rahman Khan, o então governante do Afeganistão, escreve que todos os seus argumentos contra essa exigência injusta e injustificada, e sua explicação do perigo iminente decorrente do ressentimento e indignação dos afegãos em ambos os lados da linha proposta, foram rejeitados unilateralmente pelo governo britânico, respaldados por ameaças bélicas e bloqueios políticos e econômicos. Ao mesmo tempo, o Emir registra que a Rússia czarista, de olho nas regiões de Roshan e Shegnan, estava exercendo pressão sobre ele (*KABUL TIMES*, 1962, 28 de fevereiro, p. 3, tradução nossa).¹³

Citando o escritor britânico G. B. Scott, Pazhwak descreveu um encontro do Emir e do Vice-Rei da Índia, em que o primeiro manifestou sua preocupação acerca da subjugação das tribos afegãs, aconselhando o segundo a permitir que os pashtuns permanecessem sob sua jurisdição, uma vez que eles não aceitariam outros governantes. O povo do Pashtunistão, que na defesa de sua liberdade e identidade nacional foi referido como “semisselvagem” por alguns documentos britânicos, será analisado nesta tese sob a ótica do Orientalismo de Said (2007). O Pashtunistão é compreendido pelo *Kabul Times* como vinculado ao Afeganistão e ao Oriente Médio por razões culturais, políticas, históricas e geográficas, distanciando-se das raízes e das microssociedades do subcontinente indiano.

¹² Pazhwak foi um importante poeta, escritor e diplomata afegão; de origem pashtun, iniciou sua carreira como jornalista, tendo logo se juntado ao Ministério das Relações Exteriores, na década de 1950, tornou-se embaixador das Nações Unidas, tendo presidido a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, entre os anos de 1966 e 1967. No início da década de 1970, foi embaixador do Afeganistão na Alemanha Ocidental e na Índia, e, em 1976, embaixador do Reino Unido até os governantes da Revolução de Saur o colocarem em prisão domiciliar, vindo a se exilar nos Estados Unidos, entre 1982 e 1991, e, posteriormente, se mudar para o Paquistão, onde veio a falecer.

¹³ No original: “*In his autobiography, Amir Abdul Rahman Khan, the then ruler of Afghanistan writes that all his arguments against this unjust and unwarranted demand, and his explanation of the imminent danger arising from the resentment and indignation of Afghans on both sides of the proposed line, were rejected unilaterally by the British Government, backed by the threats of arms and political and economic blockades. At the same time, the Amir records, that Czarist Russia who had their eyes on Roshan and Shegnan were exerting pressure on him*”.

Essa série de artigos tenta desconstruir as imagens criadas pelo Paquistão a respeito da luta do povo do Pashtunistão, considerada deturpada, restringida apenas ao seu caráter religioso. Pazhwak enfatiza que o histórico dos pashtuns dessa região perpassou e superou a questão religiosa, uma vez que eles empreenderam uma luta pela libertação nacional, tendo enfrentado todo e qualquer invasor, muçulmano ou não, em incursões contra os mughals muçulmanos, os siques “pagãos” e os britânicos cristãos. Isso explica por que a maioria dos líderes políticos do povo do Pashtunistão, durante o domínio britânico, uniu-se e simpatizou com o Partido do Congresso da Índia, uma organização principalmente hindu, e evitou o Partido Muçulmano, que não era suficientemente progressista no programa de independência. A dissertação partirá do pressuposto de que a tendência editorial do *Kabul Times* em relação ao Pashtunistão, conforme descrito nesta pesquisa, está explicitamente vinculada aos interesses da monarquia afegã, em projetos de embates de narrativas, com o objetivo de desqualificar o Paquistão como uma entidade governamental hostil à autodeterminação dos pashtuns.

Griffiths (1981) afirmou que o principal problema do governo era interno, dizia respeito à unidade e a minorias, sendo assim, o poder central enfrentou pressões, sociais e econômicas, de cunho tradicionalista e modernizante, o que dificultou impor métodos políticos sofisticados nas antigas instituições tribais, por sua vez imersas na questão da lealdade. O autor prossegue, argumentando que o maior desafio é justamente criar um senso genuíno de unidade nacional em um país cuja população é constituída por várias etnias, que têm poucas afinidades entre si.

Apesar da política sistemática de dispersão empreendida no século XX por vários governantes afegãos e que tinha como objetivo o domínio étnico em determinadas localidades, há bolsões raciais assentados nessas regiões, geralmente pashtuns e não pashtuns. Podemos considerar como outra forma de hegemonia pashtun o dado levantado por Griffiths (1981) a respeito da tendência de os pashtuns homens se casarem com outras minorias, em áreas compostas por pashtuns e não pashtuns, prática essa dissonante das demais microssociedades.

O principal movimento nômade no sudeste em Baluchistão, e em Badakshan no norte, é o Ghilzai, ramificação relevante dos pashtuns. Ele desempenha uma função relevante na economia e no comércio em diversas aldeias que perpassam sua rota, trazendo mercadorias para venda, emprestando dinheiro, e mesmo arrendando terras. Ele também fundou sua terra comunal de pastoreio, invadindo terras de fazendeiros, os quais muitas vezes contam com o apoio do exército e de políticas de fronteiras, que não são reconhecidas por esses pashtuns, o que demonstra a predominância dos pashtuns mesmo em áreas remotas (GRIFFITHS, 1981).

Outra forma da supremacia pashtun foi o fato de que, em regimes democráticos

anteriores à invasão soviética, a administração dos Ministérios não contou com mais do que dois não pashtuns, em um número que variava de quinze a vinte membros. Em fevereiro de 1980, o Ministério do governo de Karmal constava quatro não pashtuns em um total de dezesseis, entretanto é de se esperar um aumento dos números, uma vez que a causa revolucionária clamava pelos apoios das minorias.

Os grupos étnicos minoritários sempre sentiram que o Afeganistão é um país governado por pashtuns para pashtuns e que os outros grupos são, de certo modo, vítimas do colonialismo interno (GRIFFITHS, 1981).

Outro aspecto que contribuiu para perpetuar o domínio pashtun sobre o restante da população foi a centralização dos serviços básicos em Cabul, cidade dominada pelos pashtuns. Griffiths (1981) levantou um dado para exemplificar esse quadro: enquanto, proporcionalmente, existia um médico para mil pessoas na capital, no restante do país, eram treze mil cidadãos para um médico. O mesmo ocorria com a educação, em que Cabul praticamente detinha o monopólio das melhores instituições. O autor citou os hazaras e os uzbeques que se ressentiam dessa situação, não tendo escolaridade e consciência política, entretanto, para manifestar esse ressentimento em protesto político.

Algumas melhorias têm ocorrido nas províncias, mas mesmo estas se concentram em áreas pashtuns no sul e sudeste do Hindu Kush. É o caso, por exemplo, do desenvolvimento da agricultura em Khost e no Vale Helmand; da silvicultura de Ali Khel; e da hidroelétrica e irrigação na agricultura de Nangarhar.

2.3 Pashtuns

Os pashtuns são identificados por diversos nomes relacionados: afegão, que também denota a cidadania jurídica; pachtun; e mesmo pathan, embora essa última terminologia esteja em desuso, devido a seu caráter colonialista, desde sua criação pela etnografia britânica.

A resiliência pashtun é evidenciada em sua sobrevivência e resistência a pelo menos seis séculos de guerras, invasões e violência endêmica local. Por ironia, a instabilidade política e o intervencionismo externo na região ajudaram a preservar e a reforçar a natureza tradicional da sociedade pashtun, principalmente no campo, onde a maioria reside, entretanto, essa microssociedade hoje se encontra entre os povos mais subdesenvolvidos do mundo, com baixos

índices de expectativa de vida, alfabetização, emprego, segurança alimentar e um precário estado de direito, constituindo uma das maiores populações de deslocados do mundo, tendo a violência minado ou destruído a maioria de suas instituições sociais e políticas.

Os Pashtuns ocupam uma região montanhosa, que se estende por grande parte da fronteira com o Paquistão, vindo a desaparecer no deserto de Registan, a sudoeste de Candaar. Essa posição privilegiada, com esse terreno, permitiu que eles empreendessem um lucrativo comércio de contrabando com o Paquistão. Essa microssociedade também se beneficiou da terra relativamente fértil no vale do rio Helmand, o oásis de Candaar, o vale do rio Cabul passando por Jalalabad no leste do país e muitos outros férteis vales do sudeste do país. Os pashtuns também possuem terras em algumas das áreas mais férteis do norte do Afeganistão, como Kunduz, das quais se apropriaram em um processo de colonização efetuado por eles no final do século XIX. Sendo assim, constituem-se como proprietários rurais, tendo a agricultura como principal atividade, portanto, detentores do sistema produtivo do país.

Predominantemente, a população nômade do Afeganistão é formada pelos pashtuns, havendo uma competição histórica entre eles e os hazaras do centro do Afeganistão pelas pastagens. O Estado tendeu a favorecer os nômades, desapropriando terrenos dos hazaras. Com a ocupação soviética, no entanto, os hazaras obtiveram maior autonomia e conseguiram recuperar muito desta pastagem. Mais recentemente os pashtuns começaram a reivindicar seus direitos anteriores de pastagem.

Em conformidade com Siddique (2014), o primeiro movimento patriótico predominante pashtun se desdobrou ao redor de uma estrutura sufista moderada islâmica, no século XVI, através do Roshnya, ou Movimento “Iluminado”, liderado por Pir Roshan, conhecido como “o santo iluminado”, porém, de nome verdadeiro Bayazid Khan. Nascido em Jalandhar, no atual norte da Índia, criado no Waziristão, no atual Paquistão, em uma época em que o declínio do poderio pashtun era uma realidade frente à ascensão do Império Mughal, Pir Rodhan empreendeu uma rebelião aberta, que, com o tempo, ganhou adesão em âmbito nacional. O santo iluminado tentou aplacar as divisões das tribos pashtuns, reunindo-as de Candaar no Sul à Nangarhar no Norte sob a bandeira do *wahdat*, *qurbat* e *waslat*¹⁴, com o objetivo de independência e convivência pacífica entre os pashtuns. Sua liderança não era apenas intelectual e seus filhos e netos lutaram no campo de batalha contra o Império Mughal.

Ainda de acordo com Siddique (2014), outros movimentos nacionalistas pashtuns reconstruíram a trajetória histórica de luta e resistência dessa etnia, destacando-se, entre eles,

¹⁴ União, unidade e proximidade.

Khushal Khan Khattak, o chamado Poeta Guerreiro do século XVII.

O Poeta Guerreiro era oriundo de uma abastada família pashtun intimamente ligada à corte do Império Mughal. E, após ser encarcerado por sete anos, devido a uma briga com o imperador Aurangzeb, passou o resto de sua vida enfrentando a dinastia Mughal e tentando inspirar unidade entre os pashtuns em uma época em que o europeu estava definindo o nacionalismo e o Estado Khattak estava delimitando os contornos do patriotismo pashtun, defendendo o que hoje seria conhecido como luta de libertação nacional. Em um de seus poemas, ele afirma, de acordo com Saikal (2010), que, se as diferentes tribos se apoiassem, reis teriam de se prostrar diante delas, contribuindo para a formação de uma consciência nacionalista entre os pashtuns.

Desde a formação do Estado moderno afegão, com a Confederação Tribal de Ahmad, Shah Abdali, em 1747, apesar da autoridade central, diversas microssociedades permeavam o território do Império Durrani, também conhecido como Império Afegão, que, em seu auge, estendia-se da Ásia Central até o sul asiático, sendo o segundo maior Império Islâmico dessa época, atrás apenas do Império Otomano. Essas microssociedades tradicionais, conforme a visão de Saikal (2004), desfrutavam de relativa autonomia frente ao governo central, cada qual girando em torno de um líder tribal, étnico ou religioso.

Conflitos entre as microssociedades não são raros. Historicamente manifestados em práticas governamentais e tribais, foram suscitados, reprimidos ou provocados, conforme interesses de caráter socioeconômico e político das potências ocidentais, das alianças tribais e do clero local em políticas de coexistência, de acomodação, supressão, realocação, ou mesmo, dizimação étnica (SAIKAL, 2004). Como exemplo de políticas de alianças, pode-se citar a própria prática de coexistência de Ahmad Shah Abdali entre as microssociedades. Já no que diz respeito à dizimação étnica, Abdur Rahman Khan, conhecido como Emir de Ferro, conforme Sayed Askar Mousavi (1998), reprimiu violentamente a revolta dos hazaras.

Não somente as lideranças internas, mas as potências ocidentais e de países fronteiriços, tiveram que lidar com essa questão da relativa autonomia das microssociedades. Além da já citada Linha de Durand, no contexto da rivalidade imperialista na Ásia Central entre britânicos e russos, na disputa conhecida como Grande Jogo, a Rússia Czarista forneceu armas para os pashtuns poderem enfrentar a política de “pacificação forçada” britânica, que pretendia eliminar o elemento cultural dessa etnia, conhecido como *badal*.

Contribuindo para perpetuar um estereótipo, muitos dos acadêmicos ocidentais reduziram o código consuetudinário pashtun, o *pashtunwali*, a uma interpretação do

comportamento que enfatiza o *badal* (retribuição), que, por vezes, é confundido com vingança, mas na verdade essa tradição também inclui valores como perdão e cooperação. O *pashtunwali* também inclui competição (*siyali*), honra (*nang*) e hospitalidade (*melmastya*). Essa interpretação reducionista, assim como a vinculação dessa etnia aos extremistas e à adesão à violência, incide em Said (2007), que define um sistema de pensamento ocidental de viés colonialista e que concebe a complexidade e heterogeneidade do Oriente como um organismo homogêneo dotado de traços negativos, suscetíveis a controle e manipulação, processo por ele denominado Orientalismo. Apesar desses debates sobre o reducionismo ocidental em relação ao código de honra e costumes pashtuns, há uma controvérsia em relação à natureza deles quanto às restrições à mobilidade feminina e, por conseguinte, ao acesso mais restrito das mulheres à educação, emprego e saúde, através da instituição da prática do *pardah*, conforme defende Marsden (2001).

A Sociedade Pashtun da União dos Estudantes, da Universidade de Westminster, em Londres, formada para disseminar o idioma, a história e a cultura dessa etnia e conscientizar e criar uma plataforma na qual os pashtuns possam ter voz ativa e ser ouvidos é um dos exemplos de iniciativas dos próprios pashtuns para combater os discursos e representações hegemônicos do Ocidente. Frente às acusações do Ocidente, eles afirmam: “nós não somos todos simpatizantes do Talibã, e nós não somos terroristas” (ARIANA MONTHLY, jan. 2010, p. 7, tradução nossa).¹⁵

2.4 Hazaras

Conforme Marsden (2001), a parte ocidental da cordilheira central e acidentada do Hindu Kush é amplamente ocupada pelos xiitas hazaras. Com aproximadamente 50.000 quilômetros quadrados, a região é conhecida como Hazarajat, ou seja, Terra dos Hazaras, que consiste numa região inóspita formada por altas montanhas, vales e rios caudalosos. Devido à guerra e à perseguição sistemática, muitos hazaras se dispersaram pelas mais diversas regiões do país. As condições de cultivo são extremamente difíceis, e o frio é rigoroso, o que faz dos hazaras um povo pobre, que tenta sobreviver principalmente por meio da agricultura e pecuária. Outros vivem em Badakhsha e Turquestão.

¹⁵ No original: “*We are not all Taliban sympathizers and we are not terrorists*”.

Acredita-se que as origens dos hazaras remontem aos turcos, possivelmente descendentes das hordas mongóis ou turcas que se estabeleceram em milhares na área, nos séculos XIV e XV. Dubow (2009) defende a descendência mongol dos hazaras, a qual remontaria a Gengis Khan. A região posteriormente foi ocupada pelos safávidas persas nos séculos XVI e XVII, o que fez propagar o xiismo duodecimano¹⁶, ramificação do xiismo. Os hazaras se converteram a essa vertente da fé islâmica, e adotaram uma variação da língua persa, segundo Razaiat e Pearsom (2002), um dialeto misto conhecido como Hazaragi, composto por 80% de palavras dari, uma variação do farsi (persa), 10% mongol e o restante de origem turca. Eles mantiveram sua cultura, vestuário e peculiaridades do leste asiático. São conhecidos por seus provérbios, nos quais suas músicas e poesias se baseiam.

Os hazaras têm sido marginalizados política e economicamente, realizando, em geral, os serviços mais subalternos da sociedade e têm se ressentindo dessa situação. Essa condição de subemprego foi ilustrada por Sarabi (2005). O autor afirmou que, na década de 1960, cerca de 30 a 50% da mão de obra não qualificada, de artesãos, operários, lojistas e funcionários públicos de baixo escalão, era formado por hazaras que migraram das áreas rurais para as cidades. Por inúmeras vezes eles foram insultados por termos pejorativos, como *Hazara-e-mushkur* (hazaras comedores de ratos), *bini puchuq* (nariz chato), *khar-e-barkash* (burro de carga), dentre outros (RAZAIAT; PEARSOM, 2002).

Essa microssociedade acredita ser o povo nativo da região, tendo como argumento que as estátuas de Buda esculpidas nos penhascos de Bamiyan carregavam as características faciais dos hazaras, motivo provável pelo qual os rostos das estátuas foram destruídos no século XIX, e, posteriormente, destruídos por completo pelo Talibã, que é em sua maioria pashtun, os quais reivindicam, em particular desde 1930, o status de povos originários do Afeganistão. Trata-se, portanto, de uma guerra de narrativas.

Os integrantes dessa microssociedade foram submetidos a todo tipo de discriminação e perseguição, linguística, cultural e religiosa, tendo sido deslocados de suas terras tradicionais, vendidos como escravos e excluídos das políticas públicas. Este último fato pode ser exemplificado com a existência de raríssimas escolas em Hazarajat antes da ascensão de Daoud em 1973 ao cargo de presidente da República, situação que, na verdade, não se modificou muito, com a criação apenas de algumas escolas na região.

Após citar as características pessoais de Abdur Rahman, que em muito explicam as

¹⁶ Designação do xiismo que acredita na existência de doze imãs, isto é, sucessores espirituais e políticos do profeta Maomé.

perseguições por ele dirigidas entre 1890 e 1901, não somente aos hazaras, mas também aos tadjique, uzbeques, nuristaneses, Mousavi pontua que Rahman

não se destacará na história do Afeganistão simplesmente por ser um rei ou emir ditador, uma vez que todos os reis e emir foram ditadores em algum grau ou outro. Ao invés disso, será relembrando devido ao fato de considerar a si mesmo um ‘semideus’, com permissão para exercer pleno poder e controle sobre a vida de seus súditos” (MOUSAVI, 1998, p. 111, tradução nossa).¹⁷

Abdur Rahman teve seu regime descrito por alguns como o reino do terror. Ele era um etnonacionalista pashtun, que antagonizou outras etnias, consideradas por ele como infiéis. Ele ainda suprimiu com mão de ferro diversos levantes que ocorreram durante o seu governo, dentre eles os dos hazaras.

Mousavi (1998) discorre que as razões dos levantes hazaras não tinham sido até aquele momento devidamente esclarecidas pelos analistas, alguns compreendendo o ocorrido como um conflito entre o poder central e regional, enquanto outros enfatizaram a repressão e a injustiça social entre o povo. A esses fatores, o autor acrescentou o conflito centralização versus descentralização, conflito de classe e conflito tribal. O primeiro coincide com a argumentação do próprio emir de que os hazaras poderiam significar um entrave rumo a um governo centralizador, o qual Rahman almejava; o segundo é imerso de contradições, uma vez que não foi definido claramente o significado de classe; e o conflito tribal seria a origem da guerra de longa durabilidade entre o emir e as tribos e clãs, remontando a problemas não resolvidos, alguns seculares.

Os três levantes, que se sucederam, tiveram origem quando, na Segunda Guerra Anglo-Afegã, foi assinado o Tratado de Gandamark, o que impulsionou o emir a trazer para seu domínio as regiões do Turquistão, Kafiristão e Hazarajat, este último terra dos hazaras. Os levantes de um modo ou outro foram movimentos de resistência a essa subjugação, que resultaram no genocídio ou limpeza étnica de cerca de 60% da população dos hazaras.

2.5 Tadjique

¹⁷ No original: “*Abdur Rahman does not stand out in the history of Afghanistan merely for being a dictator ‘king’ or ‘amir’, for all of Afghanistan’s kings and amirs have been dictators to some degree or another; rather, because he considered himself as a ‘semi-god’, with permission to exercise total power and control over the lives of his subjects*”.

Os tadjiques representam cerca de 25% do total da população afegã, constituindo o segundo maior grupo étnico deste país; são em sua maioria sunitas e identificam-se com um forte sentimento étnico. Os tadjiques são na sua maioria originários das regiões montanhosas do país, a saber o leste do Hindu Kush, dedicando-se tradicionalmente à agricultura, pastoreio em regiões como o vale de Shomali, ao norte de Cabul, e no vale adjacente Panjshir (MARDSDEN, 2001), além da prática do artesanato. Eles ocupam posições intermédias na administração do país; constituem uma parte significativa da elite cultural afegã; e são identificados como uma etnia moderada e aberta à modernização (BONIFÁCIO, 2014), sendo, entretanto, desproporcionalmente representados na burocracia do país no período que antecede o golpe de 1978, conforme aponta Marsden (2001). A terminologia “tadjique” tem sido usada para designar todos os sunitas de língua persa que não são de origem turca.

Os tadjiques são descritos, por vezes, como persas, bactrianos e uzbeques persas. Um dos auges dessa etnia foi o Império Tajik Samanid, que foi, contudo, devastado pelo Império Turco Ghaznavid, no século X, o que forçou a imigração dessa etnia para o oeste. O contato dessa microssociedade com os persas, garantiu-lhe sua língua e seu caráter urbanístico. É a etnia mais urbana do Afeganistão, uma vez que, no início do século XXI, 14 das 20 maiores cidades do Afeganistão eram predominantemente tadjiques (DUBOW, 2009). A urbanização dos tadjiques, segundo Dubow (2009), enfraqueceu suas relações de lealdade tribal, mas eles mantiveram, entretanto, sua lealdade aos espaços, isto é, às cidades, o que ocorreu por exemplo ao vale do Panjshir, ao norte de Cabul, mesmo considerando as migrações. Suas características de migração lhe renderam escolaridade e acesso a alguns cargos burocráticos, incluindo escritórios militares, mas geralmente os excluindo de funções não burocráticas do exército.

Dois exemplos de governos tadjiques pretendem elucidar as rivalidades com as demais microssociedades, principalmente as que tradicionalmente ocuparam os espaços de poder no Afeganistão, os pashtuns.

Conforme Hammond (1987) discorre, em janeiro de 1929, o rei Amanullah, enfrentando forte oposição interna devido as suas medidas de modernização, reformas radicais e ocidentalização, foge de Cabul para Candaar. O líder da rebelião era, nas palavras do autor:

Um bandido analfabeto tadjik Habibullah Kalakani, também conhecido como Bacha-i-Saqao (Filho de um Carregador de Rio), que se proclamou rei e constituiu um ministério formado, em parte, de camponeses como ele próprio, alguns dos quais sem saber sequer assinar o nome (HAMMOND, 1987, p. 14).

Hammond (1987) problematiza as possibilidades de apoio da União Soviética nessa ocasião inesperada. Os soviéticos estavam mais inclinados ideologicamente a apoiarem “uma

revolta das massas pobres e oprimidas” do Afeganistão contra um rei autocrático que mantinham posturas de amizade em relação à União Soviética. O resultado foi estratégico, e, a despeito da inclinação ideológica, o apoio soviético a Amannullah se concretizou. Baseado em uma fonte interna de informações a esse respeito, a saber de Agabekov, antigo oficial da Administração Política do Estado (OGPU),¹⁸ o autor explica que o OGPU argumentava em favor da ajuda de Bacha, na esperança de que ele levaria uma revolução radical ao Afeganistão, que, por seu intermédio, o país se sovieteria. O comissário de assuntos estrangeiros, por outro lado, assinalava que a maioria dos apoiadores de Bacha eram tadjiques, uzbeques e turcos, além de outras microssociedades do norte do Afeganistão que faziam fronteira com os seus pares da Ásia Central e que estavam sob o jugo da União Soviética, o que provavelmente levaria o novo líder a apoiar os *basmachis*, os quais fugiram para o Afeganistão e enfrentavam a União Soviética para retomarem a independência de seus respectivos países, artificialmente divididos pelos soviéticos. Também pairava a dúvida se a nova liderança seria capaz de manter o poder por muito tempo em um país que, pela tradição, havia sido governado por monarcas e chefes tribais pashtuns. Sendo assim, o autor concluiu que as perspectivas comunistas e de revolução no país eram fracas ou inexistentes.

Já Amanullah era pashtun, e, segundo Hammond (1987), detinha grande parte do seu apoio dos pashtuns, que se sentiam insultados com a dominação inglesa na Índia sobre seus irmãos de tribo.

Uma vez definido quem apoiaria quem, ocorreu uma invasão no Afeganistão cujo líder nominal seria Ghulam Nabi, irmão de Amanullah, mas tendo como líder efetivo o soviético Primavok. Desconstruindo a ideia de alguns especialistas, de que essa invasão seria um episódio exclusivamente afegão, Hammond (1987) citou a conclusão de Alexander Barmine e do próprio Agabekov da OGPU, de que a invasão seria basicamente soviética, na qual os soldados do Exército Vermelho se disfarçaram de afegãos. Seja como for, a invasão foi bem-sucedida em destituir do poder o camponês revolucionário, que perdurou apenas nove meses na liderança do país.

Em 25 de abril de 1992, uma coligação, liderada pelo tadjique Ahmed Shah, toma a capital Cabul, instituindo o Estado Islâmico do Afeganistão, o qual veio a ser presidido por Burhanuddin Rabbani, com maioria tadjique. Todavia, o novo governo não obteve apoios importantes, como os dos pashtuns. Longe disso. De acordo com o historiador Márcio Scalécio, assim que este grupo tomou a cidade:

¹⁸ Instituição que antecede a KGB, cuja sigla significa Administração Política do Estado.

(...) saques foram promovidos, mulheres atacadas, prisioneiros eram executados sumariamente e pashtun da capital foram perseguidos, roubados e às vezes assassinados. O outro problema consistia na ação das forças políticas e das rivalidades das potências daquela região do mundo (SCALÉRCIO, 2010, p. 53-54).

2.6 Turcomanos

A noroeste do Hindu Kush estão situadas as colinas de Badghis, onde os turcomanos tentam sobreviver com a atividade do plantio do trigo. Os turcomanos do Afeganistão são originários das tribos turcas da Ásia Central que se deslocaram para o país como refugiados nas décadas de 1920 e 1930, a fim de escapar da repressão da União Soviética e da revolta *basmachi*, liderada pelos rebeldes islâmicos. Eles trouxeram com eles ovelhas e a indústria de tapetes turcomanos.

2.7 Uzbeques

A leste de Badghis está o deserto de Faryab e a planície que se estende para o norte até a Ásia Central, o que, permitiu o desenvolvimento de uma importante economia agrícola e comercial. A população desta área é predominantemente uzbeque e, como os turcomanos, é de origem turca, e também veio como refugiada do conflito com a União Soviética nas décadas de 1920 e 1930. Nessa região onde eles habitam, também existem importantes colônias pashtuns.

Para elucidar melhor o contexto da história dessas migrações dos uzbeques e turcomanos, além de outros povos da Ásia Central, faz-se necessário adentrar no conflito citado da União Soviética com a Ásia Central.

Outras microssociedades minoritárias são os quirguizes, nuristanes, aimaque e balúchi, dentre outras.

Em 1920, Stalin,¹⁹ que compartilhava a liderança com Lênin e Trotsky, dividiu a região

¹⁹ Stálin, desde 1917, liderava o Primeiro Conselho do Comissariado do Povo, o qual se ocupava das questões referentes às nacionalidades; a divisão da região em cinco Repúblicas Socialistas passou por um debate dessa instituição.

em cinco Repúblicas Socialistas que correspondem aos atuais Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão, desconsiderando fronteiras étnicas, religiosas e culturais, como enuncia o caso do Tadjiquistão. Nesse cenário, fora concedido à etnia tadjique um país, entretanto, não se incluíram os centros históricos, culturais e comerciais desse povo, como Bucara e Samarcanda, agora pertencentes ao Uzbequistão (RASHID, 2003). O objetivo dessa divisão arbitrária ajustava-se ao slogan do “dividir para governar”, demonstrando os limites da defesa das nacionalidades em relação ao governo russo.

Em razão da Guerra Civil Americana, e da conseqüente diminuição do fornecimento de algodão e minérios para as fábricas russas, o ímpeto expansionista russo cresceu em direção à Ásia Central, região essa que foi incorporada ao Império Russo Czarista, entre os anos de 1865 a 1876 e, posteriormente, à União Soviética. Esse processo expansionista modificou a paisagem da região, até então praticamente intocável, ao construir muitas e extensas redes de irrigação oriundas de represas para o cultivo do algodão, entre os rios Amur e Sir Daria, gerando poluição e danos irreversíveis ao meio ambiente, ocasionando a falta de água, extinção de rios e lagos, tornando desértica a região.

Segundo Rashid (2003):

o domínio czarista terminou em holocausto para as populações centro-asiáticas. Em 1916, com a fome assolando a região, uma revolução irrompeu após Moscou tentar arregimentar centro-asiáticos para combaterem ao lado do exército czarista na Primeira Guerra Mundial (RASHID, 2003, p. 55).

A “revolução” referida pelo autor na verdade foram rebeliões, primeiramente incitadas pelos cazaques e quirguizes, mas contidas violentamente pelos russos, o que gerou um aumento dos impostos na Ásia Central, tendo a Rússia se apropriado à força do trigo da região.

A Ásia Central é predominantemente muçulmana sunita, da vertente Hannafi,²⁰ sendo os xiitas uma pequena minoria, principalmente em algumas das grandes cidades comerciais, como Bucara e Samarcanda, situadas atualmente no Uzbequistão. Essa fragmentação religiosa, somada às divisões étnicas e à presença dos estrangeiros historicamente atuantes, explica, em grande parte, os inúmeros conflitos da região.

Rashid (2003) demonstrou que os centro-asiáticos resistiram à sovietação com mais intensidade do que a maioria dos habitantes das demais regiões, tendo sido liderados pelos *basmachis*, ou seja, os então denominados pejorativamente como bandidos muçulmanos, que,

²⁰ Hannafi é uma das quatro correntes de direito islâmico sunita, deve seu nome a Abu Hanifa An-nu'man Ibn Thabit, pensador do século VIII. É a escola muçulmana com maior número de adeptos do mundo, cerca de um terço de todo os islâmicos.

entretanto, não dispunham de um corpo coeso e unificado, devido a divisões entre facções étnicas, tribais e de lealdade, enfraquecendo a oposição e retaliação aos soviéticos, apesar do apoio que desfrutavam junto aos ingleses. Quando na Revolução Bolchevique, o centro-asiático já se encontrava em grande oposição ao regime russo devido a alguns fatores, dentre eles a fome extrema de 1916 e 1917, gerando uma crescente politização da população em um intenso sentimento anti-russo fomentado pelos intelectuais islâmicos.

Em 1917, os bolcheviques promulgaram a Declaração de Direitos, que permitia a todos os grupos nacionais o direito à autodeterminação, concedendo aos islâmicos a liberdade de exercerem sua religião. Na Ásia Central, entretanto, tal concessão mostrou-se extremamente limitada, não constituindo-se em direito à autodeterminação dos grupos nacionais, gerando, assim, intensos debates, que culminaram no nascimento de um nacionalismo centro-asiático em diversas tendências políticas que se multiplicaram na região, como o panturquismo, que previa um estado unificado turco, defendido pelos jadidistas,²¹ os reformadores islâmicos e alguns intelectuais urbanos. Outro exemplo de movimento surgido nessa época é o nacionalismo do Alash Orda²² do Cazaquistão.

Conforme Rashid (2003), quando os bolcheviques convocaram as Organizações Muçulmanas para uma reunião em Baku, no Azerbaijão, em 1920, “os delegados muçulmanos, adotando o slogan ‘Oriente não é Ocidente, Muçulmanos não são Russos’ (RASHID, 2003, p. 65), demandaram a fundação do Partido Comunista Muçulmano, legitimado pelo jornalista Mir Said Sultan Galiev, que defendia a coexistência pacífica entre comunismo e a religião muçulmana. Essas ideias foram toleradas apenas até os soviéticos consolidarem o seu poder, prendendo Galiev e todos os que se opunham à ortodoxia soviética, como os jadidistas, mulás, líderes de tribos e clãs nacionalistas, a exemplo dos Alash Orda.

Coletivização e reassentamentos forçados, expurgos políticos e repressão à religião islâmica foram práticas bolcheviques na retomada da Ásia Central. Rashid (2003) defendeu um atrofiamento do pensamento político-ideológico dessa região iniciado pelas ações soviéticas em 1923 e exacerbado quando a União Soviética definiu suas fronteiras e isolou a Ásia Central dos avanços dos novos movimentos políticos, como as novas ideias do pensamento islâmico.

Campanhas punitivas ao islamismo foram realizadas, então escorraçado para a clandestinidade. Segundo Rashid (2003), “mesquitas foram fechadas e convertidas em oficinas,

²¹ Os jadids foram reformadores modernistas islâmicos dentro do Império Russo, no final do século XIX e início do XX; defendiam um renascimento do islamismo dentro de uma lógica da modernidade e tinham forte apelo anticolonialista e anti-russo.

²² Alash Orda foi um governo provisório dos cazaques, sendo posteriormente integrado ao território soviético.

cerimônias e cultos muçulmanos abolidos, as mulheres foram proibidas de usar véu e as crianças de ler o Corão (RASHID, 2003, p. 69).

Com as mesquitas drasticamente reduzidas, nos anos de 1960, os soviéticos buscaram implementar um programa de aparente tolerância ao islamismo no seu país, intencionando angariar o apoio da comunidade internacional, criando, assim, uma política conhecida pelos críticos como Islã oficial ao abrir as madrassas oficiais, uma em Tashkent e outra em Bucara, com mulás dedicados aos estudos islâmicos e soviéticos, os quais recebiam o aval do governo. Mas foi o Islã clandestino, ou não oficial, que fomentou a fé do povo da Ásia Central; florescida em toda a parte, quando uma mesquita fechava, outra ressurgia. Estima-se que o Uzbequistão tinha seiscentas mesquitas não oficiais em 1945, enquanto o Tadjiquistão possuía cerca de quinhentas madrassas domésticas organizadas pelo povo, além de mulás e faquires itinerantes que possibilitavam a realização dos rituais por toda a região.

Em 1929 os últimos focos de resistência *basmachis* residentes do Tadjiquistão foram sufocados pelas tropas soviéticas, com a culminância de muitos fugitivos indo para o Afeganistão. Os ideais *basmachis*, algumas décadas depois, viriam a influenciar outro movimento de resistência aos estrangeiros soviéticos, os chamados *mujahidins*.

3 A FORÇA DAS MÍDIAS: O *KABUL TIMES* E *THE NEW KABUL TIMES*

3.1 A força das mídias

A história das mídias afegãs é indissociável da história das microssociedades desse país, visto que ela reflete não apenas a diversidade linguística e cultural, mas as lutas de poder e representações desses grupos, em oposição ou aliança com os interesses internacionais. O primeiro jornal do Afeganistão, *Shams-i Nahar (Sol da Manhã)*, foi publicado em 1873, durante o governo de Sher Ali Khan.

Em 1904, o jornal e as revistas *Al-Afghania*, *Siraj-ul-Atfal*, para crianças, e *Irshad-ul-Niswa*, para mulheres, foram publicados (ISACZAI, 2014).

Como marco histórico, citamos um dos primeiros jornais quinzenais no Afeganistão, o *Siraj al-Akhbar Afghaniyah (A Lâmpada das Notícias do Afeganistão)*, publicado entre 1906 e 1919, de tendência nacionalista e progressista. Foi publicado inicialmente em 1906, tendo como editor Abdul-Rau em uma única edição em persa, vindo a ser relançado em outubro de 1911, por Mahmud Tarzi, o editor e proprietário do jornal, que criticava veementemente a amizade entre o Império Britânico e o Afeganistão, dispondo do apoio do monarca Amir Habibullah. O periódico contribuiu para a independência afegã do Império Britânico. Mahmud Tarzi ficou conhecido como o pioneiro do jornalismo afegão. Em 1916 ele escreveu:

Siraj Al Akhbar Afghaniya não é nem britânico, nem russo, nem francês, nem italiano, nem alemão, nem chinês ou japonês. É um jornal muçulmano, e ele é especificamente um jornal afegão. Qualquer que seja a melodia que cante é do ponto de vista afegão e decorre do tom da dignidade nacional afegã (ISACZAI, 2014, p. 12, tradução nossa).²³

Em 1919, sob o reinado de Amanullah Khan, o jornal *A Lâmpada das Notícias do Afeganistão* foi substituído pelo *Aman-i-Afghan (Paz Afegã)*, servindo como órgão oficial do governo, enquanto vários jornais menores de caráter privado apareceram.

Duas décadas após a publicação do periódico *Paz Afegã*, surgiu como principal veículo de comunicação impresso o *Bakhtar New Agency*, durante o reinado de Mohammed Zahir Shah. Fundado na cidade de Cabul, de alinhamento pró-governo, foi publicado inicialmente nos

²³ No original: “*Siraj Al Akhbar Afghaniya is neither British, nor Russian nor French nor Italian nor German nor Chinese or Japanese. It is a Muslim newspaper and, in that, it is specifically an Afghan newspaper. Whatever it says, whatever melody it sings, is from an Afghan point of view and stems from the tone of Afghan national dignity*”.

idiomas pashto e dari, e, somente no ano de 1992, surgiu sua versão em inglês, destinada aos embaixadores estrangeiros. Citando Rawan, Isaczai (2014) aponta que a *Bakhtar New Agency* criou a possibilidade de troca de informações com os meios de comunicação provinciais e agências de notícias estrangeiras.

Com a necessidade de atender a um público mais diversificado, o *Bakhtar New Agency* criou o *The Kabul Times*, em 27 de fevereiro de 1962, que teve publicação diária, exceto às sextas-feiras e nos feriados sagrados, conforme os preceitos estabelecidos pelo Corão. O periódico foi redigido em inglês.

A Lei de Imprensa de 1965, expressa em 54 artigos, definiu regulamentos, direitos, leis e regras de imprensa. Um exemplo de liberdade de imprensa sendo reconhecido é que os periódicos tinham independência editorial, garantindo o direito da não interferência estatal nessa questão.

Entre 1966 e 1969, dois periódicos de cunho político-partidário foram publicados. O primeiro deles, o *Parcham (Bandeira)*, de tendência socialista moderada, foi fundado por Karmal, que teve contato com o socialismo durante o período em que esteve preso. Já em uma linha mais radical pró-soviética, estava o jornal *Khalq (O Povo)*, que defendia a derrubada do governo da monarquia e de Daoud e a instauração imediata de um regime comunista. Ambos os jornais davam nome às duas principais facções do PDPA e funcionavam como cartilhas ideológicas em uma nação com cerca de 92% de analfabetos. Em 1966, o *Khalq* teve apenas seis edições devido à censura do rei Zahir Shah; essas edições foram publicadas em pashto e dari. Em 1968, de início com a autorização do monarca, surgiu o jornal *Parcham*, publicado por Sulaiman Layeq e editado por ele e Mir Akbar Khaiber no período de março de 1968 a julho de 1969. Foi encerrado por determinação do Parlamento, que o considerou “anti-islâmico” e alegava que ele infringia a Constituição, demonstrando assim as limitações da liberdade de imprensa no país.

Ainda na década de 1960, na cidade de Cabul, foi fundado o *Kārawān* por Şābahuddīn Kushkaki, publicado em persa. A partir de 1973, com a destituição da monarquia, no governo de Daoud, todos os jornais e revistas privados foram fechados. Com a Revolução de Saur e, posteriormente, a invasão soviética, a imprensa se torna ainda mais um veículo de propaganda do Estado.

Em 1980 foi lançado o *Yulduz* para atender a microssociedade uzbeques. Já em 1982, em um contexto de ocupação soviética, Muhammad Yaqoub Sharafat funda o *Afghan Islamic Press*, uma agência de informação independente que recusou o financiamento de órgãos

governamentais, não-governamentais, ocidentais e mesmo das instituições islâmicas.

O rádio tem sido a forma de mídia mais popular no Afeganistão desde a década de 1920, principalmente as estações em que predominam os idiomas pashto e dari. Estima-se que existam 150 estações de rádio transmitindo em todo o Afeganistão, conforme o *The Cia World Factbook* (2015).

A primeira transmissão de rádio no país foi realizada em 1925, pela Rádio Cabul, inaugurando uma nova era da mídia de massa no país. No final da década de 1970, quase todas as casas nas regiões urbanas possuíam um rádio, que transmitia programas também em urdu, hindi e inglês.

Já a televisão veio mais tardiamente, tendo a primeira transmissão ocorrido em agosto de 1978, após a Revolução de Saur. As bases conceituais da televisão no Afeganistão, entretanto, remontam a 1967, quando o Dr. Hafiz Sahar, editor-chefe do jornal diário nacional *Eslah*, propôs, em um trabalho acadêmico na Universidade de Nova York, as recomendações técnicas para a implementação da televisão, pautado nas questões sociais, educacionais e culturais: a ideia era, principalmente, melhorar os índices de alfabetização no país por meio dessa mídia. Esse projeto foi adiado devido às instabilidades políticas do final da década de 1960 e início da década de 1970. Foi nesse período que ocorreu a destituição da monarquia por Daoud, e, posteriormente, a Revolução de Saur, de cunho marxista leninista, que transferiu o poder deste último para o PDPA.

Em 1976, a ajuda técnica e financeira fornecida pela Agência de Cooperação Internacional do Japão deu início às obras de construção dos prédios do estúdio e do transmissor, concluindo seu trabalho em agosto de 1978. A estatal Rádio e Televisão do Afeganistão (RTA) lançou o primeiro canal de televisão, que de início transmitia apenas duas horas diárias. Durante a década de 1980, após a invasão soviética, intensificou-se a exibição de programas televisivos soviéticos no Afeganistão e de videocliques de artistas nacionais, que eram gravados nos estúdios de televisão.

3.2 O *Kabul Times*, *The Kabul Times* e *The New Kabul Times*

O *Kabul Times* foi o primeiro jornal de língua inglesa estabelecido no Afeganistão pelo governo afegão, tendo sido publicado pela primeira vez no dia 27 de fevereiro de 1962,

passando a se chamar *The Kabul Times* em 1966. Após a invasão soviética, em 1979, é renomeado para *The New Kabul Times*, mudando seu editorial, até então pró-governo e nacionalista, para uma abordagem soviética de tendência anti-imperialista, reproduzindo estereótipos de homogeneidade cultural e social que culminaram na construção de uma imagem de inferioridade das microssociedades afegãs, como é o caso do discurso midiático propagado por esse jornal, que estigmatizava as tradições agrárias e regionais como atrasadas e feudais.

As notícias, particularmente no *The Kabul Times*, que serviram de fontes para a dissertação, foram selecionadas conforme os quadros a seguir, a partir dos assim considerados eventos-chave da história política do Afeganistão no período analisado. Esses eventos foram escolhidos mediante a leitura, principalmente, do livro *Bandeira Vermelha no Afeganistão*, de Hammond, e da obra *Modern Afghanistan: A History of Struggle and Survival*, do afegão Amin Saikal. Eles foram inseridos conforme sua disponibilidade no periódico, com suas respectivas datas, tanto do evento quanto do dia em que foi publicado. Essa seleção não pretende se estabelecer como um esquema rígido, ao contrário, ela é flexível, tornando possível que outras notícias não contidas nela sejam selecionadas, e mesmo algumas, já selecionadas, sejam retiradas da análise.

Quadro 1 – Eventos-chave do Afeganistão de 1977- 1978

Kabul Times	Data do Evento	Evento
2, 3, 4 e 6 de janeiro de 1977	Início de 1977	Nova Constituição de Daoud
12, 13, 14 e 15 de abril de 1977	Abril de 1977	Último encontro da União Soviética com Daoud
	Novembro de 1977	Repressão e Ataque a Grevistas e a Irmandade Muçulmana
	Início da Primavera de 1978	Viagens de Daoud a Índia, Paquistão, Egito, Líbia, Turquia e Iugoslávia
	Fevereiro de 1978	Daoud exonerou os esquerdistas do gabinete

	21 de março de 1978	Tratado de Comércio com a China
	Abril de 1978	Viagens de Daoud a Arábia Saudita, Kuwait e Egito
	Abril de 1978	Prisão de Amin, Taraki e Babrak Karmal
	19 de abril de 1978	PDPA organizou um funeral de seu líder Mir Akbar Kahyder
4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30 de maio de 1978	27 de abril de 1978	Revolução de Saur (Golpe do PDPA) e ações imediatas

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 – Eventos-chave do Afeganistão de 1978- 1978

Kabul Times	Data do Evento	Evento
4 de maio de 1978	30 de abril de 1978	Anúncio da liderança de Taraki
13 de maio de 1978 e 15 agosto de 1978	6 de maio de 1978	Taraki negou ser comunista, e declarou ser independente e não alinhado
	9 de junho de 1978	Entrevista ao <i>Die Zeit</i> , Taraki afirmou a luta entre o socialismo internacional (União Soviética) e o imperialismo internacional (Estados Unidos)
	9 de junho de 1978	Entrevista ao <i>Die Zeit</i> . Taraki reconheceu o uso da força para suas reformas
11 de junho de 1978	11 de junho de 1978	Amin negou se tratar de um golpe

5 de julho de 1978	Julho de 1978	Destituição da facção <i>parcham</i> incluindo Babrak Karmal e seu envio para o exterior
16 de julho de 1978	Julho de 1978	Decreto reduziu ou cancelou débitos rurais anteriores a 1974 e proibiu empréstimo a juros
2 e 9 de dezembro de 1978	Novembro de 1978	Decreto da Reforma Agrária de Taraki
18 de outubro de 1978	17 de outubro de 1978	Decreto que proibia o dote pela noiva
6 de dezembro de 1978	6 de dezembro de 1978	Tratado de Amizade, Boa Vizinhança e Cooperação entre Afeganistão e a União Soviética

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 3 – Eventos-chave do Afeganistão de 1978- 1979

Kabul Times	Data do Evento	Evento
	Verão de 1978 e meses que se seguiram	Levantes no Nuristão, Badakhastan e em todas as províncias
	Março de 1979	Massacre de Herat
6 de agosto de 1979	5 de agosto de 1979	Motim do quartel de Bala Hissar, em Cabul
	Final de agosto de 1979	Carta da facção <i>khalq</i> denunciando o regime de Amin
10 de setembro de 1979	Setembro de 1979	Taraki visitou Moscou

11 de setembro de 1979	11 de setembro de 1979	Taraki retornou de Moscou
	14 de setembro de 1979	Amin demitiu funcionários pró Taraki
	14 de setembro de 1979	Tiroteio no Palácio do Povo de Amin
16 de setembro de 1979	16 de setembro de 1979	Taraki foi afastado do governo e Amin assumiu o poder
24 de setembro de 1979	23 de setembro de 1979	Amin anunciou que terá uma nova Constituição.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 4 – Eventos-chave do Afeganistão de 1979

Kabul Times	Data do Evento	Evento
	Outubro de 1979	Ministro das Relações Exteriores de Amin, Shah Wali, convoca e acusa o embaixador Puzanov de conspirar contra Amin
16 de setembro de 1979	8 de outubro de 1979	Morte de Taraki
21, 23, 27 e 28 de janeiro de 1980	9 de outubro de 1979	Anúncio da morte de Taraki
	Final de outubro de 1979	Motim na 7ª Divisão do Exército, na Base de Rishkor, sul de Cabul.
	Final de outubro de 1979	Repressão militar à província de Paktia
3 de dezembro de 1979	28 de novembro de 1979	Visita do general da Divisão Viktor S. Paputin, vice-Primeiro-Ministro de Assuntos Internos da União Soviética a Cabul.

	Meados de dezembro de 1979	Suposta tentativa de assassinato de Amin no Palácio
1 de janeiro de 1980	Final de dezembro de 1979	Babrak Karmal assumiu o poder após a invasão soviética
1 de janeiro de 1980	24 de dezembro de 1979	Início da invasão soviética
27 de dezembro de 1979	27 de dezembro de 1979	Amin recebeu a visita do ministro soviético das comunicações

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 5 – Eventos-chave do Afeganistão de 1980

Kabul Times	Data do Evento	Evento
	27 de dezembro de 1979	Assalto soviético ao Palácio de Darul Aman. Morte de Amin
4 de janeiro de 1980	31 de dezembro de 1979	Babrak Karmal prometeu transformação gradativa da sociedade e permissão de atividades dos partidos progressistas, exceto os que apoiavam Amin
	31 de dezembro de 1979	Promessas de eleições
1º de janeiro de 1980	1º de janeiro de 1980	Anúncio do gabinete de Babrak Karmal.
1º de janeiro de 1980	1º de janeiro de 1980	Programa do Governo Karmal
1º de janeiro de 1980	1º de janeiro de 1980	Libertação dos presos políticos da prisão de Pui-I-Charkhi
1º de janeiro de 1980	1º de janeiro de 1980	Promessa de respeito, cultivo e aperfeiçoamento dos diversos dialetos e culturas

	Fevereiro de 1980	Greve Geral de comerciantes e funcionários públicos e manifestações
	Abril e maio de 1980	Revolta das crianças em Cabul
5 e 6 de agosto de 1980	5 de agosto de 1980	Motim da 14ª Divisão Blindada, devido à substituição de um <i>khalq</i> por um <i>parcham</i>

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 6 – Eventos-chave do Afeganistão de 1980- 1983

Kabul Times	Data do Evento	Evento
9 de outubro de 1980	6 e 7 de outubro de 1980 e fevereiro de 1981	Conspirações contra o Governo de oficiais da facção <i>khalq</i>
	25 de novembro de 1980	Mulás foram levados a Cabul para conferência e mandados em viagens gratuitas aos países da Ásia Central Soviética
	Janeiro de 1981	Lei de Serviço Militar aumentou em seis meses o tempo de serviço militar, gerando tumultos em Cabul e motins em unidades militares
	Julho de 1981	Guerra de três dias em Baghman
	Agosto de 1981	Revisões da Reforma Agrária
	Anos de 1981 – 1982	Seis incursões soviéticas no Vale do Panjshir
	Janeiro de 1982	Ataques soviéticos a combatentes da província de Parwan
	Meados de 1982	Bombardeios aéreos e de artilharia a Candaar e Herat
	Fevereiro de 1983	Guerrilheiros sabotaram quatro das mais importantes linhas de transmissão elétrica fazendo com que Cabul ficasse sem energia por quatro dias.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os discursos e as representações das microssociedades no Afeganistão no *The Kabul Times* e no *The New Kabul Times* estavam profundamente vinculados aos interesses políticos dos líderes afegãos que se sucederam, entre golpes e contragolpes, no período de 1977 a 1983, buscando a legitimidade desses regimes através da ideia de apoio irrestrito.

Contrastando com os discursos e as representações no *The Kabul Times*, as microssociedades dispunham de seus próprios interesses e reivindicações, que, em grande parte, opunham-se ao regime soviético. Portanto, a resistência, inclusive armada, era um fato que o periódico tentou ocultar ou amenizar.

Nour M. Rahimi, editor do *The Kabul Times*, em 1967, publicou o Anuário do *Kabul Times* em que o Ministro de Informação e Cultura do Afeganistão, M. Osman Sidky, enfatizou a importância de um periódico como esse publicado em língua inglesa, por difundir para o público estrangeiro uma “fonte confiável de informações sobre a história, geografia, economia, comércio, educação e cultura do Afeganistão, bem como as esperanças de seu povo” (RAHIMI, 1967, p. 4, tradução nossa),²⁴ permitindo, também, uma descrição concisa de todas as províncias do país. O ministro destacou o papel do periódico no fortalecimento das instituições afegãs ao noticiar, por exemplo, a importância da nova Constituição do Afeganistão, de 1964, considerada um marco histórico, tendo um papel de instruir o povo acerca do sistema de governo, dos seus direitos e deveres.

O ministro reconheceu, entretanto, algumas limitações do Anuário no capítulo referente à identificação das personalidades afegãs (Quem é Quem), que poderia ter sido mais abrangente. Essa crítica encontra mais fundamento quando se analisa os periódicos do *The Kabul Times*, nos quais muitas vezes não são fornecidos dados suficientes sobre os protagonistas das notícias.

Na primeira edição do periódico, o presidente do Departamento de Imprensa do *The Bakhtar News Agency*, Dr. M. A. Sohail, exprime os objetivos, desafios e público-alvo do *Kabul Times*:

A Agência de Notícias Bakhtar do Afeganistão está dando um passo importante ao publicar o primeiro jornal inglês a partir de hoje, para apresentar o Afeganistão ao mundo exterior e informar nossos amigos estrangeiros residentes neste país e no exterior sobre nossas atividades atuais e luta pelo progresso, assim como nossa história e cultura. Sendo um membro da sociedade humana, o Afeganistão quer que o mundo exterior conheça suas aspirações e seus esforços para a causa comum da paz e prosperidade para todos. O Afeganistão foi incapaz de contribuir muito para a causa mundial por muito tempo por causa de sua luta persistente e obstinada contra o colonialismo. Ele teve que sacrificar tudo para alcançar o objetivo tão nobre, ou seja, sua independência. A Bakhtar News Agency deve ser elogiada por esta nova empreitada, apesar das muitas dificuldades técnicas quanto à impressão que eles têm

²⁴ No original: “A reliable source of information on Afghanistan's history, geography, economy, commerce, education and culture as well as the hopes of its people”.

que enfrentar. Espero, no entanto, que com a instalação de uma nova impressora moderna em um futuro próximo, muitas de suas dificuldades sejam superadas. Ao final, considero meu dever parabenizar a equipe do *Kabul Times* e da Impressão, que juntos tornaram este empreendimento um sucesso (*KABUL TIMES*, 27 de fevereiro de 1962, p. 1, tradução nossa).²⁵

Uma vez explicitado um dos motivos de ser da publicação em inglês do *Kabul Times*, voltada para o exterior, compreende-se que a política de não alinhamento dos países, do então chamado Terceiro Mundo, relacionou-se com essa decisão, de alcançar cada vez mais o público internacional. A política de não alinhamento durante a Guerra Fria, segundo Lentin (1977), apesar dos esforços dos moderados, adquiriu um tom claramente anti-imperialista, o que pôde ser verificado no periódico citado, principalmente nos eventos que sucederam a Revolução de Saur, onde o aparato soviético se apropriou da máquina governamental, constituindo-se como veículo de difusão das pautas dos países não alinhados, em oposição as práticas consideradas imperialistas, principalmente dos Estados Unidos.

O editor chefe era Sabahuddin Kushkaki, e o editor era S. Khalil. O preço de uma edição era 1 afegane (Afs). Por assinatura, ele custava, em um plano anual, 250 Afs, 150 Afs, semestral, e 80 Afs, trimestral. Para assinaturas internacionais, o valor variava de 5 a 15 dólares, a depender da cobertura do plano.

Entre os anos de 1977 e 1983, período do qual esta pesquisa se ocupou, seis editores estiveram à frente do jornal, e em dois momentos o *The Kabul Times* ficou sem editor. Nour M. Rahimi, Kazem Ahang, Rahim Rafat, Azam Rahnawars Zaryab, Abdul Aziz Danishyar e Abdul Qudos Lmar se sucederam como porta-vozes dos governantes que se alternavam entre os golpes e contragolpes. Os posicionamentos dos editores ficaram explícitos nas colunas *Afghan Press*, espaço dedicado à opinião do periódico sobre determinado assunto interno do país.

Em algumas edições de janeiro de 1977, Nour Rahimi se posicionou a favor da nova Constituição, ressaltando-a como um elemento de garantias de direitos e estabelecimento de deveres por parte da população. O *Afghan Press* parece preencher estrategicamente o lugar de

²⁵ No original: “*The Bakhtar News Agency of Afghanistan is taking an important step forward by publishing the first English newspaper from today, to introduce Afghanistan to the outside world and inform our foreign friends residing in this country and abroad about our present activities and struggle for the progress as well as about our past history and culture. Being a member of the human society, Afghanistan wants the outside world to know about her aspirations and her endeavours to the common cause of peace and prosperity for all. Afghanistan was unable to contribute much to the world’s cause for long because of her sustained and stubborn struggle against colonialism. She had to sacrifice everything for the attainment of the much noble goal, namely her independence. The Bakhtar News Agency is to be complimented on this new venture despite many technical difficulties on the printing side which they have to face. I, however, hope that with the installation of a new modern printing press in the near future many of their difficulties will be overcome. At the end, I consider it my duty to congratulate the staff of the Kabul Times and the Printing Press, who have jointly made this venture a success*”.

propaganda dos projetos governamentais, divulgando, desde esforços da República para se aperfeiçoar a indústria e o sinal de rádio, passando pelas medidas de preservação do meio ambiente e de saúde pública, até, de modo geral, demonstrar as estratégias do Estado para garantir o bem-estar da população.

Quando, na Revolução de Saur, Daoud foi morto e destituído do poder pelo PDPA, os primeiros dias do governo do novo líder afegão, Taraki, são veiculados no *The Kabul Times* com a dupla finalidade de denegrir e desconstruir a imagem do governo anterior, referindo-se a ele pelos mais diversos termos pejorativos, e denunciando crimes contra o povo e contra a tradição, além de demonstrar a suposta adesão de todas as microssociedades do país ao novo regime estabelecido. A coluna *Afghan Press* foi suprimida do periódico, embora no mesmo espaço que ela antes ocupava uma nova coluna sem nome passe a ocupar a mesma função ao comentar os mais diversos assuntos do país, mantendo o mesmo tom propagandista pró-governo. A diferença é que esse tom agora passa a se estender, de modo mais explícito, por todo o jornal.

Na primeira edição, quase um mês após a Revolução de Saur, um novo editor passou a assinar o jornal, no caso Kazem Ahang. O espaço, antes dedicado à coluna *Afghan Press*, encabeçou o título “O povo reza pela consolidação da República Democrática do Afeganistão” (*The Kabul Times*, 25 de maio de 1978, p. 2, tradução nossa)²⁶ demonstrando o viés editorial a ser tomado na cobertura dos eventos recentes ao golpe de Estado.

Os demais editores que se seguiram mantiveram essa dinâmica propagandista pró governo, ajustando-se aos novos regimes, recorrendo, quando necessário, à difamação dos governantes anteriores.

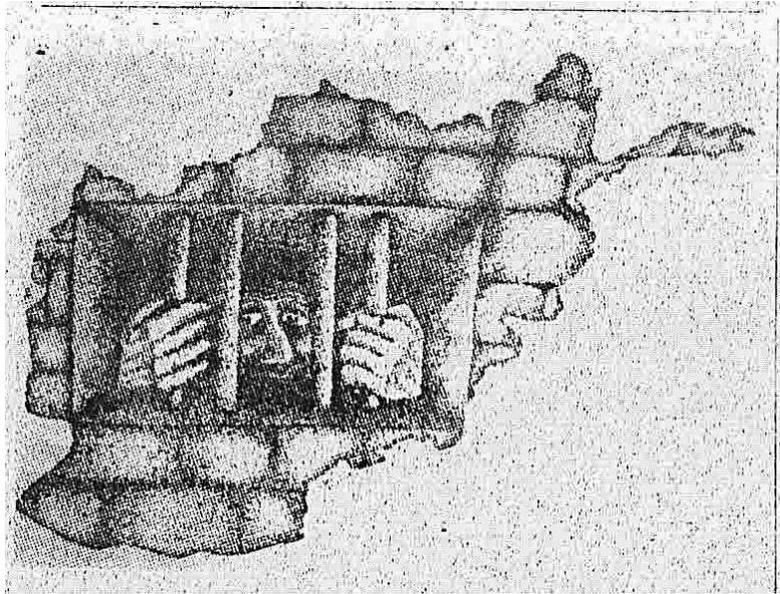
3.3 *Kabul Times* e *The New Kabul Times*: imagens e representações

Nas disputas de narrativas entre Leste e Oeste, o *Kabul Times* posicionou-se de forma clara e contundente, utilizando imagens, em especial as charges, como um instrumento eficaz para difundir os discursos e as representações para o mundo exterior e para todas as camadas da sociedade afegã, principalmente para a população iletrada. Segue-se abaixo alguns exemplos da utilização de charges para essa finalidade, datadas de 1980, ano de intensificação das críticas,

²⁶ No original: “*People pray for consolidation of Democratic Republic of Afghanistan*”.

em especial aos Estados Unidos, devido ao boicote à Olimpíada de Moscou.

Figura 3– Um afegão ou o Afeganistão em cárcere



Fonte: *Kabul New Times*, 13 de fevereiro de 1980, p. 3.

Na figura 3, o cidadão afegão é feito refém em sua própria nação, ou, a depender da interpretação, é o próprio Afeganistão que é o refém, como fruto do imperialismo norte-americano.

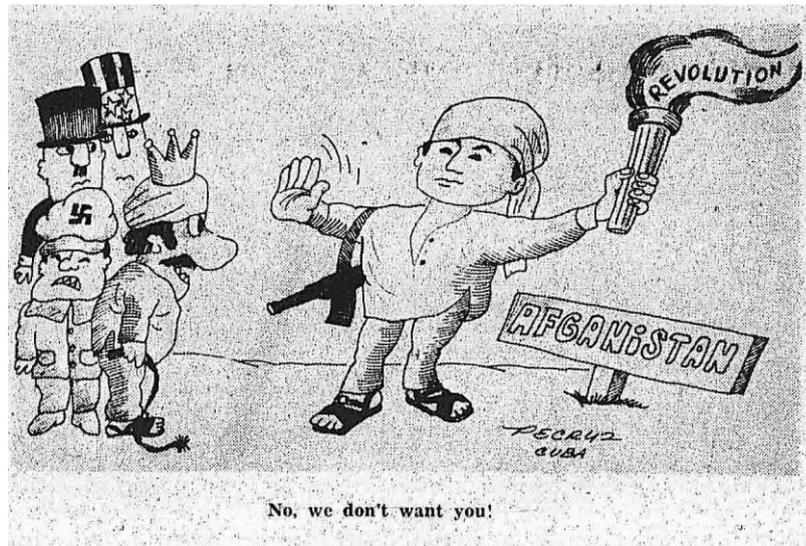
Figura 4 – *Mujahidin* apoiado pelos EUA e China



Fonte: *Kabul New Times*, 31 de março de 1980, p. 2.

Na Figura 4, representação dos Estados Unidos e da China de mão dadas, servindo literalmente de sustentação para o *mujahidin* afegão durante a Guerra Civil instaurada no país em oposição à invasão soviética. Na charge, lê-se: “respeito com entusiasmo”, em referência à aliança sino-estadunidense.

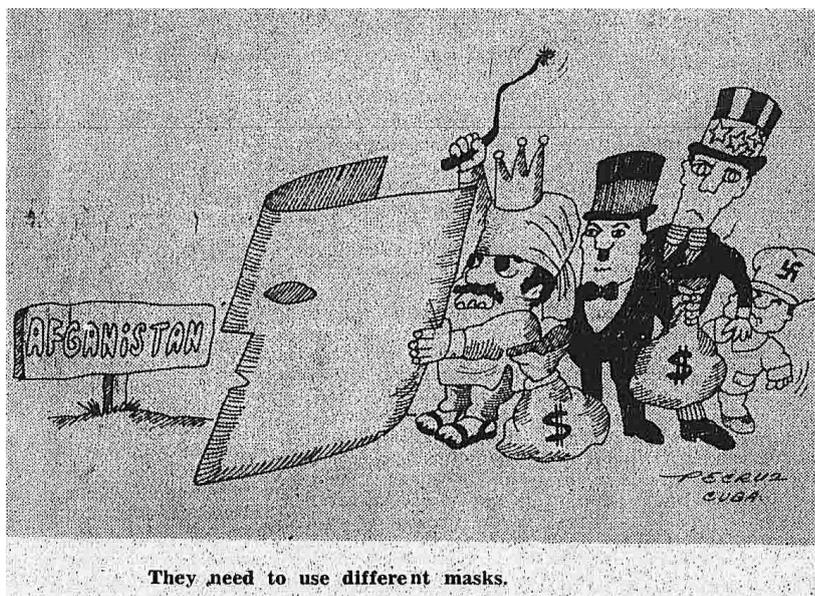
Figura 5 – Revolucionário afegão impedindo invasores



Fonte: *Kabul New Times*, 17 de fevereiro de 1980, p. 2.

Na Figura 5, o revolucionário afegão impede que a monarquia do Afeganistão (representada com um chicote na mão), os Estados Unidos, China e Alemanha adentrem no país, dando ênfase à ideia em frase que afirma: “Nós não queremos vocês!”.

Figura 6 – Inimigos do Afeganistão mascarados



Fonte: *Kabul New Times*, 20 de fevereiro de 1980, p. 2.

Na figura 6, a monarquia afegã, representada como opressora, e os Estados Unidos, China e Alemanha, com sacos de dinheiro nas mãos, tentam entrar no Afeganistão “mascarados”, com a legenda reforçando essa ideia ao enfatizar: “Eles precisam usar diferentes máscaras”.

Figura 7 – Os Estados Unidos jogando pelo mundo



Fonte: *Kabul New Times*, 02 de março de 1980, p. 2.

Na Figura 7, um homem representando os Estados Unidos joga sinuca, tentando encaixar a bola, que, na charge, é o próprio globo terrestre, em alusão à suposta tentativa dos Estados Unidos de conquistar o mundo. O corvo, na imagem, serve ao propósito de localizar temporalmente e politicamente o leitor, uma vez que se empoleira em uma placa com o dizer: “Guerra Fria”. Uma relativa longa legenda se segue, a qual pode ser traduzida da seguinte forma: “O governo dos Estados Unidos, que defende a intervenção nos assuntos internos do Afeganistão e tenta empurrar a nação de volta à condição de peões da política imperialista, pediu uma urgente reunião do Conselho de Segurança e desencadeou uma tremenda campanha de propaganda por uma nova guerra fria em ameaças flagrantes contra outro Estado membro da ONU”.

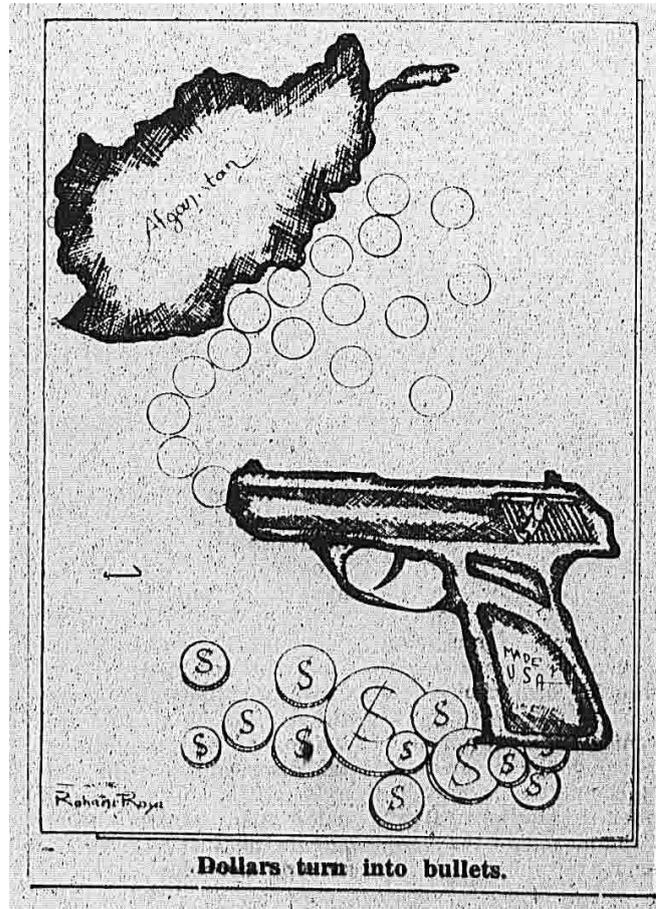
Figura 8 – Tio Sam tentando apagar a tocha da Olimpíada



Fonte: *Kabul New Times*, 03 de março de 1980, p. 2.

Na charge acima (Figura 8), os Estados Unidos se esforçam para apagar as chamas da tocha olímpica, erguida pela mascote dos Jogos Olímpicos de Moscou, o urso Mikhail, criado pelo ilustrador soviético Victor Tchijikov. Apesar dos esforços estadunidenses, a chama permanece acesa, em alusão à resistência da União Soviética aos boicotes. A interpretação dessa charge pode ser ampliada para as tentativas dos Estados Unidos em frear o expansionismo da União Soviética, como foi o caso da invasão no Afeganistão.

Figura 9 – Munição para o Afeganistão



Fonte: *Kabul New Times*, 25 de março de 1980, p. 2.

A Figura 9 retrata o financiamento dos grupos de resistência aos soviéticos no Afeganistão pelos Estados Unidos. Na legenda: “dólares convertidos em munição”.

Figura 10 – O povo revolucionário liderado pelo PDPA.



Fonte: *Kabul New Times*, 26 de março de 1980, p. 1.

A Figura 10 serve ao propósito de demonstrar suposta unidade em prol da liderança do PDPA. A legenda explicita ao dizer: “Vida longa à unidade e solidariedade a todos os estratos nacionais e democráticos do Afeganistão sob a liderança do PDPA”.

Fazendo-se uso das reflexões de Charaudeau:

As mesmas imagens tomam um sentido diferente conforme o comentário que as acompanha (...) a imagem é suscetível de produzir três tipos de efeitos: o efeito de *realidade*, quando se presume que ela reporta diretamente o que surge no mundo; um efeito de *ficção*, quando tende a representar de maneira análoga o que já passou (reconstituição); um efeito de *verdade*, quando torna visível o que não o era a olho nu (mapas, gráficos, macro e micro tomadas de imagem em *close-up*, que ao mesmo tempo, desrealizam e fazem penetrar o universo oculto dos seres e dos objetos) (CHARAUDEAU, 2013, p. 110-111).

Ancorado na abordagem de Charaudeau, pode-se afirmar que as charges publicadas no *Kabul Times*, durante o forte embate Leste-Oeste no contexto da Guerra Fria, alternaram os efeitos de realidade, ficção e verdade, com a finalidade de fortalecer os discursos e representações anti-estadunidenses.

4 DA REPÚBLICA AO GOLPE DE SAUR: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES

4.1 República do Afeganistão (1973-1978)

Os soviéticos beneficiaram-se do golpe iniciado em 1971, quando os oficiais de organizações clandestinas de cunho marxista, influenciadas pelo Exército Revolucionário, reuniram-se com Daoud e o doutor Mohammad Hasan Sharq,²⁷ dando início às articulações políticas que viriam a derrubar o primeiro ministro e a monarquia. Foi amplamente difundida a ideia de que a liderança do rei Zahir Shah era patológica, buscando preservar, a qualquer custo, seus privilégios reais. No verão de 1973, havia ao menos três conspirações em curso: a do príncipe Daoud, a do ex-primeiro-ministro, Maiwandwal, e do general Abdul Wali. Daoud agiu primeiro, mobilizando simpatizantes e militares da facção *parcham* do PDPA, e, dessa forma, realizaram um golpe, destituindo a monarquia, enquanto o rei estava na Itália para um tratamento (SAIKAL, 2004).

O novo líder, quase imediatamente, declarou estado de emergência, dissolveu o parlamento, suspendeu a Constituição de 1964, baniu organizações de oposição, e fechou todos os jornais e revistas privadas, culpabilizou o governo de seu primo pelo que caracterizou como anarquismo e despotismo, prometendo colocar o país nos trilhos da democracia, em conformidade com o verdadeiro espírito do Islã. Ele manteve, ainda, na política externa, a neutralidade e não alinhamento, elogiando a amizade com a União Soviética; elegeu o Paquistão como único país que o Afeganistão tinha grandes disputas políticas e apoiou a insurgência e a autodeterminação do Pashtunistão (SAIKAL, 2004).

Seu primeiro ministério foi composto por, ao menos, metade de membros *parchamis*. Uma das figuras centrais do golpe, o major Abdul Qadir, simpatizante de *parcham* e treinado pelos soviéticos, foi logo depois promovido a subcomandante da Força Aérea.

De acordo com o artigo “A URSS: Confronto de ideologias no pós guerra e a invasão do Afeganistão”, elaborado por Fernando Rieger e Yves Teixeira, o agora primeiro-ministro do país muçulmano buscava acelerar o processo de consolidação do Estado. Para ele, era necessária a centralização do poder. Difícil seria quantificar as possibilidades de sucesso, uma vez que a

²⁷ Mohammad Hasan Sharq foi uma figura proeminente da política afegã, que, posteriormente, em 1987, tornou-se primeiro-ministro.

histórica tendência descentralizadora do país, enraizada na multiplicidade das microssociedades e quase soberania de algumas regiões, estava vivamente presente. Outra prioridade era renegociar as fronteiras com o Paquistão. Aceitar a concepção nacionalista pashtun se mostrara também outra necessidade (RIEGER; TEIXEIRA, 2012).

Interessado em uma mediação norte-americana na questão fronteiriça e em auxílio militar e econômico, foi esboçada uma aproximação com Washington. Após os EUA negarem ajuda, Daoud se voltou para a União Soviética, por sua vez disposta a ajudar. Especula-se que os soviéticos injetaram cerca de 2,5 bilhões de dólares no país.

(...) para contrariar a política dos EUA de contenção, e evitar que o Afeganistão se torne uma base antissoviética americana como o Irã, Paquistão e Turquia (...) a política soviética de coexistência pacífica tinha a esperança de transformar o Afeganistão em um foco para a expansão do alcance soviético na região (SAIKAL *apud* RIEGER; TEIXEIRA, 2012, p. 148).

Todo o montante de capital e influência soviéticos empregados no Afeganistão não conseguiram extinguir a questão fronteiriça. Em decorrência da débil relação entre Afeganistão e Paquistão, o primeiro decidiu, a altos custos econômicos, fechar a rota comercial. Foi proclamada a República do Afeganistão sob a promessa de uma democracia real, o que não veio a se concretizar (RIEGER; TEIXEIRA, 2012, p. 149). Um governo com inspirações ditatoriais e nacionalista se instaurou baseado em uma política externa de aproximação com os países árabes.

Em 1975, motivada por uma desconfiança generalizada em relação ao novo líder, a União Soviética se aliou ao PDPA. De acordo com Aureo de Toledo Gomes, essa desconfiança foi reforçada quando “(...) ficou claro para os soviéticos que Daoud iria retirar todos os comunistas do exército, principal instituição estatal do país e que propiciava os meios de controle social para o governo” (GOMES, 2008, p. 70).

No início de 1977, o presidente Daoud promulgou a nova Constituição do Afeganistão. Os editoriais do *The Kabul Times*, redigidos por Nour M. Rahimi nos dias 2, 3, 4 e 6 de janeiro desse mesmo ano “expressam admiração (...) pela grande realização da promulgação do primeiro e mais abrangente código civil” (*The Kabul Times*, 2 de janeiro de 1977, p. 2, tradução nossa).²⁸ O golpe de 1973, em que Daoud destituiu seu primo e cunhado, o rei Zahir, é chamado de revolução. Os editoriais destacaram que o código civil é totalmente compatível com os princípios da “religião sagrada do islamismo e da lei islâmica, assim como das tradições

²⁸ No original: “*express appreciation (...) for the great accomplishment of promulgating of the nation’s first and most comprehensive civil code*”.

saudáveis, valores e morais do nosso povo” (*The Kabul Times*, 2 de janeiro de 1977, p. 2, tradução nossa)²⁹. Também foi destacado que a nova constituição seria uma grande conquista do governo na promoção da justiça social da nação.

O editorial implicitamente compara Daoud com Napoleão por meio da frase atribuída ao imperador francês sobre o que o jornal considera o primeiro código civil do mundo no século XVIII: “Eu considero que a promulgação do código civil foi a maior realização dentre todas as minhas conquistas” (*The Kabul Times*, 3 de janeiro de 1977, p. 2, tradução nossa)³⁰. O governo do Afeganistão foi referido como comprometido em realizar todos os seus encargos com a nação.

A Constituição foi descrita como sendo definida em termos claros e legíveis, portanto, ao alcance da população. Frases de efeito como “a estrada do desenvolvimento, um passo gigante” (*The Kabul Times*, 3 de janeiro de 1977, p. 2, tradução nossa),³¹ na direção das reformas legais e judiciais, foram utilizadas como estratégias discursivas de persuasão. É interessante notar que, apesar das reiteradas vezes em que a Constituição foi abordada, a análise não saiu da superficialidade, como um instrumento de propaganda do governo, sem adentrar no teor da Constituição em si mesma.

Segundo Saikal (2004), a nova Constituição de Daoud adotava um forte presidencialismo em um sistema de partido único, o Hezb-e Enqelab-e Melli, ou seja, o Partido Nacional Revolucionário. Sem oposição, Daoud foi eleito por seis anos, apoiado pela Loya Jirga³² que ele próprio havia convocado. Desse modo, Saikal (2004) afirmou que essa nova configuração de governo não relegava espaço na legislação para os comunistas, tendo, portanto, a facção *parcham* do PDPA rejeitado esse novo código civil, enquanto que o *khalq* nunca fez parte de fato do governo de Daoud. Essa conjuntura, a curto prazo, levou ao expurgo do PDPA do meio político, não deixando outra opção a eles: “liquidação ou revolução”, segundo as palavras de David Chaffetz (CHAFFETZ *apud* SAIKAL, 2004, p. 181).³³

Hammond (1987), a respeito da Constituição, acrescentou o fato de que Daoud escolheu

²⁹ No original: “fully compatible with the principles of the Holy Islamic religion and Islamic law, and the healthy traditions, values, and mores of our people”.

³⁰ No original: “I feel the promulgation of the civil code was a greater accomplishment than all my conquests”.

³¹ No original: *road of development (...) the most far reaching step*”.

³² Loya Jirga é um conselho de chefes das microssociedades responsável pela eleição do líder do Afeganistão, e por intervir em conflitos internos e externos.

³³ No original: “liquidation or revolution”.

um gabinete de amigos, filhos de amigos e até mesmo membros da realeza deposta, em uma atitude antidemocrática de selecionar os integrantes do comitê central, levando à oposição grande parte do Afeganistão.

Um dos elementos que configurava a aparente crise entre o Afeganistão e a União Soviética foi o desentendimento que teria ocorrido entre Breznev e Daoud, quando o líder soviético, em abril de 1977, convidou o presidente afegão para ir a Moscou pela segunda vez desde 1973. Recorrendo ao comentário de Abdul Samad, feito por um dos presentes da reunião acerca do incidente, Saikal (2004) afirmou que Breznev havia exigido arrogantemente que o presidente do Afeganistão demitisse todos os especialistas e assessores estrangeiros não soviéticos. Segundo Hammond (1987), o líder afegão teria respondido praticamente o seguinte: “quero lembrar-lhe que o senhor está se dirigindo ao presidente de um país independente e não a um de seus satélites do Leste Europeu. O senhor está tentando interferir nos negócios internos do Afeganistão, e isso eu não vou permitir” (HAMMOND, 1987, p. 44). Frente a esse incidente, um dos presentes na reunião teria dito a Daoud: “o senhor viu a expressão do rosto de Breznev, quando o senhor disse aquilo? Senhor presidente, o senhor é um homem morto.” (HAMMOND, 1987, p. 44)

Para compreendermos melhor o mal-estar nas relações soviéticas-afegãs, temos que retroceder às políticas internas e externas de Daoud. Conforme Saikal (2004), a aproximação inicial de Daoud aos *parchamis* não foi ideológica, e sim instrumento para que ele alcançasse seu objetivo de tomar o poder de seu primo, Zahir Shah, para implementar sua própria visão de país. Uma vez que os comunistas pró-soviéticos e conselheiros soviéticos haviam conquistado uma posição privilegiada nas forças armadas, Daoud foi compelido a aproximar-se deles. Saikal afirmou: “Daoud era um reformista egoísta, autocrático e nacionalista em última análise, não preparado para dividir o poder com ninguém” (SAIKAL, 2004, p. 176, tradução nossa)³⁴.

Ele governou por decreto, promulgando trinta e seis leis entre 1973 e 1977. Na década de 1970, ele havia consolidado sua influência e poder frente aos soviéticos, e não estava mais disposto a tolerar a influência comunista no país, portanto ele nomeou seu irmão, Mohammad Naim, como emissário especial na política externa, e, segundo Saikal (2004), em relação ao seu gabinete, queria apenas “homens que dissessem sim”. Promovendo uma política de promoção da supremacia pashtun, Daoud priorizou o ramo Ghilzai da etnia às custas dos Durrani, o que ocasionou fragmentação e polarização nas forças armadas e agências de segurança dominadas

³⁴ No original: “*Daoud was a self-seeking, autocratic, nationalist reformer, ultimately not prepared to share power with anyone*”.

pelos pashtuns.

Daoud pretendeu implementar um grandioso Plano de Desenvolvimento de modernização, que levaria sete anos (1976-1983), o qual demandaria US\$ 3.850 milhões, dos quais a União Soviética podia dispor apenas de US\$ 570 milhões desse montante. A partir de 1975, rompeu sua parceria com os *Parchamis*, diversificando a fonte de ajuda externa, buscando atrair investimentos e tecnologias que os soviéticos não podiam oferecer. Ainda em relação ao Plano de Sete Anos, Daoud, ao contrário dos planos anteriores que tinham os soviéticos como principais agentes financiadores, depositava no Irã suas expectativas, prevendo importantes projetos, dentre eles a construção da primeira rede ferroviária afegã, que ligaria o Afeganistão ao Irã no oeste e ao Paquistão no leste. Previa também a exploração de petróleo, até então considerado antieconômico; exploração do minério de ferro em Hajigak, a noroeste de Cabul; implementação de centros industriais e agrícolas em Herat e Candaar. Para viabilizar tal empreitada, Daoud dispensou a tradicional parceria soviética, convidando os indianos, japoneses e franceses para tal.

Ele iniciou um expurgo dos comunistas dentro de seu gabinete, levando a sua eliminação completa em 1977. Oficialmente os funcionários não eram exonerados por sua ideologia, e sim por supostos casos de corrupção e ineficiência. Ainda segundo Saikal (2004), em citação direta ao então embaixador norte-americano Theodore Eliot:

muito provavelmente Daoud, tendo usado a esquerda para ganhar o poder, agora está tentando mediocramente e com cautela reduzi-los (...) Ele está cortando parte da força da esquerda sem se deixar vulnerável a acusações de discriminação (ELIOT *apud* SAIKAL, 2004, p. 178, tradução nossa).³⁵

Outro fator de aumento das tensões soviéticas-afegãs foi a existência da polícia secreta afegã, utilizada para vigiar as ações comunistas. Daoud também permitiu que a polícia secreta iraniana, conhecida como Organização de Segurança e Inteligência Nacional (SAVAK), auxiliasse os afegãos a neutralizar os agentes soviéticos.

Após anos de hostilidade frente à questão do Pashtunistão, e, portanto, demonstrando animosidade ao Paquistão, o líder afegão decidiu suavizar seu discurso nessa questão, expandindo laços econômicos e comerciais a esse país, e também abrindo as portas para investimentos de países ricos em petróleo, do Golfo Pérsico e Oriente Médio, em tecnologias significativas, o que levou a uma série de visitas a vários países, tais como o Irã, que prometeu

³⁵ No original: “most likely that Daoud, having used the left to gain power, is now methodically and cautiously trying to whittle it down... He is snipping away at some of the left’s strength without leaving himself open to charges of discrimination against it”.

ajuda no valor de US\$ 2 bilhões em um período de dez anos.

No início de 1978, tendo o Irã desembolsado apenas cerca de US\$ 10 milhões em assistência, não cumprindo portanto sua promessa, muito devido à queda da receita do petróleo e a dificuldades internas, o presidente afegão empreendeu viagens à Índia, Arábia Saudita, Egito e Líbia, tendo sido bem recebido e com promessas de assistência por parte desses países, e em especial da Arábia Saudita e do Egito, o que foi mal interpretado pela União Soviética, principalmente por causa da visita a Anwar al-Sadat ao Egito, pelo motivo de sua quase aliança com os soviéticos, abortada em prol de um aproximação com Washington, também contrariada devido à aproximação com o Xá iraniano pró-EUA.

Saikal (2004) defendeu que o incentivo de Sadat a Daoud em expurgar e neutralizar os comunistas afegãos, assim como havia ocorrido no Egito, aparentemente vazou para os soviéticos.

A respeito dessas medidas de Daoud, Hammond (1987) afirmou que:

As atitudes soviéticas com relação a Daoud permanecem um mistério. Parece lógico admitir que o Politburo se desagradou com algumas medidas das políticas externa e interna. Eles podem ter visto tais medidas ou como pecadilhos menores, que não alteravam o fato essencial de que as relações soviético-afegãs eram, de um modo geral, satisfatórias, ou julgado que tais ações eram tão graves que Daoud devia ser derrubado tão logo se apresentasse uma oportunidade a isso favorável (HAMMOND, 1987, p. 45).

Nessa incerteza aparente, se os atos de Daoud representavam pequenos delitos ou falhas insuportáveis pelos soviéticos a ponto de planejarem sua queda, ocorreu uma visita do líder afegão à União Soviética reportada pelo *The Kabul Times*, que, logo em sua manchete, no dia 12 de abril de 1977, descreveu como amigável a visita oficial a Moscou. A reportagem reiteradamente se referiu a Daoud como o Fundador da República, e, minuciosamente, promoveu uma imagem de honraria ao líder afegão ao destacar membros importantes do governo que se deslocaram ao aeroporto apenas para se despedir de Daoud e desejar-lhe uma boa viagem. Toda a comitiva que se deslocou com o presidente para Moscou também foi descrita, nome por nome, incluindo uma delegação de imprensa do *Bakhtar News Agency*, a qual constava de correspondentes, fotógrafos e uma unidade de filmagem.

Na página três do jornal desse mesmo dia, um editorial aparentemente se contradisse ao anunciar os deveres da imprensa na revolução; nele demonstrou-se a pretensão de falar por todos e não para todos, uma vez que o próprio governo nessa época reconhecia que mais de noventa por cento da população era analfabeta, e os falantes do idioma inglês constituíam um seleto grupo elitizado da sociedade.

O editorial aponta a necessidade de “carregar as mensagens da liderança e do governo

aos níveis mais baixos, aos homens das ruas, do chão da fábrica e da fazenda, e também transmitir as reações, julgamentos e aspirações desse mesmo povo para as autoridades” (*The Kabul Times*, 12 de abril de 1977, p. 3, tradução nossa)³⁶ como uma responsabilidade da imprensa para melhor alcançar os ensejos do povo. Configurando-se como uma contradição, uma vez que, quando o povo aparece no jornal, ele serve ao propósito único e exclusivo de legitimar o poder vigente, a exemplo de como ocorreu nesse editorial, ao vincular expressamente essa imprensa a Daoud. Segundo a reportagem:

A leveza, produtividade, eficiência e responsabilidade com a organização pública e com o departamento governamental do país podem ser melhores garantidos pela imprensa, assim como é o desejo do Líder da Revolução, como cães de guarda públicos, objetivos e imparciais, a imprensa desfruta da confiança do governo (*The Kabul Times*, 12 de abril de 1977, p. 3, tradução nossa).³⁷

No dia seguinte, a manchete do *The Kabul Times* preanunciava o teor da matéria ao anunciar que “Ontem, o Presidente da República, Daoud, ao aterrissar em Moscou, foi calorosamente recebido pelos líderes soviéticos” (*The Kabul Times*, 13 de abril de 1977, p. 1, tradução nossa).³⁸ O hino nacional de ambos países foram tocados. O presidente do Afeganistão cumprimentou, além dos líderes soviéticos e suas respectivas delegações, membros da Embaixada Afegã e estudantes afegãos em Moscou. Foi recebido com saudações, acenos, palmas e entusiasmo, além de ter recebido um buquê de flores das mãos de algumas crianças, tendo sido escoltado por uma carreta até o Palácio do Kremlin. Um correspondente do *Bakhtar News Agency* acrescentou que o aeroporto de Venukavo foi enfeitado com bandeiras nacionais dos dois países e slogans de saudação a Mohammad Daoud. As conversas bilaterais, conforme o periódico, ocorreram em um tom amigável e em uma atmosfera cordial, abordando questões de mútuo interesse, cooperação e assuntos da comunidade internacional, repercutindo inclusive na mídia soviética, tanto nos jornais, quanto na televisão e rádio, com a divulgação da imagem do líder afegão e a publicação de artigos sobre as amistosas relações soviético-afegãs.

No discurso de Daoud, utilizando um tom cordial e amigável, o presidente afegão

³⁶ No original: “It carries the messages of the leadership, and that of the government down to the man on the street, on the factory floor, and on the farm, it also transmits reactions, judgements, and wishes of these same people, up, to the authorities”.

³⁷ No original: “Smooth, productive, efficient and responsible functioning of the public organisations and government departments in the country can be better guaranteed if the press, as desired by the Leader of the Revolution, exercises its responsibility as public watchdog, with objectivity, and impartiality worthy of a press enjoying the trust of the leadership”.

³⁸ No original: “The President of the Republic Mohammad Daoud on arrival in Moscow yesterday was warmly welcomed by leaders of Union of Soviet Socialist Republics”.

considerou que as relações bilaterais das duas nações eram uns dos principais fatores mantenedores da paz e segurança na região, recordando a visita do então presidente da União Soviética, Podgorny, que assinou uma extensão por mais dez anos do Acordo de Não Agressão e Neutralidade entre os dois países, que datava de 1930. Essa política de não alinhamento objetivava, nas palavras de Daoud, “constituir a preservação da independência, soberania e integridade nacional, assim como garantir o bem-estar e a prosperidade do povo do Afeganistão” (*The Kabul Times*, 14 de abril de 1977, p. 1, tradução nossa)³⁹.

No tocante à política externa, o presidente afegão afirmou se opor a qualquer forma de manifestação colonialista e exploração estrangeira, citando, para contextualizar, casos na Palestina, Namíbia e, de forma geral, nas regiões da Ásia, África e América Latina. Daoud orgulhava-se de ter relações pacíficas com todos os países do mundo, excetuando o Paquistão, a qual, segundo ele, é fruto de uma disputa remanescente do colonialismo, enclave esse que o Afeganistão espera solucionar no futuro de forma amistosa.

Daoud buscou legitimar o seu governo por meio da Loya Jirga, que aprovou a nova Constituição do regime, e que, segundo o presidente, asseguraria os direitos do povo de modo abrangente, através de um alavancado desenvolvimento político, econômico e social, o que colocaria o país em uma nova fase de progresso.

No discurso do presidente soviético, Podgorny elogiou Daoud como “um extraordinário estadista, responsável por uma grande contribuição na promoção da amizade entre União Soviética e Afeganistão” (*The Kabul Times*, 14 de abril de 1977, p. 1, tradução nossa)⁴⁰. Ele fez menção aos acordos bilaterais assinados entre os países.

Podgorny expressou sua convicção de que a *détente* estaria se tornando uma tendência dominante nos tempos contemporâneos, acreditando que o caminho para a paz repousava na coexistência pacífica entre países de diferentes sistemas sociais, chamando atenção, entretanto, para os opositores obstinados que se recusaram a abaixar as armas e fomentaram desconfiança entre as relações interestatais, herdeiros dos tempos da Guerra Fria, citando, inclusive, Brezhnev, que corroborava essa interpretação a favor da coexistência pacífica.

O presidente soviético ressaltou a implementação bem-sucedida dos acordos bilaterais realizados anteriormente, e reafirmou sua satisfação com os novos acordos econômicos e comerciais recém-assinados.

³⁹ No original: “constitutes preservation of independence, sovereignty, national integrity and ensuring of well being and prosperity of the people of Afghanistan”.

⁴⁰ No original: “as an outstanding statesman who has made a big contribution to promoting friendship between the URSS and Afghanistan”.

Destoando do que viria a ocorrer nos dois anos seguintes, com a invasão soviética no Afeganistão, ao citar exemplos de guerras na Ásia, Podgorny afirmou que a tentativa de imposição estrangeira sobre o povo estava fadada ao fracasso. Em um discurso pacifista, que contraria a posterior decisão do Politburo de invadir o país islâmico, o presidente soviético endossou a crença de Daoud sobre a resolução pacífica no conflito do Afeganistão com seu país vizinho, o Paquistão.

Por fim, Podgorny, sem identificar os possíveis responsáveis, defendeu que a atividade imperialista no continente asiático ainda estava em andamento, semeando tensões e desconfiança entre os países, tentando colocar uns contra os outros. Ao retornar ao Afeganistão, o *The Kabul Times* reportou a calorosa recepção do líder Daoud.

4.2 A República Democrática do Afeganistão (1978 – 1992)

A recepção a Daoud muito se distanciou pela forma com a qual o mesmo jornal o trataria pouco tempo depois, quando de sua destituição. Boa parte do quadro militar que ajudou no golpe de Daoud foi o mesmo que posteriormente o tiraria do poder, assassinando-o. O seu governo foi seguido pela Revolução de Saur, em que o PDPA assumiu o poder. Segundo o *The Kabul Times*, na edição do dia 4 de maio de 1978, esse era um período que iniciaria um regime democrático, nacionalista e revolucionário, o qual rompeu com o governo despótico de Mohammad Daoud em menos de vinte e quatro horas, iniciando novos tempos sob o poder do Conselho Revolucionário das Forças Armadas do Afeganistão, o qual transferiu o poder para o Conselho Revolucionário da República Democrática do Afeganistão sob o comando de Taraki.

Muito se especula (Saikal, 2004) sobre a participação direta ou indireta dos soviéticos nesse golpe de Estado, embora muitos funcionários afegãos acreditassem veementemente no envolvimento da União Soviética nesse processo, e alguns historiadores especulem sobre a participação direta de Moscou em instigar o golpe, não há documentação que comprove essa hipótese. Georgii Kornienko, então vice-primeiro-ministro soviético das Relações Exteriores, afirmou que os legisladores de Moscou foram noticiados sobre o golpe pela agência Internacional de Notícias (Reuters). Saikal (2004) também apontou que os serviços de inteligência soviéticos não emitiram notícias antecipadas sobre o ocorrido, assim, os nomes das lideranças da Revolução de Saur também eram desconhecidos pelo ministro soviético das

Relações Exteriores, Gromyko, e por outros funcionários do alto escalão, sendo conhecidos apenas por alguns especialistas do Departamento Internacional do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e especialistas do Comitê de Segurança do Estado (KGB), o serviço de inteligência secreta soviético. O autor ainda afirmou que, em uma conversa que teve com Taraki, este admitiu que poderiam ter notificado os representantes soviéticos em Cabul, mas, temerosos de que Moscou tentasse dissuadi-los da tomada militar, abstiveram-se.

Corroborando o postulado da não participação direta soviética no golpe, Zbigniew Brzezinski, conselheiro de segurança nacional do presidente estadunidense Carter, comentou sobre a falta de evidência do envolvimento soviético, classificando o ocorrido como um golpe interno.

É evidente que o expurgo de Daoud do poder era favorável a Moscou, entretanto, a nova configuração do governo afegão, dominado pela facção *khalq*, dificilmente seria a escolhida pelo Departamento Internacional do PCUS. Destarte, Saikal (2004) concluiu que a Embaixada Soviética pode ter tido um envolvimento na unificação do PDPA, e estava ciente da trama golpista, sem, no entanto, ter voz ativa na escolha das novas lideranças.

Em contraponto a Saikal, Hammond (1987) considerou a participação soviética no golpe como uma evidência mais concreta, mas suas conclusões são semelhantes às do autor afegão.

É possível, contudo, que o Kremlin tenha dito ao PDPA, semanas, meses ou anos antes, para tomar o poder tão logo uma oportunidade favorável aparecesse (...) Os soviéticos provavelmente sabiam do golpe e deram a sua aprovação. O embaixador Neumann escreve que ‘o conhecimento prévio e concordância dos soviéticos são pressupostos mínimos que têm de ser admitidos’. O embaixador Eliot concorda: os soviéticos podem não se ter envolvido no planejamento detalhado, mas é questionável que os comunistas afegãos tivessem planejado o golpe sem contatar os soviéticos e, com eles, discutir os planos (HAMMOND, 1987, p. 56).

O autor segue a argumentação afirmando que existiam cerca de 3000 conselheiros soviéticos no Afeganistão, alguns deles trabalhando para a KGB ou para o Departamento Central de Inteligência (GRU), além dos contatos frequentes entre Babrak Karmal e outros líderes afegãos com a Embaixada Soviética, o que dificilmente ocultaria do Kremlin os planos golpistas. Apesar disso, “não significa, no entanto, que os soviéticos tenham planejado ou dirigido as ações do golpe; a iniciativa, provavelmente veio dos afegãos” (HAMMOND, 1987, p. 56).

A participação do Kremlin no golpe seria pequena, mesmo que tivesse pressionado ou determinado a tomada do poder, o golpe, em si, teria sido efetuado quase inteiramente pelos afegãos. Não havia unidades soviéticas no país, ou não chegaram a participar do evento. Especula-se, por alguns, que os aviões que atacaram o Palácio Presidencial, devido a sua direção

com grande perícia, tenham sido pilotados por soviéticos, mas não há provas dessa afirmação. Ainda segundo Hammond (1987), o conselheiro estadunidense, Theodore L. Eliot, afirmou que conselheiros soviéticos teriam acompanhado as forças comunistas durante o golpe, tendo outros autores concordado com esse papel de conselheiro desempenhado pelos soviéticos.

O primeiro anúncio pelo rádio anunciou o fim dos “últimos remanescentes da monarquia tirânica e despótica da dinastia de Nader Khan” (*The Kabul Times*, 4 de maio de 1978, p. 1, tradução nossa)⁴¹, alegando que todo o poder do Estado fora transferido para as mãos do povo do Afeganistão, poder esse agora representado pelo Conselho Revolucionário. Um alerta foi proferido para os opositoristas, descritos como elementos antirrevolucionários. Qualquer indivíduo que se aventurasse a desafiar as instruções e decisões do Conselho Revolucionário seria submetido imediatamente aos centros militares revolucionários.

Embora a notícia generalize toda a família real, caracterizando-a como tirânica e despótica, é prudente recordar que o último rei, Zahir, foi o responsável por implementar uma nova Constituição em 1964, que fomentava os direitos das mulheres, como o direito à educação e à saúde, pondo fim à prática do *pardah*⁴² e estabelecendo o sufrágio universal. Ele ainda criou a primeira universidade do país, a Universidade de Cabul, eleições livres foram realizadas, um parlamento foi criado e melhorias na infraestrutura foram efetivadas; mantendo relações equilibradas com os Estados Unidos e a União Soviética, em plena Guerra Fria, ensaiou alguns passos rumo à modernização do país.

4.3 A Revolução de Saur liderada por Taraki

Em notícia de primeira página, manchete intitulada *Taraki é eleito presidente do Conselho Revolucionário*, datada do dia 4 de maio de 1978, informou sobre o novo governo e sobre seu primeiro decreto, que recorreu à legitimação de Deus. Noor Mohammad Taraki foi descrito como a grande figura nacionalista e revolucionária do Afeganistão, encarregado da presidência do Conselho Revolucionário e da liderança do governo como primeiro-ministro. A revolução foi descrita como “um ponto de virada no destino dos movimentos de libertação do

⁴¹ No original: “*the last remnants of monarchy, tyranny, despotism and power of the dynasty of the tyrant Nader Khan.*”

⁴² É a prática de impedir as mulheres de serem vistas por outros homens, senão os parentes mais próximos.

povo do Afeganistão” (*The Kabul Times*, 4 de maio de 1978, p. 1, tradução nossa).⁴³ O país foi definido, sob o aspecto político, como uma República Democrática, cujo governante e políticos do alto executivo deveriam ser eleitos pelo Conselho Revolucionário. A lei marcial foi decretada por todo o país, até segunda ordem.

Saikal (2004) defendeu que, na verdade, o fim do regime de Daoud e sua substituição pelo governo marxista leninista pró-soviético do PDPA não possuía a base de legitimação tradicional de seus predecessores, ou seja, a monarquia. A coerção foi a força motriz desse governo, de tal modo como nunca se vira antes, a não ser no reinado de Abdur Rahman Khan, conhecido como Amir de Ferro, o qual, segundo Syed Askar Mousavi (1998), reprimiu violentamente a revolta dos hazaras, em que milhares de homens, mulheres e crianças dessa etnia foram vendidos como escravos nos mercados de Cabul e Candaar, enquanto amontoavam-se as cabeças dos rebeldes derrotados como um aviso claro para futuras sublevações. Saikal (2004) demonstrou a fragilidade econômica desse novo regime, extremamente dependente de uma única potência vizinha, a União Soviética, que se mostrou incapaz de impedir que o Afeganistão se desintegrasse enquanto Estado soberano governável. O PDPA não estaria, portanto, apto a governar uma sociedade predominantemente muçulmana e tribal, carecendo, segundo o autor, de legitimidade, capacidade administrativa e apoio popular, divergindo assim do periódico.

Para sustentar essa última proposição, a do apoio popular, uma vez que “a maioria dos afegãos não sabiam mais sobre o marxismo-leninismo do que o fato de que era uma ideologia sem Deus e, portanto, repugnante ao Islã” (SAIKAL, 2004, p. 188, tradução nossa),⁴⁴ Saikal (2004) explica que a adesão ao PDPA se dava apenas por professores, oficiais do exército e funcionários públicos, constando algo entre 11.000 a 12.000 mil afegãos, que apoiavam a ideia socialista. Em relação à adesão das massas ao novo regime, reforçando os pressupostos de Saikal, Hammond (1987) comentou:

Foi mais um golpe de palácio do que uma revolução de massa. Taraki afirmou várias vezes que este não é um putsch ou um golpe, mas uma ação revolucionária das massas. A evidência, contudo, está toda contra ele. Relativamente, poucas pessoas tomaram parte e quase todas elas eram militares. E até entre os militares, a maioria das unidades se recusou a lutar por qualquer dos lados e, em vez disso, esperou para ver quem seria o vencedor. As massas não se levantaram em uma revolução popular, nem em Kabul nem nas províncias (HAMMOND, 1987, p. 57).

⁴³ No original: “Turning point in the destiny of the liberating movement of the people of Afghanistan.”

⁴⁴ No original: “a great majority of Afghans knew no more about Marxism-Leninism than the fact that it was a Godless ideology and therefore repugnant to Islam.”

Louis Dupree (1979) afirmou que, dentre os 92.000 mil homens do exército afegão, provavelmente menos de 3.000 participou dos combates, a maioria das tropas de Cabul limitou-se a ficar mudando de posição.

Novamente evocando a legitimidade de Deus, o qual é chamado todo-poderoso, a reportagem do dia 4 de maio de 1978 anuncia a eleição do vice-presidente do Conselho Revolucionário, também eleito vice-primeiro-ministro da República Democrática do Afeganistão, Karmal, que foi um dos fundadores do PDPA e líder da facção *parcham* do mesmo partido. No mesmo dia também foram empossados os ministros do novo governo, majoritariamente formados pela facção *khalq* do PDPA.

Segundo Saikal (2004), posteriormente, no verão de 1978, quando Taraki havia consolidado seu poder, e Hafizullah Amin, ministro das relações exteriores e um dos principais arquitetos do golpe, emergiu com força no regime, centenas de membros e simpatizantes dos *parchamis* foram presos, expurgados, ou executados, acusados de atividades contrarrevolucionárias, tornando o *khalq* inquestionavelmente dominante dentro do país.

O ministro da Informação e da Cultura, Mohammud Hassan Bareq Shafiee, reuniu-se com Taraki, trazendo à tona a questão do que ele considerava intriga da falsa propaganda pela mídia de massa dos países estrangeiros; relacionado a isso, o líder revolucionário respondeu: “inimigos estrangeiros, isto é, reacionários da comunidade internacional empregam diferentes meios e abordagens neocolonialistas de caráter subversivo contra os movimentos de libertação dos povos do mundo, povos progressistas e de regimes patrióticos” (*The Kabul Times*, 4 de maio de 1978, p. 1-3, tradução nossa).⁴⁵

Nessa mesma matéria, o novo regime foi caracterizado como uma revolução triunfante, que inaugurou uma nova fase na história dos movimentos revolucionários, na qual o poder estava nas mãos da genuína democracia progressista e patriótica, desse modo, o chamado “espírito maligno” da reação internacional despertou e, por meio do rádio e da imprensa escrita, tem difundido uma série de propagandas falsas e de intrigas, com a finalidade de confundir a opinião pública a respeito da Revolução de Saur. Esse aparato de propaganda externa foi chamado reacionário, acusado de “espalhar o veneno” sobre o Afeganistão.

Segundo a reportagem, essas notícias, consideradas falsas, estariam acusando a Revolução de ser na verdade um golpe de Estado sob a liderança do partido comunista do Afeganistão, em referência ao PDPA, sob o suporte de outros países, tornando-se satélite desse

⁴⁵ No original: “*foreign enemies i.e. international reaction employ different means and new colonialistic subversive approaches against liberation movements of the people of the world and progressive and patriotic regimes of nation.*”

ou de outro país, tendo abandonado sua independência e política de não alinhamento. O editorial respondeu que a Revolução não foi um golpe de Estado, e sim a inauguração de novos tempos revolucionários, baseados na vontade do povo afegão, sem a menor interferência de países estrangeiros, reafirmando estar inserido em uma política de não alinhamento. Também afirmou não haver nenhum partido com a nomenclatura comunista no Afeganistão.

Hammond (1987) demonstrou que a política de não alinhamento do Afeganistão não demorou a ser percebida como fictícia; além dos pronunciamentos de amizade e vínculos de fraternidade com a União Soviética, Taraki descreveu seus aliados como “defensores autênticos da paz em contraste com os reacionários imperialistas e belicistas” (HAMMOND, 1987, p. 63). Em entrevista ao *Die Ziet*, em junho de 1978, quando arguido sobre uma menção de um manifesto do PDPA, o qual aludia a uma luta entre o socialismo internacional e o imperialismo internacional como força motriz fundamental da história da humanidade, Taraki afirma: “julgo que a análise é correta. É assim que as coisas são. Um campo representado pela União Soviética. Outra pela América” (HAMMOND, 1987, p. 63).

Outra denúncia sobre a Revolução de Saur divulgada pela mídia internacional conflitava com as informações publicadas no *The Kabul Times* quanto ao número de mortes. Em tom de defesa, o jornal rebateu sobre a declaração do número de milhares de vítimas, alegando que, na verdade, pouco mais de cem pessoas perderam a vida por se oporem aos tempos revolucionários. A mídia estrangeira também afirmou que a Revolução incorreu em contravenções dos direitos humanos e dos princípios do Islã e das tradições afegãs, informação essa negada pelo editorial do *The Kabul Times*.

As microssociedades afegãs aparecem no *The Kabul Times*, em um primeiro momento, através das respectivas regiões e das principais cidades onde determinada microssociedade é majoritária. Desse modo, por exemplo, a cidade de Cabul na época constava os tadjiques como principal grupo étnico, seguido dos pahstuns. Essas microssociedades são representadas como favoráveis à Revolução de Saur, tendo homens e mulheres, idosos, crianças e jovens saudado “com fervor resplandecente” o que o periódico considerou como a verdadeira revolução democrática das Forças Armadas do Afeganistão. O jornal ainda reportou que

um grande número de cidadãos de Cabul e das proximidades viram com interesse lugares destruídos como um resultado da revolução vitoriosa das forças armadas e da resistência ambiciosa do regime de Daoud, que fora condenado pelas suas más ações da falsa república” (*The Kabul Times*, 4 de maio de 1978, p. 2, tradução nossa).⁴⁶

⁴⁶ No original: “A great number of citizens of Kabul and its vicinity saw with keen interest, places damages as a result of the successful Revolution of the armed forces and the ambitious resistance of the Daoud regime and condemned the ill deeds of the false republic.”

Ainda na mesma notícia, os membros das forças armadas foram chamados de heróis, e a eles atribuiu-se o pleno controle da situação, tendo sido recebidos pela população com pétalas de flores. O regime anterior é caracterizado como corrupto, e o novo, como aquele que iniciou novos e promissores tempos na história do Afeganistão.

Em Candaar, o centro dos pashtuns e antiga capital, o novo governo e as indicações políticas por ele realizadas foram descritas como legítimas, estando o Conselho Revolucionário a serviço do povo, do progresso e do desenvolvimento do país. Conforme o editorial, a população expressou seu apoio e solidariedade ao novo regime, tendo recebido do governador e comandante militar de Candaar, Mir Tahmas Raul, calorosos sentimentos. Governador esse que foi escolhido pelo Conselho Revolucionário das Forças Armadas para ocupar esse cargo na região. Ao aterrissar em Candaar, Mir Tahmas Raul, conforme a cobertura da imprensa, teria sido ovacionado pela população, que ocupou os dois lados da estrada carregando slogans de vida longa à revolução e às forças armadas. Para legitimação de seu governo, ele foi à mesquita orar pelo profeta, buscando assim o apoio do clero local.

Em discurso Mir Tahmas Raul diz:

Aos valorosos e orgulhosos residentes da antiga cidade de Candaar, a revolução das Forças Armadas do Afeganistão sob a liderança do Conselho Revolucionário das Forças Armadas Nacionais ocorreu para estabelecer um Estado Democrático real e um governo baseado nos princípios islâmicos de justiça nacional, soberania, bem-estar e prosperidade do povo do Afeganistão (...) e peço a Deus todo-poderoso para me conceder a habilidade de servir essa (...) província e seu valoroso povo (*The Kabul Times*, 4 de maio de 1978, p. 2, tradução nossa).⁴⁷

Em relação à província de Balkh, onde os uzbeques predominam, o jornal afirmou que diferentes estratos da população regional saudaram a vitoriosa revolução, incluindo os mais velhos, grupo tradicionalmente respeitado no país. O repórter do *The Bakhtar*, em matéria distribuída no *The Kabul Times* no dia 4 de maio de 1978, afirmou que o auspicioso dia Sete de Saur aniquilou a dinastia Naderi, levando ao colapso o regime antinacional e despótico de Daoud. Essa notícia e o anúncio do novo governo revolucionário foram transmitidos pela rádio, o que, segundo o *The Bakhtar*, foi saudado por todo o povo patriótico de Mazar-i-Sharif, cidade da província de Balkh.

Já na região de Ghazni e Loi Woleswali de Katawaz, de composição multiétnica de

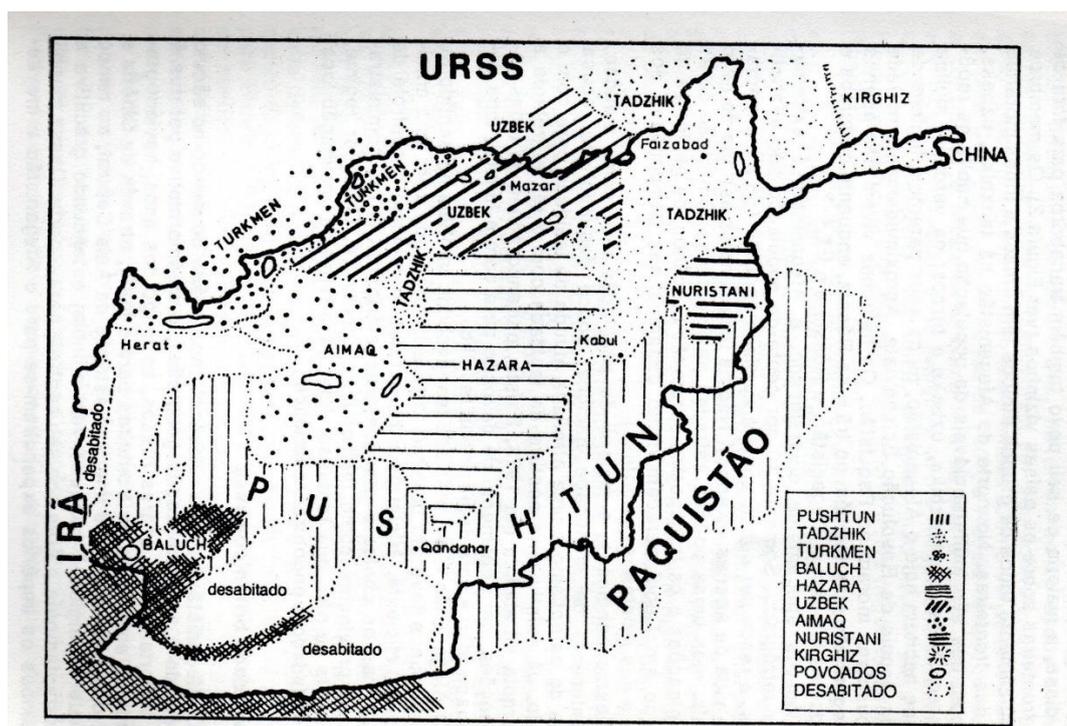
⁴⁷ No original: “*The proud and valorous residents of the ancient city of Kandahar. The Revolution of the National Armed Forces of Afghanistan under the leadership of the Revolutionary Council of the National Armed Forces took place in order to establish a real democratic state and government based on Islamic principles, justice national sovereignty, welfare and prosperity of the people of Afghanistan (...) to give me ability to serve this (...) province and its valorous people.*”

pashtuns, tadjiques e hazaras, os governantes também foram aclamados pela população na governadoria, onde expressaram seus sentimentos à eleição de Taraki, descrito como Grande homem da revolução. Algo semelhante ocorreu em Faizabad, província dos tadjiques, onde Taraki também é enaltecido, e uma cerimônia em comemoração à revolução aconteceu, segundo o *The Kabul Times*, tendo participado membros das forças armadas, oficiais do governo, trabalhadores, fazendeiros, outros oficiais, estudantes e nativos da cidade de Faizabad, centro da província de Badakhstan.

Na província de Logar, tendo como predominante a microsociedade pashtun, residentes de diversos estratos da sociedade, tanto do centro quanto dos distritos, participou de uma cerimônia em comemoração à vitoriosa revolução.

A figura a seguir ilustra essa localização das principais microsociedades afegãs em seus respectivos territórios:

Figura 11 – Distribuição das microsociedades no Afeganistão



Fonte: GRIFFITHS, John C., 1981, p. 79.

Outro relevante apoio à Revolução de Saur, segundo o *The Kabul Times*, foi a questão dos pashtuns separatistas. O Pashtunistão é uma causa etnonacionalista separatista, que reivindica uma nação pashtun devido às perdas territoriais ocasionadas no conflito conhecido como o Grande Jogo entre a Rússia Czarista e o Império Britânico, no qual a Linha de Durand criou o atual Estado do Paquistão e dividiu as tribos pashtuns.

Segundo Siddique (2014), não há consenso entre os líderes afegãos e figuras nacionalistas pashtuns no Paquistão acerca de uma única visão sobre o Pashtunistão. Algumas facções defendem a independência, outras uma província autônoma do Paquistão, enquanto há quem afirme que a pátria tradicional dos pashtuns é parte integrante do Afeganistão.

Nos dias 6, 7 e 9 de maio de 1978, o *The Kabul Times* enfatizou o apoio do Pashtunistão à causa revolucionária por meio de cartas enviadas às lideranças afegãs. Sendo assim, as tribos de diferentes áreas dessa região, como Tira, Sultani, Massed, Waziristão, Dare Sheikh Baba, Utmanzai, Ahmadzai, Wazir, Doud, Beitni, Masid, Karam, Khayber, Mengal, Bengesh Nawi, Touri, Jamrud, além dos pashtunistãos residentes em Cabul, congratularam o novo regime, Taraki e os membros do governo e do exército pela revolução, desejando seu sucesso, recordando os laços históricos e fraternos entre eles e a República Democrática do Afeganistão. Ressaltaram, também, seu incondicional apoio e lealdade; dessa forma, evidenciavam o alinhamento da revolução com os princípios do Islã.

Foi enfatizada por esses pashtuns separatistas, como algo positivo, a eliminação dos resquícios da monarquia, chamada de tirânica e enganosa. Também foi dito que o novo regime agradava a todo o Pashtunistão, sendo fonte de felicidade para a região inteira. Em determinado trecho, destaca-se:

Nós estamos confiantes de que o governo Revolucionário do Afeganistão, no despertar de sua ética revolucionária e patriótica, nobre sentimentos, consciência imaculada e conscientização política (...) será capaz de tornar o Afeganistão uma terra famosa, progressiva e florescente, e que os laços de fraternidade entre os povos do Pashtunistão e Afeganistão serão consolidados mais ainda. (*The Kabul Times*, 7 de maio de 1978, p. 4, tradução nossa).⁴⁸

O líder Abdul Ghaffar Khan, descrito como respeitada figura da luta pela liberdade dos povos pashtuns e baluchis, em referência ao Pashtunistão e Baluchistão,⁴⁹ foi recebido por Taraki em seu escritório. O jornal *The Kabul Times*, no dia 9 de maio de 1978, não adentrou nas minúcias discutidas por ambos, utilizando esse episódio apenas como propaganda política ao descrever o apoio de Ghaffar ao novo regime.

Em menor destaque, citando o periódico *Bakhtar*, o *The Kabul Times* também legitimou a revolução por meio de um telegrama enviado pelas lideranças do Baluchistão em apoio a

⁴⁸ No original: “We are confidence that the new Revolutionary government of Afghanistan in the wake of its patriotic and revolutionary ethics, noble sentiments, untarnished conscience and political awareness (...) will be able to turn Afghanistan into a flowering, progressive and famous land, and that the bonds of brotherhood between the peoples of Pashtunistan and Afghanistan will further consolidate”.

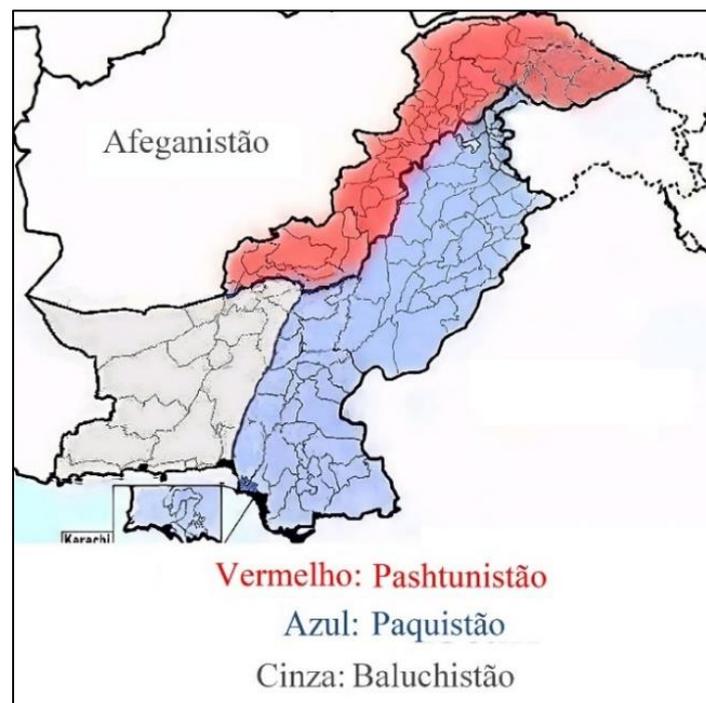
⁴⁹ Movimento separatista dos baluchis, que pretendem desvincular-se do Paquistão, tendo mais recentemente entrado em conflito com o Irã.

Taraki. Não foram explicitadas as reivindicações e pedidos tanto do Pashtunistão, quanto do Baluchistão ao Afeganistão, entretanto, ficou implícito que elas residiam no apoio a sua causa separatista, uma vez que se mencionou suas lutas, sua posição de oprimidos, e, através de slogans, foi proclamada vida longa ao Pashtunistão.

Sucessivos governantes afegãos utilizaram-se da questão para fortalecer o apoio pashtun ao Afeganistão, embora seja importante salientar não se tratar de uma mera manipulação, pois as tribos pashtuns de ambos os lados da linha de Durand beneficiaram-se também de alianças com os líderes afegãos, por vezes recebendo autonomia, isenção de impostos e de alistamento militar. Enquanto que o governo de Islamabad reprimiu veementemente os impulsos pashtuns por um Pashtunistão independente durante e após a invasão soviética no Afeganistão (SIDDIQUE, 2012).

A figura seguinte demonstra as regiões em disputa tanto do Pashtunistão quanto do Baluchistão.

Figura 12 – Mapa do Pashtunistão e Baluchistão



Fonte: Adaptado pelo autor do site ZoomViewer.toolforge.org.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, por meio de seu embaixador em Cabul, Alexander Michaelovich Puzanov, no dia 30 abril de 1978, enviou uma mensagem oficial, destinada ao líder do novo regime afegão. A mensagem expressava o reconhecimento por parte dos soviéticos à Revolução de Saur e ao direito de reger seus próprios assuntos internos. Além da União Soviética, outros países, em sua maioria socialistas, nesse primeiro momento,

enviaram mensagens semelhantes de reconhecimento ao governo de Taraki.

No dia 7 de maio de 1978, os Estados Unidos da América e alguns de seus aliados, a exemplo, Itália, Inglaterra e a Alemanha Ocidental, também reconheceram a República Democrática do Afeganistão através de notas enviadas por suas respectivas embaixadas.

Uma das pendências, agora resolvida, era a questão dos bens da monarquia. O Decreto número 3 do Conselho Revolucionário do Afeganistão declarou nacionalizadas toda a fortuna e as propriedades móveis e imóveis da família real, o que incluía o patrimônio de Daoud. Os argumentos de tal decisão pautaram-se na alegada acumulação de bens em discordância aos princípios e valores islâmicos e à conduta étnica. Desse modo, toda a fortuna da realeza foi declarada pertencente ao povo, responsável direto, à custa de seu trabalho, por essa acumulação de bens. Na matéria intitulada *Um vislumbre dos crimes históricos da dinastia Naderi no Afeganistão*, uma série de adjetivos pejorativos com carga semântica negativa foi atribuída à dinastia real, em especial a Daoud. Expressões como agente do colonialismo, tirânico, ditador, traidor, falso conquistador, agregador de traidores e de intrigas, disseminador de divisões, despótico carrasco, espião, assassino sorrateiro, saqueador da propriedade, da honra e da nação, traiçoeiro de interesses escusos, propagador de ameaças e terrorismo, mentiroso, imprudente, oportunista profissional e charlatão foram utilizadas para descrevê-lo.

Zahir Shah, que enganosamente referia-se a si mesmo, ora como Almotawakal Allah (dependente de Deus), ora Bande Khuda (súdito de Deus), violou a honra dos assuntos de Deus e não prestou atenção às tradições e honras do nobre povo do Afeganistão (...) A traiçoeira dinastia de Nader, especialmente, o seu último elo, o carrasco Daoud, desembainhou sua espada para aniquilar o espírito e valor intrínseco ao povo (*The Kabul Times*, 4 de maio de 1978, p. 2, tradução nossa).⁵⁰

A monarquia foi acusada de pilhar os bens da população e de transferi-los aos bancos e companhias de cunho colonialista. A Daoud foi creditada a criação de uma masmorra, onde ele executava secretamente seus inimigos, chamados pelo periódico de patriotas. Diferentemente da imagem de patriota, piedoso e amigo do povo por ele projetada, o *The Kabul Times* afirmou que na verdade ele era um mentiroso, tirânico e traidor imprudente. O periódico continuou ao sustentar que, quando a monarquia já não era mais viável, a dinastia a transformou em uma falsa república, na qual, apesar da amarga experiência anterior, o povo apoiou Daoud, que traiu sua confiança. Desse modo, a Loya Jirga foi manipulada por Daoud, que escolhia a dedo seus representantes em favor de seus interesses particulares.

⁵⁰ No original: “Zahir Shah who deceitfully sometimes called himself Almotawakal Allallah (reliant on God) and some time Bande Khuda (subject of God) violeted the honor of subjects of God and paid no attention to the traditions and honors of the noble people of Afghanistan (...) the treacherous Nader dynasty specially its last link executioner Daoud uncovered his sword to kill the intrinsic spirit of valour of the people”.

Frente a esse quadro, de alegadas violações dos direitos humanos e expropriação do povo afegão por parte do regime anterior, a Revolução de Saur acontece.

A queda de Daoud e a eliminação dos remanescentes do regime monárquico, para o povo do Afeganistão, foi um sonho que se concretizou (...) a revolução de Sete de Saur é a vanguarda de um novo futuro para o nosso país e para os nossos compatriotas, um futuro em que a fé, os valores, as tradições e aspirações do povo afegão serão verdadeiramente e genuinamente observados e respeitados (*The Kabul Times*, 4 de maio de 1978, p. 2, tradução nossa).⁵¹

Não tardou para que a implementação de uma “agenda comunista” ocorresse, a qual implicava erradicar das escolas o ensino religioso e estabelecer reformas profundas e apressadas, como restrições da poligamia e da idade para o casamento; o fim do dote; o fim da usura, que impossibilitou que o homem do campo conseguisse sementes e instrumentos agrários; e a reforma agrária, que a todos descontentou. Tais medidas incidem na noção de Carl Schmitt (2004), em um projeto para tornar mais homogênea a população, o que ocasionou no furor tribal, gerando questionamentos sobre a própria legitimidade do governo central. Hammond afirmou: “Já no verão de 1978 houve levantes no Nuristão e em Badakhastan e, nos meses que se seguiram, a revolta se alastrou até que envolveu cada uma das 29 províncias e quase todos os grupos étnicos do Afeganistão” (HAMMOND, 1987, p. 76).

No dia 2 de dezembro de 1978, o *The Kabul Times* notificou o decreto número 8 referente à reforma agrária. Em seu primeiro artigo, apontou aquilo que viria a ser o principal objetivo da reforma: “erradicar as relações de feudalismo e o pré-feudalismo da vida econômica e social do país” (*The Kabul Times*, 2 de dezembro de 1978, p. 1, tradução nossa).⁵² Tal concepção da sociedade em um sistema econômico ocidental, em uma conotação negativa, desconsiderando a importância das tradicionais relações no campo afegão, levando em conta os distanciamentos possíveis, incide no Orientalismo, ao qual Said (2007) se refere.

Charaudeau (2013) defendeu que, na prática, uma das finalidades da comunicação é o “fazer crer”, isto é, querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro) mesmo quando não o é. Em consonância a esse postulado, uma das mudanças rápidas e arbitrarias alheia à vontade do povo, referida por Hammond (1987), foi a reforma agrária: “A imprensa oficial deu a impressão de que em cada aldeia a reforma foi um

⁵¹ No original: “*The fall of Daoud, and elimination of the remnants of monarchical regime, to the people of Afghanistan, was a dream come true (...) the revolution of Saur Seven is the vanguard of a new future for our country and for our compatriots, a future in which the faith, the values, the traditions and the aspirations of the Afghan people will be truly and genuinely respected and observed*”.

⁵² No original: “*Eradication of feudalistic and pre-feudalistic relations from the social and economic life in the country*”.

grande êxito, com os camponeses dançando de alegria” (HAMMOND, 1987, p. 72).

Na realidade, contudo, a reforma agrária foi um fracasso, isso devido a alguns motivos: muitos camponeses se recusaram a receber a terra por medo de represália, parentesco com o proprietário ou por motivos religiosos; inexistência de estatísticas de terra e da população; a reforma significava interferência na autonomia local dos proprietários de terra. Além disso, conforme Saikal (2004), cerca de 250.000 hectares de terra foram distribuídos entre 296.000 famílias, fazendo com que cada uma delas recebesse pouco mais do que uma horta, não sendo o suficiente para a subsistência ou para gerar renda familiar. Esse fracasso evidencia a dificuldade de infiltração dos discursos hegemônicos estatais nas estruturas regionais de poder, conforme o conceito de análise ascendente de Foucault (2005).

Não solucionando a questão da fome e antagonizando todos os estratos do campesinato, os mais pobres receberam porções de terra que não podiam ser vendidas, divididas, legadas, hipotecadas ou arrendadas de outras formas. Os que aceitaram o pequeno lote, não tardaram a devolvê-lo para seus proprietários anteriores. As camadas médias careceram com a falta de crédito, fornecido pelos antigos agiotas, agora relegados à clandestinidade, e os grandes proprietários de terra, alguns deles pertencentes ao alto escalão do corpo de oficiais das forças armadas, da burocracia estatal e do clero, não receberam compensação pelas terras perdidas. Outro problema oriundo dessa reforma foi a não distribuição equânime dos recursos hídricos.

Conforme pronunciamento de Najibullah, que posteriormente seria nomeado Secretário-Geral dos *parchamis* e presidente do Afeganistão:

Tentamos resolver uma questão tão vital como a terra e a água, emitindo documentos abstratos, direcionando um fluxo de papéis sobre as cabeças dos camponeses. Começamos a reforma agrária do lado errado, destruindo as relações de produção estabelecidas, desconsiderando a moral, costumes e tradições nacionais (SAIKAL, 2004, p. 189, tradução nossa).⁵³

Segundo Hammond (1987), esse regime também violou direitos humanos, com numerosas execuções, em um país onde os laços de sangue são primordiais, instigando os parentes de uma determinada tribo, por exemplo, quando um de seus membros era executado, fazendo com que esse se tornasse responsável por vingar a morte de seu parente. Prisões e torturas em massa também eram práticas correntes. A Anistia Internacional emitiu um relatório acusando o governo de manter 12.000 prisioneiros em Pul-i-Charkhi, prisão de Cabul, que

⁵³ No original: “Such a vital issue as land and water we tried to resolve by issuing abstract documents, directing a stream of papers on peasants’ heads. We started the agrarian reform from the wrong end, destroying the established production relations, disregarding national customs, traditions and mores”.

constava com instalações apenas para 6.000 pessoas. O relatório alegava que dentre os presos havia 42 mulheres e crianças, que foram encarceradas unicamente por terem parentesco com prisioneiros políticos de todos os matizes, desde fundamentalistas muçulmanos a marxistas, a maioria deles sem julgamento e sem acusação. A tortura, segundo o relatório da Anistia, incluía fortes pancadas, chicotadas, arrancamento de unhas, queima de cabelos e privação de sono. Conforme Hammond (1987), a revista *Time* afirmava, em outubro de 1979, que o regime havia aprisionado 30.000 afegãos e executado 2.000. Saikal (2004) corrobora essa informação a respeito dos prisioneiros políticos, ao afirmar que, em setembro de 1979, o citado presídio estava lotado, e pelotões de fuzilamento tiveram um árduo trabalho para eliminar todos os inimigos do regime.

Retomando Hammond (1987), ainda no governo de Taraki, conforme citado, em quase todas as províncias, em meados de 1978, praticamente todos os grupos étnicos levantaram-se contra o governo de inclinação soviética do PDPA, por motivos das reformas apressadas e pela ligação que a população fazia dos líderes ao comunismo e ao ateísmo, dentre outros fatores. O fato ganhou proporções catastróficas quando, em março de 1979, na cidade de Herat, os “rebeldes” se juntaram aos soldados locais, causando uma carnificina generalizada, em que soldados soviéticos tiveram suas cabeças espetadas em lanças com as quais desfilou-se pela cidade. O governo metralhou e bombardeou o levante, mas não a tempo de evitar centenas, talvez milhares de assassinatos (HAMMOND, 1978).

Enquanto o caos incendiava literalmente parte do país, o *The Kabul Times* não dirigiu uma única nota referente ao episódio, ao contrário, a representação da normalidade é escancarada ao, no dia 15 de março de 1979, dia em que o levante se iniciou, noticiar que

Seiscentos e dois homens e mulheres foram matriculados em 18 cursos abertos no centro da província de Herat e Enjeel e Gulrans (...) Os cursos são ministrados voluntariamente por alguns professores e intelectuais (*The Kabul Times*, 15 de março de 1979, p. 3, tradução nossa).⁵⁴

Referindo-se a cursos de alfabetização, a notícia ressalta a suposta harmonia que estaria permeando o cotidiano do povo de Herat.

⁵⁴ No original: “Six hundred and two men and women have been enrolled in 18 courses opened in the center of Herat province and Enjeel and Guiran (...) the courses are taught voluntarily by some teachers and intelligentsia.”

4.4 O Governo de Amin na segunda etapa da Revolução de Saur

Hafizullah Amin ascendia ao poder em uma rápida escalada, tornando-se primeiro-ministro em março de 1979 e assumindo o controle da Defesa em julho. Conforme Saikal, “à medida que seus poderes cresciam, aparentemente aumentavam seu desejo pela ditadura pessoal” (SAIKAL, 2004, p. 192, tradução nossa),⁵⁵ ao passo que Taraki, com o tempo, tornava-se uma figura decorativa. Amin estava em posição de implementar sua visão do processo revolucionário baseado no terror. Dessa forma, os líderes dos *parchamis* foram inicialmente enviados para o exterior como embaixadores e, posteriormente, acusados de peculato, o que os levou a buscar a proteção de Moscou. Foi o que ocorreu com Karmal, que fora delegado como embaixador de Praga; tratava-se na verdade de um exílio não oficial.

Em setembro de 1979, Amin iniciou uma perseguição aos apoiadores de Taraki. Conforme Saikal (2004), após uma reunião dos países não alinhados em Havana, Taraki se reuniu com Brezhneve em Moscou, e, em concordância com o líder soviético, Taraki decidiu ampliar sua base de poder ao reincorporar os *parchamis*, trazendo de volta Karmal para o governo, mesmo que Amin não concordasse com isso. Mas Amin tinha um de seus apoiadores na comitiva, e a conversa vazou para ele, permitindo que ele elaborasse uma conspiração contra Taraki, com o apoio do Chefe de Estado-Maior, o General Mohammad Yaqub; em um tiroteio de gabinete, Taraki foi deposto. O golpe foi justificado através de um documento secreto do PDPA, que fora distribuído no dia 16 de setembro de 1979

O culto à personalidade do camarada Taraki foi o principal obstáculo no caminho do progresso. Este culto de personalidade (...) ofuscou todos os princípios ideológicos e organizacionais do nosso partido. O camarada Taraki recorreu a conspirações de cunho antipartidário, realizando agrupamentos contra o Politburo e todos os órgãos do partido, especialmente contra o camarada Hazibullah Amin (SAIKAL, 2004, p. 193, tradução nossa).⁵⁶

Hammond (1987) afirmou que, provavelmente, Amin ficara sabendo dos planos de Taraki de afastá-lo do poder, exonerando do cargo alguns ministros de Taraki, quatro para ser mais preciso, a saber, o Coronel Mohammad Aslam Watanjar, ministro do interior; o Major Sherjan Mazdooryar, ministro das fronteiras internacionais; o coronel Sayed Mohammad

⁵⁵ No original: “As his powers grew, so apparently did his craving for personal dictatorship.”

⁵⁶ No original: “Comrade Taraki’s cult of personality was the main obstacle in the way of accelerated advancement and intensified development. This cult of personality (...) overshadowed all ideological and organisational principles of our party. Comrade Taraki resorted to conspiracies and anti-party groupings against the Politbureau and all party organs, especially Against Comrade Hafizullah Amin”.

Gulabzoy, ministro das comunicações; e Asadulah Sarwari, diretor da Agência Afegã de Salvaguarda do Interesse Nacional (AGSA), a polícia secreta afegã. Esses eram homens com posições-chave no governo e capazes de instaurar possíveis conspirações para derrubá-lo, além de três deles, Watanjar, Mazdooryar e Gulabzoy terem participado do golpe de Estado tanto do rei Zahir quanto do presidente Daoud. Eles fugiram, vindo a reaparecer apenas posteriormente, sob o governo de Karmal, após a invasão soviética. Além de destituir esses ministros, Amin se apropriara do controle das forças armadas, da polícia e do sistema de comunicação.

No dia 14 de setembro, Taraki telefonou insistentemente para Amin, pedindo-lhe que comparecesse ao Palácio do Povo. Temeroso de uma conspiração, ele recusou-se, vindo a mudar de ideia apenas quando o embaixador soviético, Alexander M. Puzanov, garantiu a sua segurança. Ao chegar ao palácio, um tiroteio irrompeu, ocasionando a morte de diversas pessoas, inclusive do Major Taroon, que fizera do seu próprio corpo escudo para proteger Amin, que, sobrevivente, retornou ao palácio mais tarde com alguns de seus seguidores e prendeu Taraki (HAMMOND, 1987). Foi anunciado no dia seguinte, pelo Conselho Revolucionário, que Taraki fora afastado de suas atribuições por motivos de saúde. Conflitos internos entre os novos líderes, Taraki, Amin e Karmal, o descontentamento da União Soviética e revoltas populares, devido à imposição de políticas socialistas malsucedidas, culminaram no assassinato de Taraki por Amin, que assumiu o poder.

Em seguida, anunciou-se que Taraki havia morrido de causas naturais, mas na verdade ele fora encarcerado em prisão domiciliar e estrangulado no dia 8 de outubro de 1979. Conforme Saikal (2004), no cemitério de Qul-e Abchakan, foi cavada uma sepultura e preparada uma mortalha para ele, enquanto ele ainda estava vivo. Hammond (1987) afirmou que, posteriormente, quando Babrak Karmal assumiu o poder, três membros, do governo dos escalões mais baixos, confessaram que, sob ordem de Amin, eles mataram e enterraram Taraki.

O assassinato de Taraki indignara Brezhnev, e, embora os soviéticos olhassem com desconfiança para Amin e para sua capacidade de governar o Afeganistão, ainda assim o Kremlin manteve o apoio à nova liderança e forneceu assistência econômica e militar ao país por um tempo. Logo, as intenções de Amin se mostraram, conforme demonstrou Saikal (2004); o novo líder era mais ambicioso do que leal a Moscou. O exército desintegrava-se e os insurgentes ocupavam áreas provinciais. Pautado em um ufanismo pashtun e buscando por poder ilimitado, ele transformou o regime na velha tradição afegã de negócio familiar, nomeando seu irmão para supervisionar províncias, seu sobrinho e genro como chefe de segurança e dezenas de outros parentes e amigos para outros cargos influentes e lucrativos.

No final de agosto de 1979, cópias de uma carta, supostamente de um grupo *khalq* dissidente, distribuídas clandestinamente, denunciavam abertamente Amin como egoísta, propagador do culto à personalidade, possuidor de uma liderança centralizada e não democrática; acusavam-no ainda de usar o partido para benefícios próprios e familiares, de afastar e demitir revolucionários leais, de não cumprir com as promessas feitas ao povo, e de encarcerar arbitrariamente presos políticos, atacar a religião e a tradição, exercer violência e usar da força militar de modo desproporcional, de manter conluio com inimigos estrangeiros, e internos, além de designá-los para importantes cargos, pois na visão de Amin, não se tratavam de inimigos. Embora essa carta possa ter sido fabricada por inúmeros inimigos de Amin, a Embaixada Americana a considerou genuína.

À luz das contribuições de Patrick Charaudeau (2013), podemos compreender e contextualizar, por exemplo, um discurso de Amin, proferido em 4 de abril de 1979, anterior à invasão soviética, nele Amin enfatiza:

Eu francamente digo que, se a intervenção estrangeira não tivesse ocorrido no Afeganistão, nenhum problema sério teria surgido. A revolução do operariado do Afeganistão foi e está sendo apoiada por mais de 98 por cento do povo trabalhador do Afeganistão” (*The Kabul Times*, 4 de abril de 1979, p. 4, tradução nossa).⁵⁷

Segundo Charaudeau (2013), as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública. Elas não transmitem o que ocorre na realidade social, mas impõem o que constroem do espaço público.

É dessa forma que a culpa no invasor estrangeiro indeterminado, a quase unanimidade do apoio à causa sem o fornecimento de estatísticas que as comprove e a terminologia revolução para designar um golpe de Estado foram estratégias discursivas do então governante, que, em relação ao conteúdo em si do discurso, contrasta veementemente com os fatos. Segundo Hammond (1987), “a tentativa de impor mudanças rápidas e arbitrárias por meio da força, contra a vontade do povo, produziu não o progresso, mas o caos, o derramamento de sangue e a guerra civil” (HAMMOND, 1987, p. 71).

Em relação às microssociedades, a pesquisa tem apontado para a representação delas, pelo *The Kabul Times*, como corpos passivos, dóceis e submissos, sempre saudando, congratulando e parabenizando os governantes em tempos de necessidade da legitimação dos regimes que se sucedem frente a violentos golpes de Estado. Nesse sentido, o periódico

⁵⁷ No original: “I candidly say that if foreign intervention would not have taken place in Afghanistan no serious problem would have popped up. The workers revolution of Afghanistan has been and is being supported by more than 98 percent of the toiling people of Afghanistan”.

transmite a ideia de ordem, consenso e harmonia na sociedade, de modo a exaustivamente promover a imagem do governante, por vezes o chamando de Grande Líder e Educador do Povo, como se referiu, por exemplo, a Taraki.

Em dezembro de 1979, as perspectivas eram as piores para o governo *Khalq*. O regime perdera áreas rurais para os *mujahidins* e seus apoiadores, praticamente a metade do exército havia desertado, com militares tendo se juntado à resistência, com todo o seu aparato armamentista. 40.000 *mujahidins*, no Afeganistão, operando, a partir de instalações no Paquistão, quase eram iguais em contingente quando comparados com o exército afegão, forçando Amin a negociar com lideranças *mujahidins*, em especial o pashtun Gulbuddin Hekmatyar e seus apoiadores estadunidenses e paquistaneses. Isso relegou aos soviéticos duas opções políticas: enviar tropas para o país, fortalecendo os mecanismos de controle, ou permitir que um governo islâmico assumisse o poder. Além disso, outros fatores influenciaram a decisão de Moscou quanto à invasão: o ressurgimento islâmico na região, com a ascensão do radicalismo do aiatolá Khomeini no Irã e das políticas de reafirmação muçulmanas de Zia ul-Haq no Paquistão; o estreitamento dos laços entre Islamabad e Pequim, que se opuseram ao regime do PDPA desde seu alvorecer; a reaproximação sino-americana; o aumento dos empreendimentos navais dos EUA no Golfo Pérsico após a crise dos reféns iranianos; e os crescentes gastos militares na região, assim como a decisão da OTAN de implementar mísseis na Europa Ocidental (SAIKAL, 2004).

Em 27 de dezembro de 1979, Amin convidou membros do Politburo do PDPA para um jantar, durante o qual ele declarou triunfantemente: Divisões soviéticas estão a caminho daqui. Eu sempre disse a vocês que o grande vizinho não nos deixaria sozinho. Tudo está indo bem, eu estou falando constantemente com o camarada Gromyko por telefone, e estamos discutindo uma questão: qual a melhor forma de divulgar as notícias para o mundo sobre a ajuda dos militares soviéticos (SAIKAL, 2004, p. 194, tradução nossa).⁵⁸

Um grande erro acometeu Amin ao confundir ajuda com invasão, isso levou ao seu extermínio. A 40ª Divisão do Exército soviético, constando 75.000 homens, com tanques e aviação estava a caminho, não para auxiliar o regime de Amin, mas para derrubá-lo, substituindo-o por Babrak Karmal, com um governo mais inclinado aos soviéticos e com um apoio mais amplo do povo e do partido. Pouco antes da invasão, Amin fora aconselhado a transferir sua residência do palácio Arg, no centro de Cabul, para o complexo Dar ul-Amman

⁵⁸ No original: “Soviet divisions are on their way here. I’ve always told you that the great neighbour would not leave us alone. Everything is going fine. I am constantly speaking with Comrade Gromyko over the phone, and we are discussing one question: what is the best way to formulate the news about Soviet military help to us for the world.”

nos arredores dos subúrbios da capital por motivos de segurança. Tratava-se na verdade de um plano para controlar os movimentos do presidente e facilitar sua eliminação.

Saikal (2004) aponta para uma divergência entre os soviéticos, que discutem sobre o teor da operação militar no Afeganistão se tratar de uma intervenção ou uma invasão. Para os adeptos da primeira hipótese, são elencados o fato de as tropas terem ido ao país a convite de Amin e da cláusula do Tratado de Amizade entre os dois países, assinado pouco antes, e que previa a intervenção soviética em determinadas circunstâncias, tendo os soviéticos considerado uma intervenção de estadia breve, conforme as previsões da época, ao passo que esperavam por parte da população uma adesão à intervenção e à nova liderança de Karmal. Como os soviéticos, entretanto, eliminaram Amin e implementaram um governante a seu bel-prazer, o mundo considerou a escalada soviética no país como uma invasão, conclusão com a qual Saikal (2004) concordou.

Em um contexto de oposição ferrenha a Amin, tanto por parte do clero, que fora alienado, dos camponeses, e das tribos, com poucos bajuladores do presidente o apoiando, o líder afegão foi assassinado em 27 de dezembro de 1979 pelas forças especiais soviéticas.

Com a invasão do Afeganistão pelos soviéticos, de acordo com a tese de doutorado de José Manuel Delgado Félix Ribeiro, embora os soviéticos tivessem controlado a capital Cabul, em todas as demais regiões ainda imperava a hegemonia das múltiplas microssociedades. No decorrer do conflito, os soviéticos passaram a controlar algumas das principais cidades afegãs e a rede de comunicação entre elas (RIBEIRO, 2012).

Figura 13 – Mapa da Invasão Soviética no Afeganistão



Fonte: NAVARRO, Jesse, 1984, p. 1030.

A invasão soviética no Afeganistão perdurou por dez anos. A subestimada e prematura perspectiva da União Soviética de logo poder retirar grande parte do seu exército, calculando pacificar o país em no máximo um ano, defrontou-se com o caos por qual passava não apenas o PDPA, mas o Afeganistão como um todo, sendo os soviéticos aos poucos despertados para a realidade de uma longínqua empreitada. De acordo com a obra *História do mundo contemporâneo: da paz britânica do século XVIII ao choque das civilizações do século XXI*, um rápido cessar fogo era impossível, dados os múltiplos focos das bases guerrilheiras, financiadas pelos EUA e Paquistão nas altas montanhas deste último país.

A invasão, iniciada durante a presidência do soviético Leonid Brezhnev e do estadunidense Jimmy Carter, gerou uma turbulência em todo o mundo. A ONU enfatizava a necessidade da retirada imediata das tropas soviéticas. Em tom de severas acusações, chanceleres de 34 nações condenavam a União Soviética. Jimmy Carter manifestou sua imensa desaprovação, congelando relações com o país invasor, e boicotou as Olimpíadas de Moscou, pois proibiu os atletas norte-americanos de participarem dela. Ademais, algumas medidas foram tomadas por Carter, que:

- 1) Advertiu a União Soviética contra qualquer expansão para além do Afeganistão, especialmente na direção do Golfo Pérsico, e prometeu repelir qualquer movimento;
- 2) Lançou uma campanha diplomática e de propaganda para impedir os soviéticos de alcançar apoio internacional para sua invasão;
- 3) Visto a deficiência em um acordo com Irã, por causa da administração de Khomeini, ele renovou uma aliança com o

Paquistão, usando o país como suporte norte-americano; 4) Apoiou ao uso do Islã pelos afegãos e os seus apoiadores muçulmanos como uma premissa ideológica de resistência, a fins de travar uma jihad (guerra santa) contra a ocupação soviética. A CIA foi autorizada a organizar uma rede de apoio material e humano para a resistência afegã islâmica (SAIKAL, 2010, p. 129, *apud* RIEGER; TEIXEIRA, 2012, p. 8).

A advertência, caso os soviéticos ultrapassassem as fronteiras do Afeganistão, contava com uma ameaça de retaliação militar, inclusive nuclear, por parte dos Estados Unidos. Com bases estratégicas instaladas no Paquistão, agora sob a zona de influência norte-americana, formava-se, além da represália política e militar, uma rede de propaganda contra Moscou. Movido pela necessidade de tornar o conflito mais equilibrado, considerando a nítida vantagem bélica da União Soviética, os EUA, por intermédio da CIA e da distribuição das inteligências secretas do Paquistão, Reino Unido, Egito, Arábia Saudita, China e Israel, concediam recursos, além de fornecerem armas aos *mujahidins*, que, até então munidos apenas de RPGs⁵⁹ e Kalashnikov,⁶⁰ agora passavam a ser equipados com aparatos de destruição aérea, os mísseis Stinger e Blowpipe. Esta política empurrou os já dispendiosos gastos soviéticos a um teto de três bilhões por ano (RIEGER; TEIXEIRA, 2012).

Os gastos dos Estados Unidos, por sua vez, não ficaram para trás. A Operação Ciclone, nome codificado pela CIA, previa o armamento dos rebeldes islâmicos, o treinamento de guerrilhas e o apoio financeiro aos *mujahidins* durante a invasão. Em 1980 os custos chegavam aos US\$ 20-30 milhões por ano. Perto do fim do conflito, em 1987, esse número chegou a alcançar US\$ 630 milhões anuais.

Os norte-americanos estavam dispostos a agarrar a oportunidade de fazer desse conflito o “Vietnã soviético”, como avaliou Zbigniew Brzezinski, assessor de segurança nacional do presidente Carter. O presidente considerava a invasão afegã um atentado contra a paz mundial e uma grave intimidação ao livre-comércio e à produção de petróleo do Golfo Pérsico. Mas foi sob a administração de seu sucessor, Reagan, de acordo com Lafeber, em sua obra *The American Age: United States foreign policy at home and abroad*, que o Afeganistão se tornou uma nação-chave da política externa norte-americana, e, talvez, onde a Doutrina Reagan atingiu o maior sucesso (LAFEBER, 1994). Com Reagan, a política anticomunista, tanto no Afeganistão quanto em outros países, como Angola e Nicarágua, foi intensificada.

Não sem razão, quando os recursos empregados no embate foram multiplicados, como consequência das políticas de fornecimento de armas modernas pela CIA, verificou-se um

⁵⁹ Granadas jogadas por foguetes.

⁶⁰ Fundada em 1807 na Rússia, a produtora de armas Kalashnikov é a responsável por fabricar o mais famoso fuzil do planeta, a AK-47.

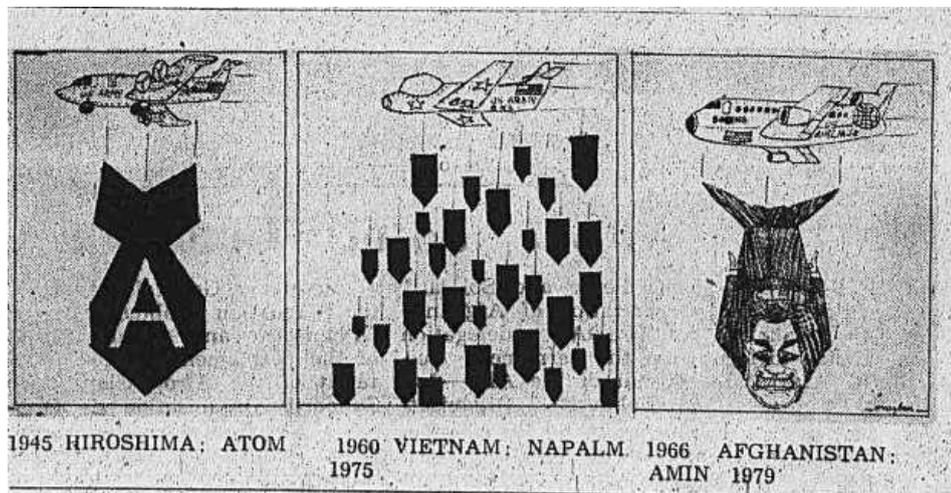
avanço significativo por parte dos *mujahidins* contra as tropas soviéticas (RIBEIRO, 2012).

Após a invasão soviética, o primeiro editorial, do agora renomeado *The New Kabul Times*, apresentou uma série de termos pejorativos e depreciativos a respeito do antigo governante Amin, até então sempre sendo referido positivamente como o Comandante e herói da Revolução de Saur. A manchete de destaque já precipitava o julgamento que o leitor possivelmente faria sobre o líder ao caracterizá-lo como sanguinário e assassino. Ainda na manchete, seu regime foi qualificado como reino do terror, em uma administração colonialista. Na notícia ele foi referido como fascista, traidor do povo e da nação, carrasco hipócrita, tirano, imperialista, demagogo e ditador, dentre outros. Ao passo que Babrak Karmal foi descrito como herói. Mesma estratégia utilizada por Daoud para desacreditar o governo do rei Zahir, e de Taraki e Amin para deslegitimar Daoud e a monarquia.

Essa descrição de Amin vai ao encontro da imagética da barbárie configurada por Menezes (2019), em que a referida autora enfatiza:

A ideia de que, quando uma sociedade sofre, tende a responsabilizar o outro por seus problemas, tem servido como possibilidade explicativa para determinados processos. Nessa temporalidade de angústia, incluem-se as revoluções, momentos privilegiados de renovação de esperança, do advento do medo e do despertar de muitas perplexidades (MENEZES, 2019, p. 193).

Figura 14 – Amin é comparado a bomba atômica e ao Napalm



Fonte: *The New Kabul Times*, 27 de janeiro de 1980, p. 2.

Salvo as devidas especificidades, o bárbaro, invasor externo, ao qual Menezes (2019) se referiu, pode ser identificado com a representação feita de Amin, acusado de ser infiltrado da CIA no Afeganistão (HAMMOND, 1987). A charge acima (Figura 14), veiculada no *The New Kabul Times*, tornou visível essa associação.

Já Barfield (2010) afirmou que na história afegã nunca houve memória comum

partilhada ou laços de comunidade que não pudessem se desfazer caso os interesses próprios assim o exigissem, nem amigo ou inimigo que fosse permanente na história do país. As microssociedades afegãs, portanto, alinhavam-se e cooperavam entre elas mesmas, mesmo quando não gostavam umas das outras, assim como se dividiam quando necessário. O mesmo ocorria em relação às lideranças afegãs, as quais sobrepujavam os laços étnicos ou familiares em prol de benefícios pessoais, ou pela busca do poder como foi o caso, por exemplo, do golpe de Estado efetivado por Daoud, que, mesmo sendo primo do rei Zahir Shah, isso não o impediu de trair o monarca. Dessa forma, a alternância constante de poder no Afeganistão nesse período conturbado pode ser compreendida sob esse ponto de vista.

5 REPRESENTAÇÕES DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO AFGANISTÃO E A RESISTÊNCIA DAS MICROSSOCIEDADES AFGÃS NA GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

5.1 A Recepção do novo governo e o Embate Leste-Oeste pelo *Kabul New Times*

Babrak Karmal foi nomeado, pelo Conselho Revolucionário, Secretário Geral do Comitê Central do PDPA, Presidente do Conselho Revolucionário e Primeiro-Ministro da República Democrática do Afeganistão. No dia 1º de janeiro de 1980, o jornal, agora renomeado *Kabul New Times* tem como manchete “Babrak Karmal saúda a Nação Afegã”.

Referindo-se ao povo afegão como sofrido e maltratado, Karmal apresentou sua empatia pelo que considerou o sofrimento e derramamento de sangue causado pelo

encarceramento, banimento, exílio forçado desumano, e mesmo torturas bárbaras, martírios e massacres de dezenas de milhares das nossas mães, pais, irmãos e irmãs, filhas, filhos e crianças sob ordens diretas do carrasco Hafizullah Amin (*KABUL NEW TIMES*, 1 de janeiro de 1980, p. 1, tradução nossa).⁶¹

Amin foi caracterizado como traiçoeiro e inimigo de Deus, como aquele que lutou barbaramente em nome do Islã contra o *khalq* e seu povo, sendo referido como agente da CIA, espião do imperialismo americano, traidor da Revolução, do partido e da pátria, assassino e inimigo que não se compadeceu sequer de Taraki e de sua própria família. Amin teria negociado a independência do Afeganistão com reacionários locais e pilhado as riquezas do país, desdenhando da confiança que o povo depositava nele; por fim ele foi referido como o próprio satã ao ter seus crimes descritos como satânicos, no que pode ser identificado como um exemplo de palavra de força, segundo Pêcheux (2012). Karmal assegurou que Amin foi aniquilado pela corte revolucionária de justiça do povo, e garantiu que seus comparsas remanescentes seriam sentenciados e penalizados em breve.

Um aspecto relevante do discurso de posse de Karmal foi a alegação de que a maior parte do povo do Afeganistão se posicionou favoravelmente a esse novo estágio da Revolução de Saur, ao citar nominalmente o apoio irrestrito das microssociedades, demonstrando a unidade

⁶¹ No original: “*Imprisonment, banishment, forced exiles inhumane and even barbaric tortures, martyrdom and massacre of tens of thousands of our mothers and fathers, brothers and sisters, daughters, sons and children under the direct orders of Hangman Hafizulah Amin*”.

nacional e a fraternidade entre as nacionalidades, tribos e vários setores do povo, como os pashtuns, tadjiques, hazaras, uzbeques, turcomanos, balúchis e nuristanis. Ressaltou-se também que o novo regime se proclamou como um defensor da liberdade religiosa, tanto sunita quanto xiita, além de outras religiões.

Foi concedida anistia para perseguidos e presos políticos

como resultado da tirania e despotismo sob o sanguinário Hazibullah Amin, aqueles que se refugiram no exterior ou mesmo no interior do país acometidos pelo fratricídio irrefletido ou fruto da vingança, instigados por opressores locais ou inimigos estrangeiros estão sinceramente convidados a retornarem para (...) o amado Afeganistão, com plena liberdade e confiança. Eles devem devolver ao governo revolucionário nacional as armas que eles receberam dos inimigos (*KABUL NEW TIMES*, 1 de janeiro de 1980, p. 1, tradução nossa).⁶²

Babrak Karmal afirmou que a Revolução de Saur teve que lidar com a oposição feudal e o imperialismo, possibilitando assim ao povo trabalhador mudanças democráticas, superando as práticas do regime de Amin, considerado antidemocrático, antipartidário, antigoverno, antirrevolucionário e mesmo desumano. O novo líder da nação prosseguiu, argumentando que, se as forças genuinamente revolucionárias não tivessem tomado a direção do governo, o Afeganistão seria convertido em uma casa de abate de seus próprios filhos, isto é, de seus cidadãos, sendo, portanto, dever dessa nova guinada revolucionária corrigir os desvios da gestão anterior. Karmal convocou a classe trabalhadora do Afeganistão com promessas de soberania e independência nacional, integridade territorial, democracia real e um forte sistema administrativo que fortaleceria, dentre outras coisas, a organização em massa. No dia seguinte, uma matéria chamou essa postura de cruzada, uma cruzada rumo aos valores da Revolução.

Para viabilizar tais mudanças, são proclamados o respeito ao islamismo, a libertação de presos políticos e a liberdade de consciência, crença e prática religiosa; a proteção à unidade da família; a garantia do direito da propriedade privada justa, desde que dentro dos conformes legais; a promoção da liberdade democrática, como a formação de partidos e organização de massa ou social; a liberdade de imprensa; a permissão às manifestações de rua; a garantia ao trabalho e à educação; o fornecimento de imunidade de correspondência e comunicação, além do direito à viagem; o fim ao peculato, suborno, contrabando e acumulação desproporcional.

Uma outra promessa de Karmal incidiu na independência e crescimento econômico nacional, que foram associados a esquemas científicos de planejamento para o desenvolvimento

⁶² No original: “As a result of tyranny and despotism under the blood-thirsty Hafizullah Amin have taken refuge abroad or are engaged inside the country in fratricide unconsciously or vindictively at the instigation of the oppressors and local or foreign enemies are honestly and sincerely invited to return to (...) the beloved Afghanistan, with full freedom and confidence”.

socioeconômico, o que incluía o estabelecimento de indústrias nacionais independentes em um processo de industrialização do país com o objetivo de melhorar o padrão de vida das pessoas.

Também foi uma promessa de governo executar os últimos estágios da reforma agrária, abolindo o que o presidente considerava como os últimos remanescentes das relações obsoletas do feudalismo, pondo fim à dominação do comércio estrangeiro, do monopólio das agências internacionais, da expansão do setor público nas esferas econômicas, e servir como guia para encorajar e incentivar os artesãos, proprietários de terras, pequenos e médios comerciantes. É interessante destacar as promessas relacionadas à preservação das culturas e dos dialetos de todas as assim designadas nacionalidades fraternas e tribos do Afeganistão, banindo a interferência dos resquícios do neocolonialismo e do imperialismo em todas as suas esferas. O objetivo proclamado foi estabelecer convivência pacífica de todas as nacionalidades e tribos. Na matéria do dia seguinte, essas mesmas nacionalidades e tribos foram nominalmente citadas, sendo convocadas a partilharem do dia da liberdade e da fraternidade de todos os povos do Afeganistão.

No dia 8 de janeiro de 1980, o povo de Herat, majoritariamente formado pela microsociedade tadjiq, foi saudado pelo novo líder através do novo governador da região, Tahmas Radouf, o qual afirmou ser dever de todos contribuir para a realização dos sagrados objetivos e aspirações da Revolução de Saur. No dia seguinte a este, o clero de Herat também deu boas-vindas a Karmal e o parabenizou por sua eleição, expressando sua prontidão em cooperar com os elevados propósitos da assim chamada Revolução de Saur, uma vez que o novo governo garantiria o bem-estar de todo o povo trabalhador muçulmano do Afeganistão, assim como uma vida segura e plena.

A matéria intitulada *Waziris*, datada do dia 10 de janeiro de 1980, afirmou que diferentes cartas dos anciãos do Waziristão, região fronteira entre o Afeganistão e Paquistão, foram enviadas por diversas tribos da região, todas expressando genuíno agrado e solidariedade pela eleição de Karmal e se colocando à disposição do governo democrático nacional e ao combate aos inimigos da pátria.

Já em outra matéria, do dia 14 de janeiro do mesmo ano, foi a vez de os líderes pashtuns e baluchis expressarem seus votos de sentimentos ao novo líder, assim como sua prontidão de lutar contra os inimigos do governo revolucionário; em uma outra carta, anciãos de Afridi (Tira), Bar Samkani, Shinwari, Lowaray e Otmankhail de Bajawor também apoiaram o novo regime, e afirmaram que rezariam pelo seu sucesso, postura essa enfatizada em uma matéria datada do dia 15 de janeiro de 1980, onde os anciãos de Bajawor ofertaram sua gratidão em

relação à libertação dos prisioneiros políticos.

Anciãos de Pakthia de diversas tribos também receberam com vigor as mudanças políticas no Afeganistão, colocando-se à disposição para a eliminação dos inimigos da Revolução; e, conforme uma matéria do *Kabul New Times*, o governador Hamid Khan Momaez participou da cerimônia. Outras regiões também foram citadas como favoráveis ao novo regime, como Jalalabad, Shinwar e Nangahar, esta última também contando com a participação do governador Mohammad Ziarat Afridi.

Na matéria intitulada “Novo estágio da Revolução de Saur é saudado”, as províncias de Samangan, Laghman e Farah celebraram a vitória do novo regime, expressando solidariedade e realizando cerimônias em prol do novo regime, um deles ocorreu na escola de ensino médio no complexo de Aibak, onde centenas de cidadãos teriam participado, dentre eles membros do clero, trabalhadores do campo e outros, e versos do Corão foram recitados e discursos proferidos, em um contexto de oposição ao feudalismo e influência do imperialismo. Outra cerimônia foi realizada em Samangan, e na comunidade de Laghman afirmou-se que até mesmo a comunidade hindu se posicionou favorável ao novo estágio da Revolução de Saur, e o governador desse último distrito, Aziz Azem, discursou em favor de Babrak Karmal, tendo sido aplaudido por todos; movimento semelhante foi empreendido pelo governador da província de Farah segundo o jornal *The Baktar New Agency*, conforme foi citado pelo *Kabul New Times*.

Os pashtuns e baluchis residentes na província de Candaar também se manifestaram a favor dos novos rumos da revolução de Saur, conforme matéria publicada no dia 15 de janeiro de 1980, também contando com a aprovação do governador Shahnawaz Shaiwani.

Outras microssociedades e anciãos foram apresentados no decorrer das notícias, sendo sempre representados como apoiadores entusiasmados do governo de Karmal.

Abdur Ghaffar Khan concedeu uma entrevista ao jornal no dia 15 de janeiro de 1980, o que pode ser interpretado como uma estratégia discursiva que recorreu à autoridade para legitimar os novos rumos da Revolução de Saur. O movimento não violento de Abdul Ghaffar Khan, em 1930, na antiga Província da Fronteira Noroeste do Paquistão, atual Khyber Pakhtunkhwa, reacendeu o etnonacionalismo pashtun.

Abdul Ghaffar Khan, após o assassinato pelas tropas britânicas de manifestantes desarmados, então membros da Organização para a Promoção de Reformas entre os Afegãos, aliou-se, juntamente com sua organização, ao Congresso Nacional Indiano, chegando a vencer as eleições de 1937 e 1946 na Província da Fronteira do Paquistão. Em 1946, findou sua aliança com o Congresso, quando esse acatou um plano britânico de um controverso plebiscito na

região, que previa duas opções, a adesão da província à Índia ou ao Paquistão, sem oferecer a possibilidade de um Estado independente, essa última, pauta do movimento de Ghaffar Khan, que pretendia a criação de um Estado independente para os pashtuns, o Pashtunistão. O movimento de Ghaffar Khan, posteriormente, ficou conhecido como *Khudai Khidmatgars*, isto é, Servos de Deus. Ghaffar Khan e seu filho Wali foram presos e passaram cinco anos em uma prisão no Baluchistão; seu ativismo foi considerado pelo Paquistão como atividade secessionista.

No jornal do dia 15 de janeiro, uma entrevista com Abdur Ghaffar Khan para o *Haqiqat-i-Ingelabe Saur*, tanto para o rádio e para televisão, como também para o jornal *Bakhtar*, foi transcrita no *Kabul New Times*. Nela, o líder pacifista afirmou que o povo recebeu calorosamente e com festividade as mudanças que ocorreram em dezembro, em referência à tomada de poder por Karmal e ao auxílio soviético ao Afeganistão. Disse também ter tomado ciência da escalada propagandística contrária à União Soviética e que tinha convicção de que ela partia dos círculos americanos, britânicos e de seus aliados.

Retomando a história de opressão do país, Ghaffar recordou que os britânicos não permitiram o progresso dos afegãos, rotulando-os de infiéis e afastando todos os homens progressistas que surgiram no país. No período conhecido como Grande Jogo, quando o Afeganistão estava localizado entre duas forças, os russos e os britânicos, ambas potências contribuíram para a destruição do Afeganistão. Ghaffar Khan, brevemente, também mencionou o papel que o seu grupo ativista, *Khudai Khidmatgars*, teve na expulsão dos britânicos na Índia.

Em relação à União Soviética, o líder dos *Khudai Khidmatgars* afirmou não identificar nela uma interferência nos assuntos internos do país, ao contrário, verificou uma disposição para ajudá-lo. Quanto a uma possível guerra entre Afeganistão e Paquistão, Ghaffar Khan disse que tal cenário seria contrário à unidade e à fraternidade islâmica.

Já em outra matéria, no que diz respeito ao campo da política externa, o país garantiu manter a postura de não alinhamento e coexistência, defendendo a paz e a *détente*, ou seja, a diminuição das tensões durante a Guerra Fria. Também fez menção a apoiar as políticas de redução das armas nucleares, respeitando todos os tratados assinados entre o Afeganistão e os outros países. Além das críticas já levantadas contra o neocolonialismo e o imperialismo, o fascismo, apartheid e racismo também foram criticados, mas exaltou-se o socialismo, principalmente quando se reconheceu a necessidade de se expandir globalmente a solidariedade entre o sistema mundial do socialismo, apoiando movimentos globais do proletariado e de libertação nacional e social dos países da Ásia, África e América Latina. Aproximações com o

Irã foram realizadas, uma vez que nesse período o governante do Irã era o aiatolá Khomeini, anti-estadunidense. Evocou-se a causa dos palestinos, tendo o Afeganistão se colocado a favor dela, considerando-a como movimento heroico de libertação. As relações fraternas e islâmicas entre os não alinhados e nações islâmicas também fizeram parte do discurso.

O objetivo final de toda e qualquer política anunciada foi a “eliminação de todo tipo de exploração do homem pelo homem” (*KABUL NEW TIMES*, 1 de janeiro de 1980, p. 2, tradução nossa),⁶³ estabelecendo uma nova e progressiva sociedade no Afeganistão.

A nova constituição foi uma promessa levantada, sendo informado que o poder do país consistiria do povo em forma de delegações que agregariam o poder político em assembleias locais e nacionais. Essas delegações se formariam a partir de votações em cédulas secretas.

Karmal recordou que os afegãos ouviram nas últimas décadas muitas promessas ocas e demagógicas tanto da monarquia quanto de Amin, mas certificou-se de que seu discurso e promessas seriam vivenciados na prática pelo povo no dia a dia. O discurso se dirigiu a diferentes estratos da sociedade, demonstrando a abrangência à qual ele se propôs. Os estudantes e a juventude, os soldados, trabalhadores, camponeses, intelectuais e oficiais do governo foram mencionados. A facção *khalq*, no PDPA, foi convocada, a, juntamente com os outros estratos da sociedade, se constituir como agentes ativos do novo regime.

Encaminhando para o final do discurso, o termo inimigos de classe foi mencionado, onde convocou-se a população a lutar contra esses inimigos, na defesa de seus direitos:

Onde quer que você esteja (...) nas cidades ou nas vilas, nos seus lugares de trabalho ou nas escolas, nos escritórios (...) nas montanhas, ou nos vales, nos planaltos ou sob tendas, nas ruas ou nos bazares, você deve estar ciente de que os inimigos nacionais e de classe querem assassinar você, estrangulá-lo, desprezar seus direitos e liberdade e suprimir a sua revolução. Por isso que é o seu sagrado dever manter-se ombro a ombro na defesa da república democrática, sua revolução da liberdade, suas vilas e cidades, a dignidade e honra de seus país contra os reacionários e subversivos inimigos, contra o remanescente da monarquia e os poucos lacaios de Hafizullah Amin (...) sob os lemas de “liberdade para o povo”, “emprego para o desempregado” e “terra para os camponeses” (*KABUL NEW TIMES*, 1 de janeiro de 1980, p. 2, tradução nossa).⁶⁴

Os mártires foram lembrados como heróis da revolução, os quais deveriam inspirar o

⁶³ No original: “*Elimination of Every kind of exploitation of man by man*”.

⁶⁴ No original: “*Wherever you may be (...) in towns or villages, in work places or schools, in officers (...) in mountains or valleys, in plains or under tents, on streets or in bazaars, you must be aware that your national and class enemies wish to murder you, to strangle you, to spurn your rights and freedoms, and suppress your revolution. Hence it is your sacred duty that you may arm in arm defend your democratic republic, your liberation Revolution, your villages and towns, your country’s dignity and honour Against the reactionary and subversive enemies, Against the remnants of monarchical reaction and a few lackeys of Hafizullah Amin (...) under the mottos of “freedom for the people”, “employment for the unemployed” and “land for the peasants”.*

povo a ir à luta e nortear o caminho para a luta. Por fim, palavras de ordem foram enunciadas, como: “Vitória ao novo estágio da Grande Revolução de Saur!” e “Vida longa ao povo heroico e trabalhador do Afeganistão!”. A frase de encerramento afirmava que a vitória pertencia ao próprio povo do Afeganistão.

Em outra reportagem, intitulada “Cumprimentos do PDPA e Conselho Revolucionário aos heróis da liberdade”, retomou-se, com mais ênfase, a questão dos mártires e heróis do Afeganistão, enaltecendo aqueles que estiveram no *front* de batalha, realçando seu papel na destituição da dinastia opressiva, no déspota Daoud. A bandeira da Revolução de Saur foi então hasteada com o auxílio do povo trabalhador do país e sob liderança do partido do regime.

Palavras de força, conforme Pêcheux (2001), alteraram-se com a finalidade de enfatizar as virtudes desses assim considerados heróis. Expressões como “filhos do povo oprimido do Afeganistão”, “filhos dos *ghazis*” são palavras que designam títulos honorários relativos a muçulmanos que participaram de uma expedição militar. Esses mártires foram os soldados, cadetes e oficiais que teriam sido massacrados por Amin, o qual também teria colocado familiares em postos de alto comando sem a devida aptidão, e que viriam a se mostrar assassinos profissionais, levando à prisão os militares afegãos alinhados à causa da Revolução de Saur.

Uma espécie de convocação informal foi feita para alistar novos defensores da Revolução de Saur, utilizando-se de uma retórica em que as virtudes dos heróis e mártires deveriam ser seguidas, com a finalidade de preservar os valores da revolução. Afirmou-se que a força do povo do Afeganistão deriva de sua relação de serviço as suas mães, essas consideradas como mães do país, aquelas que geram os heróis em seus ventres; dessa força, segundo a reportagem, “eles terão toda a sorte e nenhum inimigo ou demônio poderão derrotá-los” (*KABUL NEW TIMES*, 1 de janeiro de 1980, p. 4, tradução nossa).⁶⁵

O regime de Amin, segundo a reportagem “Uma mensagem as mães e mulheres oprimidas dessa pátria”, teria encarcerado milhares de mulheres patrióticas, e mesmo crianças. Em relação às mulheres, foco dessa notícia, denunciou-se o fato de elas terem sido oprimidas pelos grileiros de terra e senhores feudais, embora algumas tenham lutado de forma ativa contra invasores estrangeiros e colonialistas, com espadas, adagas, pistolas e machados. Elas seriam portadoras de virtudes como orgulho e castidade, tendo também jogado dos telhados pedras e água fervendo nos inimigos. O PDPA se disse orgulhoso do apoio constante das mulheres afegãs, as quais inspiravam os combatentes.

O Conselho Revolucionário declarou que as mulheres estariam livres de toda tirania,

⁶⁵ No original: “*They will have all the luck and no enemy or devil could defeat them*”.

despotismo e exploração, uma vez que o novo regime asseguraria a adoção de sérias medidas para atender às necessidades materiais e morais delas. Elas foram convidadas a não acreditarem na falsa propaganda divulgada pelos inimigos, não permitindo que eles se infiltrassem. Também se prometeu melhorias nos *status* familiares. Outro elemento digno de nota foi a promessa de se garantir direitos iguais no trabalho entre homens e mulheres.

Na matéria intitulada “No limiar da libertação,” em um discurso transmitido pela rádio por Babrak Karmal, no dia 27 de dezembro, transcrito no jornal *Kabul New Times*, alguns elementos novos apareceram em relação à notícia anterior, dentre eles a vinculação explícita do fascismo, espionagem e imperialismo aos americanos; a política de Amin de encarcerar adversários por motivações políticas, sem o devido julgamento; a aspiração do novo regime afegão de “construir classes sociais onde cada homem produza de acordo com sua habilidade e receba de acordo com sua necessidade” (*KABUL NEW TIMES*, 1 de janeiro de 1980, p. 2, tradução nossa)⁶⁶, em alusão clara ao socialismo; e palavras de ordem que expressavam morte aos reacionários, imperialistas e inimigos da revolução.

Uma notícia, que serviu ao propósito de comentar o discurso de Karmal, referiu-se ao novo regime, logo na manchete, como um regime histórico, com o objetivo de antecipar o juízo de valor do leitor conforme o conceito de filtro semântico de Derville (1997), que pode ser compreendido como a capacidade da imprensa em propor e antecipar sentidos. No decorrer da notícia, Amin e seus aliados foram classificados como espões fascistas do imperialismo americano, ou seja, tornando explícito o discurso de Karmal até então mais contido em vincular diretamente os Estados Unidos à rede de espionagem supostamente infiltrada no Afeganistão. Trata-se dos Embates de narrativas discursivas do Leste-Oeste, os quais mencionaram, em determinadas notícias, uma rede de propaganda Ocidental com o intuito, segundo a interpretação soviética, de deslegitimar a República Democrática do Afeganistão.

Essa rede de propaganda e provocações em larga escala, segundo outra matéria do jornal, foram associadas ao assim declarado imperialismo, colonialismo e reacionário governo dos Estados Unidos na visão do governo afegão. Essa propaganda seria baseada na ajuda política, militar e mesmo moral soviética, fruto do Tratado datado de 5 de dezembro de 1978, como uma resposta ao pedido de intervenção do Afeganistão. Essa rede de difamação constituiria uma ameaça estrangeira às conquistas da Revolução de Saur, revolução essa que, por sua vez, teria impedido que os inimigos dos afegãos continuassem suas tentativas

⁶⁶ No original: “*Building of a classes society where every one would produce according to his ability and get according to his need*”.

destrutivas de implementar o reino do terror contra a sagrada religião do Islã e os costumes do Afeganistão.

No dia 5 de janeiro de 1980, o jornal enfatizou que o Partido do Trabalhador da Suécia endossou o posicionamento de que a União Soviética estava agindo em ajuda ao Afeganistão conforme o Tratado de Cooperação, Boa Vizinhança e Amizade com o objetivo de salvaguardar o interesse regional pela paz, mencionando George Polikit, um dos membros da diretoria do Partido Comunista da Alemanha Ocidental, o qual denunciou o esquema de propaganda do Ocidente, em especial dos Estados Unidos, alegando que os soviéticos estavam em estrita conformidade com a lei internacional, uma vez que o artigo 4 do Tratado previa esse tipo de intervenção em caso de ameaça estrangeira. A matéria ainda citou um conluio em alta escala, descrito pelo jornal indiano *The Patriot*, entre a CIA e a China no fornecimento de armas, fundos e treinamento militar dos assim chamados contrarrevolucionários e subversivos, via o território do Paquistão.

Em relação à condenação dessa prática dos Estados Unidos, diversos países se posicionaram, na matéria do dia 9 de janeiro de 1980, conferindo a ideia de consenso sobre a questão. Desse modo, personalidades, em sua maioria membros ou diretores dos partidos políticos de seus respectivos países, foram citadas, como Andrio Einstein, na Inglaterra, Perisus Farya, na Venezuela, e Ali Aqsat, em Bangladesh, os quais repudiaram o que consideraram o intervencionismo do imperialismo americano, responsabilizando-o por tingir de sangue a revolução do Afeganistão, visando assim implementar um regime de extrema direita na região, mediante a exportação maciça e em grande escala de armas para o Paquistão. Tal empreendimento constituiu um distúrbio da paz na região, com receio de um expansionismo militarista estadunidense de proporções globais.

No dia 6 de janeiro de 1980, outra matéria trouxe alguns acréscimos para a questão através de um testemunho de Aje, um suposto agente contra espionagem da polícia de Washington. Nota-se que o nome completo do policial não foi citado, o que enfraqueceu a verossimilhança da reportagem, entretanto, ele pontuou o fracasso dos acordos entre Estados Unidos e Irã, também afirmando que os agentes da CIA estavam na fronteira do Afeganistão e Paquistão sob o disfarce do Órgão de Combate às Drogas e Organização de Fundo Asiático. Além disso, o informante relatou que duas unidades armadas do Paquistão foram lideradas, na verdade, por cidadãos estadunidenses, e além disso a delegação chinesa, liderada por Zhanj Tingsa, um comandante das forças aéreas chinesas, realizou uma inspeção nas fronteiras entre o Afeganistão e o Paquistão na primavera de 1979.

Um dos objetivos dos Estados Unidos seria desviar o foco do mundo da assim definida agressão escandalosa contra o Irã, desse modo os estadunidenses apoiaram Amin, considerando-o como legítimo presidente do Afeganistão. Tal posicionamento é contestado pelo novo governo afegão, em uma retórica que questionou, por exemplo, os motivos do silêncio estadunidense frente à execução de Taraki por Amin, e também em relação à sentença de morte sem o devido julgamento de milhares de cidadãos, incluindo intelectuais, membros do clero e o povo trabalhador sob ordens de Amin.

Os embates Leste-Oeste se tornaram particularmente claros na reportagem “Deixem-nos todos sermos islâmicos progressistas”, datada do dia 23 de janeiro de 1980. Essa matéria contestou a percepção e generalização propagandista do Ocidente de que todos os que se consideram progressistas, no assim chamado Terceiro Mundo, por serem contrários ao imperialismo, colonialismo, neocolonialismo, racismo, *apartheid* e sionismo, são, na realidade, comunistas em potencial. Tal rotulação ignorava alguns fatores, como a diferença entre socialismo e comunismo; o socialismo compreendido como a socialização dos meios de produção e a distribuição nacional da riqueza através de organizações governamentais. Por sua vez, entende-se por comunismo um último estágio do socialismo, o qual não fora alcançado por nenhum país socialista, em que a exploração do homem pelo homem não exista e cada um trabalhe conforme suas habilidades e seja recompensado segundo suas necessidades. Nessa sociedade, não existiriam mais prisões, e todos cooperariam para o bem-estar e aprimoramento da vida comunitária. Outro fator negligenciado pela propaganda Ocidental foi o anseio dos países subdesenvolvidos por justiça social e pela participação popular na máquina administrativa, de viés democrático.

Prosseguindo, a matéria argumentou que muitos países tinham seus recursos naturais explorados e depredados por monopólios multinacionais imperialistas, que, por sua vez, destinavam bilhões de dólares em impostos para o governo. Tais companhias se opunham à autossuficiência desses países e gerência dos próprios recursos, o que ocasionaria o fim da dependência estabelecida entre eles. Envolto nessa conjuntura, é a população desses países os mais prejudicados, perdendo a oportunidade de elevar seu padrão de vida.

A reportagem reivindicou o direito dos muçulmanos de se autoproclamarem progressistas, contestando as medidas que remetem às sociedades pré-arábicas. Desse modo, o novo regime promoveu a educação equânime entre homens e mulheres e defendeu o casamento consensual.

Assim sendo, qualquer intelectual de um país subdesenvolvido que tenta agitar o público

contra a exploração estrangeira é logo abominado pelos governos imperialistas e seus intelectuais, assim como pelas companhias exploradoras. A mídia de massa, operada sob certos monopólios, promove os interesses dos governos, categorizando os intelectuais do Terceiro Mundo em diversos patamares como colaboradores potenciais de seus desígnios atuais e futuros, ou opositores. A reportagem colocou-se também contrária à usura, opressão, discriminação racial, criminalidade, assassinato, e favorável à promoção do bem e à punição severa de tais delitos. Na defesa de tais virtudes e posicionamentos, a matéria respaldou-se nas palavras de Maomé. O profeta advertiu quanto aos que dormem com o estômago cheio sabendo da fome enfrentada por seus vizinhos, eles não poderiam ser seus seguidores. Os muçulmanos, então, revestiram-se da alcunha de progressistas porque clamavam por justiça social, econômica e por democracia.

A República Democrática do Afeganistão declarou que não permitiria a violação dos direitos do povo, defendendo a Revolução de Saur com todos os meios disponíveis. Assim sendo, o governo informou que a ajuda e a intervenção internacional cessariam quando não fossem mais necessárias.

“A questão do Afeganistão na ONU é ilegítima” foi uma matéria datada do dia 16 de janeiro de 1980, respaldada nas considerações feitas, tanto pelo Vietnã quanto por Angola, em sessão da Organização das Nações Unidas. Nela, a discussão sobre o apoio soviético ao Afeganistão foi considerada inválida e uma interferência nos assuntos internos do país. Considerou-se também a própria sessão como fruto de pressões dos Estados Unidos e da China. Sob nenhuma circunstância, ponderou o Vietnã, uma escalada militarista financiada por forças imperialistas do Ocidente e seus aliados deve ser permitida pelo mundo. O objetivo de tal escalada, considerada como atividade terrorista, é minar a estabilidade e sabotar a independência de um país livre. O intervencionismo soviético no Afeganistão foi encarado como uma resposta legítima do pedido de ajuda para se proteger contra as ameaças e os agressores externos. A União Soviética e outros países socialistas, de modo geral, são vistos como imprescindíveis para a vitória do movimento dos não alinhados.

O Vietnã prosseguiu denunciando a China, pois ela teria concentrado vinte divisões de tropas na sua fronteira, e também teria constituído diversos centros de treinamentos para espões e terroristas. A aproximação de Pequim e Washington constituiu um perigo para a paz no Sul e Leste Asiático, segundo a análise da República Socialista do Vietnã.

Já Angola afirmou que os soviéticos sempre se solidarizaram e se aliaram a todos os movimentos de libertação e todas as forças progressistas que lutam contra o imperialismo e

neocolonialismo.

Em outra matéria, também datada do dia 16 de janeiro de 1980, mais detalhes sobre o fornecimento de armas do Ocidente ao Paquistão foram descritos. Em conformidade com informações de várias fontes, nenhuma delas sendo especificada, centenas de aviões carregados de equipamentos militares e comboios também transportaram armas letais diariamente em uma expedição sem precedentes de fomento armamentista aéreo e terrestre ao Paquistão. Já a via terrestre passava pela estrada *qaraqurum*, em um conluio entre Estados Unidos e China, colocando em risco a vida de milhares de pessoas, não apenas no Afeganistão, mas também no subcontinente. Uma campanha de protesto a essa escalada militarista, de Washington e Pequim, segundo a reportagem, foi impulsionada na região por vários partidos políticos, como o Partido do Congresso Nacional Indiano e por organizações não governamentais.

Conforme a *Financial Times*, o objetivo da visita a Bruxelas de Warren Christopher, vice-secretário de guerra do Estados Unidos, foi reunir e organizar os aliados estadunidenses para rearmar o Paquistão e aplicar sanções econômicas contra o Irã. Já o Secretário de Assuntos Externos, Lorde Carrington, durante sua estadia em Islamabad, aumentou o auxílio financeiro britânico ao Paquistão, de 32 milhões para 40 milhões de dólares, podendo ser deduzido que esses recursos destinaram-se aos *mujahidins*. O Secretário de Assuntos Externos da Alemanha Ocidental, com agenda marcada para uma visita ao Paquistão, pretendia articular o papel desempenhado pela Alemanha Ocidental e outros países europeus na assim chamada estabilização do Paquistão, e a ajuda aos refugiados afegãos, conforme o *Die Welt*. Enquanto isso, o Ministro de Relações Internacionais da China, Huang Huais, chegaria em breve em Islamabad para detalhar oficialmente os caminhos que a China tomaria em relação à questão afegã. A Índia, por sua vez, expressou preocupação em relação à introdução de novas armas no Paquistão, afirmando não haver motivos para duvidar da ajuda soviética na região, relatando também que a Primeira-Ministra, Indira Gandih, enviaria uma mensagem para o presidente do Paquistão, Ziaul Haq, expressando suas preocupações.

Ainda na mesma notícia, foi denunciado que:

Os círculos reacionários do Paquistão, o imperialismo americano e os maus usos maoístas do solo do Paquistão utilizado como trampolim contra o pacífico Afeganistão, porque este solicitou assistência militar a um amigo de fronteira (...) eles estão hoje em dia se referindo ao Afeganistão como o “Vietnã russo”, o qual a população de uma região inteira seria usada com bucha de canhão. Esse é o objetivo final do Ocidente, estratégia do imperialismo americano para a Ásia, independente, de quantas toneladas de crânios humanos grotescos serão empilhados como o resultado da colisão frontal estrategicamente prevista (*KABUL NEW TIMES*, 16 de

janeiro de 1980, p. 2, tradução nossa).⁶⁷

Frente a essa assim considerada hostilidade dos Estados Unidos, uma carta da esposa do assassinado e ex-líder do Afeganistão, Taraki, é destinada a Carter, presidente dos Estados Unidos. Nela Noor Bibi Taraki explicou a ocorrência de uma revolução do povo em abril de 1978, sendo efetivada pelas forças do exército nacional sob a liderança do PDPA, o qual, por sua vez, foi liderado desde sua fundação por Taraki. A carta prosseguiu, com a convicção da viúva de que tal revolução representava os interesses da maioria da sociedade afegã, expressando expectativas de vitória da causa revolucionária, realizada com a participação dos herdeiros da revolução, os quais têm acendido novamente a tocha da liberdade. Taraki foi defendido como o verdadeiro líder por direito da Revolução, e Amin como criminoso e assassino de Taraki. Noor Bibi Taraki argumentou energeticamente

Eu estou enraivecida e chocada, assim como todos os afegãos honestos, pelo fato de que você está tentando proteger esse criminoso e assassino Amin. Você se permitiu chamá-lo de presidente por direito do Afeganistão. Suas palavras insultam a memória de meu falecido marido (...) elas podem apenas ser qualificadas como sacrilégio e zombarias em relação à memória de centenas de afegãos, patriotas e combatentes inocentes em prol da liberdade e felicidade da pátria que foram torturados até a morte por ele (...) Por que o senhor presidente se manteve em silêncio quando eles assassinaram de forma hedionda meu marido (...) um homem que entregou toda sua vida pela felicidade e um futuro melhor para meus compatriotas? (*KABUL NEW TIMES*, 10 de janeiro de 1980, p. 1, tradução nossa).⁶⁸

Breznev, então líder soviético, enviou uma mensagem para Karmal parabenizando-o por sua eleição, exprimindo sua convicção de que ele e o povo conseguiriam defender os valores da Revolução de Saur. Por intermédio do *Kabul New Times*, um telegrama de Karmal foi noticiado, tendo como destinatário o Leonid Illich Breznev. O conteúdo da mensagem, em tom de agradecimento pela congratulação de Breznev na ocasião da eleição de Karmal no partido e postos governamentais, enfatizou o devido auxílio da União Soviética na vitória do Afeganistão em superar todos os problemas herdados do passado, com o apoio do povo afegão para

⁶⁷ No original: “*The reactionary circles in Pakistan, American imperialism and the Maoists misusing the sacred soil of Pakistan as a spring-board against peaceful Afghanistan because it has requested a friendly neighbour for military assistance (...) they are nowadays referring to Afghanistan as “Russia Vietnam” in which the people of the entire area would be used as cannon fodder. This is the ultimate goal of West, Asia strategy of American imperialism, no matter how many gross tons of human skulls will be heaped as a result of a head-on collision envisaged in this strategy*”.

⁶⁸ No original: “*I am angered and shocked, just as all honest Afghans, by the fact that you are trying to protect this criminal and murderer Amin. You permit yourself to call him “the lawful president” of Afghanistan. Your words insult the memory of my late husband (...) your words can only be qualified as a sacrilegious mockery at the memory of thousands of innocent Afghan patriots and fighters for the freedom and happiness of their homeland who were tortured to death by him (...) Why did you, Mr. President, keep silent when they heinously murdered my husband (...) a man who gave all his life for the happiness and a better future for my compatriots?*”.

salvaguardar a Revolução de Saur, a soberania nacional, a independência e a honra do país.

Destacou-se também a notícia a respeito do boicote dos Estados Unidos aos Jogos Olímpicos de verão ocorridos na União Soviética em 1980 na matéria do *Kabul New Times* veiculada no dia 24 de janeiro de 1980, a qual reportou os posicionamentos de diferentes lideranças de países ao redor do mundo que se opuseram à política estadunidense de boicote. Por exemplo, o então presidente da FIFA, João Havelange, identificou na postura dos Estados Unidos um viés político contrário aos princípios dos Jogos Olímpicos e mesmo da entidade de futebol. O tom das diversas personalidades ligadas ao esporte ou ao mundo político recaíram na percepção de que o esporte, em geral, deve contribuir para aproximar as pessoas e consolidar a paz, e o boicote em nada contribuiu para isso.

5.2 Estratégias de guerra soviética

Conforme Hammond (1987), os soviéticos depositaram muita confiança no exército afegão, mas se decepcionaram pelas inúmeras deserções individuais, coletivas e pelos motins. Um exemplo foi a província de Kunar, em que o coronel Abdul Rauf se juntou aos rebeldes com dois mil de seus homens. A disputa constante na cúpula do PDPA, entre as facções *khalqis* e *parchamis*, exerceu um forte impacto no exército, uma vez que os *khalqis*, antes da invasão soviética, ocupavam um papel dominante, espaço de poder este agora pertencente aos *parchamis*. Números revelaram a proporção da crise: o exército afegão dispunha de cerca de 100.000 homens na ocasião da invasão soviética, e foi reduzido para apenas 30.000 no começo de 1981, mantendo esse número até 1983, fazendo com que Babrak Karmal recorresse a medidas extremas na convocação de recrutas, modificando a política vigente de recrutamento, passando a convocar adolescentes e mesmo crianças. Outra medida emitida pelo governo foi uma lei, decretada em janeiro de 1981, que aumentava em seis meses o tempo de serviço militar. Essa lei foi rechaçada pela população, ocasionando motins em algumas unidades militares de Cabul.

Os soldados soviéticos empregaram algumas táticas para reduzir as suas baixas, utilizando helicópteros, aviões, bombardeios, carros de combate, veículos blindados de transporte de pessoal, foguetes e artilharia. Os soldados expunham-se o mínimo possível, segundo Hammond (1987), evitando os atiradores afegãos, permanecendo no interior de suas

viaturas blindadas, fazendo com que alguns afegãos se referissem a eles como os covardes imberbes que não saem de suas barracas de aço.

Uma vez verificado que, embora a tomada de determinadas áreas rebeldes se realizasse com relativa facilidade pelos soviéticos, com frequência os rebeldes acabavam por se reagrupar e retomar tais áreas, o que levou a União Soviética a praticar a estratégia de terra arrasada, ou seja, bombardeava e aniquilava aldeias e cidades consideradas hostis à revolução, danificava sistemas de irrigação, queimava colheitas, contaminava as fontes de água e matava o gado na tentativa de expulsar pela fome o campesinato que apoiava os rebeldes. Essa estratégia levou Louis Dupree, segundo aponta Hammond (1987), a se referir à política soviética no Afeganistão como genocídio migratório, cujo objetivo era controlar o Afeganistão. Mais do que assassinar os afegãos, pretendia-se expulsá-los do país. Exageros à parte, não há como negar a política de terra arrasada soviética. Acredita-se que, em 1983, mais de três milhões de afegãos, um quinto da população, abandonaram o país, refugiando-se, em sua maioria, no Paquistão, mas também no Irã e nos Estados Unidos.

Outra tática da União Soviética no Afeganistão foi o uso de armas químicas. O ex-subsecretário de Estado, Walter J. Stroessel Jr., acusou os soviéticos dessa prática; eles teriam atacado com agentes irritantes e incapacitantes, como foscênio, oxima, micotoxinas, mostarda, levisita e fumaça tóxica, alguns atingindo o sistema nervoso. Stroessel informou ao Congresso dos Estados Unidos a coleta de informações de jornalistas ocidentais, refugiados afegãos que foram testemunhas oculares dos eventos, médicos que trataram vítimas das armas químicas, além de desertores. Esses informantes possibilitaram a formulação de um relatório, no qual o Departamento de Estado dos Estados Unidos afirmou ter em mãos provas contundentes de assassinatos de mais de três mil afegãos em 47 ataques químicos ocorridos entre 1979 e 1981. Havia relatos também de testemunhas oculares do uso de pólvora branca, uma arma incendiária lançada de aeronaves. Tais medidas tiveram como retaliação, por parte dos rebeldes, o assassinato de prisioneiros soviéticos, que, por vezes, eram mutilados.

5.3 A organização dos grupos de resistência

Na luta de libertação nacional, além dos pashtuns, as microssociedades mais expressivas eram os tadjiques, seguidos pelos hazaras, uzbeques e, por fim, os turcomanos. Todos esses

grupos étnicos, além de outras minorias, pegaram em armas e estavam dispostos a sacrificar sua vida pela *jihad*, a guerra santa, tendo como vínculo social a religião e a obstinação em expulsar os invasores soviéticos de seu país.

Os tadjiques, muçulmanos sunitas, falavam o idioma dari e se configuravam como a elite intelectual do Afeganistão. Concentravam-se principalmente no norte do país e foram liderados pelo talentoso comandante militar Ahmad Shah Massoud, que, durante a invasão, defendera com sucesso o Vale do Panjshir, sua cidade natal. Sua guerrilha denominava-se *Jamiat-i-Islami* (Sociedade Islâmica). Esse grupo também era liderado por Burhanuddin Rabbani. O comandante e seus *mujahidins* obtiveram o apoio do Irã. Massoud sonhava com uma nação que contasse com representantes de todas as etnias, discordando, assim, da antiga hegemonia pashtun. Os tadjiques, que eram aliados aos uzbeques, foram os principais responsáveis pela expulsão dos soviéticos,

Os hazaras, muçulmanos xiitas, até então vistos como párias da sociedade, organizaram uma militância de resistência liderada por Karim Khalili, nomeada *Hezb-e Wahdat-e Islami Afghanistan* (Partido da Unidade Islâmica do Afeganistão), enquanto os uzbeques, temidos por seu caráter beligerante, eram adeptos do islamismo sunita. Eles guerrilharam em várias milícias, sendo a principal delas a comandada pelo general Rahid Dostum.

O militar mais proeminente dentre os pashtuns nesse período foi Gulbuddin Hekmatyar, que lutava pelo *Hizb-i-Islami* (Partido Islâmico) e era apoiado pelo todo-poderoso sistema de inteligência do Exército Paquistão, que intermediava grande parte da ajuda financeira e armamentista dos Estados Unidos para esse grupo rebelde. Um dos objetivos do grupo era a construção da nação do Pashtunistão, que reuniria a microssociedade pashtun, dispersa entre o Afeganistão e o Paquistão. Hekmatyar, entretanto, não era bem visto nem por seu povo, o qual representava, devido principalmente às disputas internas da milícia por vilarejos, aeroportos e, em geral, tudo que podia resultar em lucro. Uma dissidência desses *mujahidins*, de mesmo nome, liderada pelo poeta Yunis Khalis, operava na região entre Jalalabad e Paktia.

Outro grupo armado beneficiado financeiramente pelos norte-americanos foi o dos pashtuns da tribo jadran de Mawlawi Jalaluddin Haqqani.

Conforme mencionado por um líder *mujahidin*:

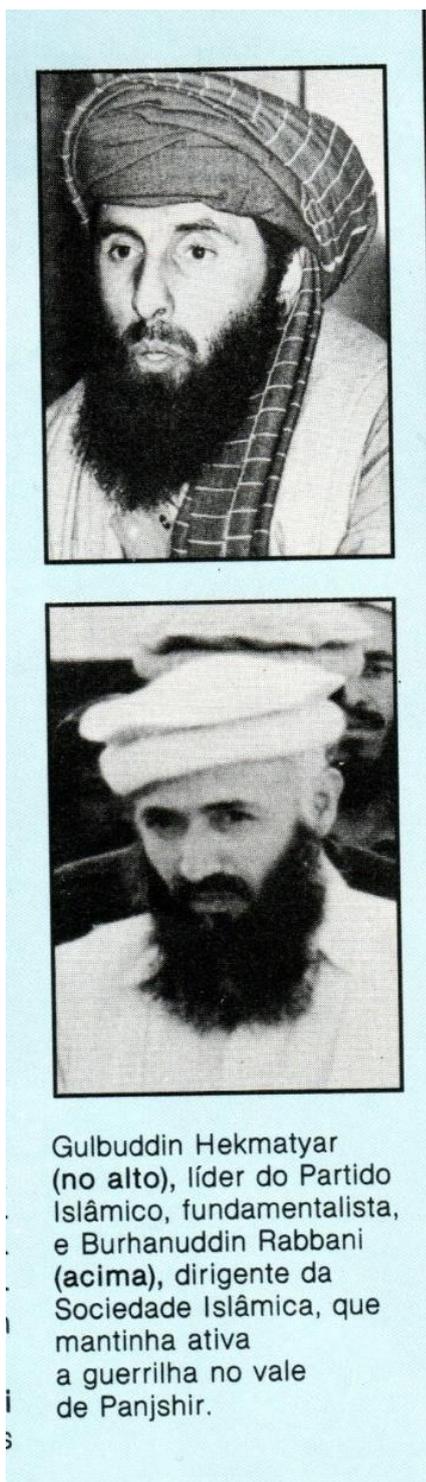
para nós, matar um russo ou morrer em batalha representa igual vitória. Se um muçulmano mata um inimigo em batalha, ele é um *ghazi*, um guerreiro islâmico, se ele é morto, passa a ser um *shaheed*, um mártir do Islã, e as recompensas são grandes no paraíso (HAMMOND, 1987, p. 165).

Em relação a essa prática, outro *mujahidin*, continua: “Toda vez que um helicóptero de

assalto russo dizima uma aldeia (...) nenhum dos homens descansará enquanto não tiver arrancado sangue russo” (HAMMOND, 1987, p. 165).

Outro líder da libertação nacional declarou: “Nós continuaremos a lutar. O tempo não nos preocupa. Vimos lutando há séculos” (HAMMOND, 1987, p. 166).

Figura 15 – Principais Líderes dos *mujahidins*



Fonte: NAVARRO, 1984, p. 1034.

Existiam grupos de libertação que reconheciam a necessidade de um compromisso com a União Soviética, segundo a revista *Guerra na Paz*, como é o caso dos *Mahz-i-Melli-Islamiye-Afghanistan* (Frente Nacional para a Revolução Islâmica Afegã), liderada pelo membro da família Gailani, Sayyid Ahmad Gailani, tendo como base a província de Paktia. Havia também movimentos pró-Irã, como o xiita pashtun, no noroeste do Afeganistão, conhecido como *Sazman-i-Nasr* (Operação para a Vitória), e os grupos tadjiques e hazaras pró-China, que atuam na região de Badakshan, denominados de *Shu'la-i-Jawed* (Eterna Chama) e *Setem-i-Meli* (Contra a Opressão Nacional).

Na figura 16, a seguir, estão localizadas as regiões onde situavam-se os pontos de resistência e de apoio aos soviéticos.

Figura 16 – Principais áreas de atividades dos *mujahidins* e soviéticos



Fonte: NAVARRO, 1984, p. 1036.

Quadro 7 – Grupos de Resistência Nacional do Afeganistão

GRUPO DE RESISTÊNCIA	LÍDER	MICROSSOCIEDADE	Anos de Atuação
Hezb-e Wahdat-e Islami Afghanistan (O Partido da Unidade Islâmica do Afeganistão)	Karim Khalili	Hazara	1989-presente
Sazman-i-Nasr (Operação para a Vitória)	Muhammad Hussain Sadiqi, Abdul Ali Mazari e Shaykh Shafak	Hazara	1983-1989
Hezb-e-Islami Gulbuddin (Partido Islâmico)	Gulbuddin Hekmatyar	Pashtun	1975-presente
Jebh-e-Nejat-e Melli (Frente de Libertação Nacional Afegã)	Sibghatullah Mojaddedi	Pashtun	1978-1986
Harakat-i-Inqilab-i-Islami (Movimento da Revolução Islâmica)	Mohammad Nabi Mohammadi	Pashtun	1978-presente
Rede Haqqani	Mawlawi Jalaluddin Haqqani	Pashtun	1970-presente
Mahz-i-Melli-Islamiye-Afghanistan (Frente Nacional para a Revolução Islâmica Afegã)	Sayyid Ahmad Gailani,	Pashtun	1979-presente
Hezb-e-Islami Khalis (Partido Islâmico)	Yunis Khalis	Pashtun	1979-1996
Jamiat-i-Islami (Sociedade Islâmica)	Burhanuddin Rabbani e Ahmad Shah Massoud	Tadjique	1973-presente
Shu'la-i-Jawed (Eterna Chama)	Dr. Rahim Mahmoodi, Dr. Abdur Rehman Mahmoodi e outros	Hazaras	1968-década de 1980
Setem-i-Meli (Contra a Opressão Nacional)	Tahir Badakhsh	Tadjique	1968
Junbish-i-Milli Islami Afghanistan (Movimento Islâmico Nacional do Afeganistão)	Rahid Dostum	Uzbeque/Turcomano	1992-presente

Fonte: Elaborado pelo autor.

Algumas das regiões afegãs, segundo Hammond (1987), nunca foram conquistadas

pelos soviéticos, nem mesmo temporariamente, o que se aplica, por exemplo, ao Hazarajat, área montanhosa que constitui cerca de um quarto do país. Hammond prossegue, citando um relatório dos Estados Unidos sobre a questão:

Desde meados de 1979, o Hazarajat (...) tem estado fora de controle governamental. Uma completa administração independente (...) compreendendo um judiciário ativo e um sistema rotativo de conscrição de combatentes da liberdade, bem assim como diretores distritais e prefeitos locais. A região conserva em funcionamento até mesmo a única rede telefônica fora das grandes cidades. Os duzentos soldados soviéticos (...) não se arriscam a sair de sua fortaleza. O Hazarajat é uma fortaleza natural de altos picos e planaltos semiáridos de 1.300 a 4.000 metros ou mais, mas a topografia que ajudou o grupo étnico hazara a repelir os governos de Cabul e os soviéticos faz também impossível que aquela população de 2 a 3 milhões de pessoas seja auto-suficiente em comida. Todas as iniciativas de retomada da região fracassaram, e os soviéticos estão tentando agora submetê-los pela fome, bloqueando-lhes as vias de acesso que demandam a região (HAMMOND, 1987, p. 171).

Narrando a história de alguns jornalistas ocidentais que viajaram por todo o país do Afeganistão, como por exemplo Edward Girardet, Hammond apontou, por meio dos relatos desses, que as áreas rurais, quase em sua totalidade, estavam sob controle da resistência afegã.

O *Kabul New Times*, de forma geral, caracterizou os grupos de resistência nacional como bandidos, agentes do imperialismo norte-americano, terroristas, contrarrevolucionários, assassinos, dentre outras nomenclaturas, muitas vezes induzindo ao juízo precipitado por parte do leitor, com o objetivo de levar o público a acreditar na percepção de realidade construída pelos soviéticos.-O protagonismo das microssociedades não pode, porém, ser minimizado, uma vez que elas se estabeleceram como agentes de sua própria história, enfrentando os invasores externos, nesse caso, os soviéticos, desde o início de sua chegada ao Afeganistão.

CONCLUSÃO

É relevante frisar as motivações dos afegãos para lutar. O que leva uma determinada microssociedade a enfrentar o invasor estrangeiro, em primeiro lugar, é o fato dos mulás declararem a *jihad*, uma guerra santa entre fiéis genuínos e infiéis. Vale lembrar uma afirmação de um líder *mujahidin*:

(...) para nós, matar um russo ou morrer em batalha representa igual vitória. Se um muçulmano mata um inimigo em batalha, ele é um *ghazi*, um guerreiro islâmico, se ele é morto, passa a ser um *shaheed*, um mártir do Islã, e as recompensas são grandes no paraíso (HAMMOND, 1987, p. 165).

Em segundo lugar, os afegãos lutam devido ao *badal*, a tradição, que, embora não deva ser reduzida a esse fator, afirma que, se um integrante da família é morto, ele deve ser vingado. Em relação a essa prática, outro *mujahidin*, continuou: “Toda vez que um helicóptero de assalto russo dizima uma aldeia (...) nenhum dos homens descansará enquanto não tiver arrancado sangue russo” (HAMMOND, 1987, p. 165).

Terceiro, eles lutam para manter o direito de se autogovernarem, podendo dirigir os seus próprios assuntos, da maneira que melhor lhes agrada; uma tradição tão enraizada que nenhum governo de Cabul tentou dissuadir.

E finalmente, lutam porque eles têm lutado, sempre, contra quaisquer invasores estrangeiros que adentrem seu território. Outro líder da libertação nacional declarou: “Nós continuaremos a lutar. O tempo não nos preocupa. Vimos lutando há séculos” (HAMMOND, 1987, p. 166).

Outro fator que dificultou as atividades soviéticas no Afeganistão é a dinâmica do país, que diferente de outros países industrializados, aqueles que controlam a estrutura do governo, as funções da economia e os meios de comunicação não conseguem impor seu projeto de nação, pois, no Afeganistão, quem controla Cabul pouca influência desempenha nas demais províncias, uma vez que o país nunca foi unificado e centralizado, tendo sido regido conforme a autonomia local, sob a liderança das microssociedades. Também é igualmente difícil tomar as rédeas da economia afegã, pois a maioria do povo constituía-se de agricultores independentes com uma produção autossuficiente nas aldeias. O controle do povo por meio da imprensa também é limitado, tendo em vista o alto índice de analfabetismo da sociedade.

Na prática, tudo isso significa que os soviéticos teriam que subjugar aldeia por aldeia, derrotando os líderes locais de cada microssociedade. Os afegãos apresentam uma lógica

diferente dos outros países, no sentido de não se renderem frente à desproporcionalidade bélica do inimigo.

O *The Kabul Times*, sendo um periódico a serviço do regime dominante, empenhou-se em minimizar a participação das microssociedades durante o recorte temporal dessa pesquisa, ao enfatizar o papel do Estado Afegão nos diversos governos que se sucediam entre golpes e contragolpes. Para tal, o jornal glorificava ou denegria as reputações dos líderes que tomavam o poder, de forma explícita, sendo possível encontrar elogios em um determinado dia, seguido, no outro, por severas críticas. Em relação às microssociedades, além de minimizá-las, por vezes estrategicamente, elas não foram citadas nominalmente, tática empreendida para diminuir a sua relevância. Em outros momentos, são citadas apenas para mencionar a sua adesão de forma unânime ao novo regime estabelecido, recorrendo ao suposto apoio dos anciãos e líderes dessas microssociedades.

Na luta das narrativas e nos embates Leste-Oeste, o *The Kabul Times* acaba por revelar as críticas do Ocidente em relação à presença soviética no Afeganistão, que afirmam se tratar de uma invasão bélica, tendo levado essa questão para a Organização das Nações Unidas. O jornal se defende, e não tarda a fazer acusações sobre o financiamento de armas pelo Ocidente para os *mujahidins* no Afeganistão por intermédio do Paquistão. As denúncias são dirigidas, em especial, para os Estados Unidos.

Abdul Ghaffar Khan, líder da descolonização britânica na Índia e do movimento do Pashtunistão, que reivindica um país independente para os pashtuns da fronteira com o Paquistão, foi apresentado no periódico como a favor da interferência soviética no país. Provavelmente, trata-se de um processo de cooptação, em que o líder não podia também naquela altura dos fatos prever os danos que tal invasão acarretaria para o Afeganistão, tanto em termos materiais quanto culturais. Algo semelhante ocorreu com Noor Bibi Taraki, ao alinhar-se aos assassinos do carrasco de seu marido. Quando ela afirmou que os herdeiros da revolução têm acendido novamente a tocha da liberdade, fica claro seu posicionamento a favor do novo regime soviético, o qual tem Babrak Karmal como o novo presidente do país.

Amin foi descrito como agente da CIA. Ele supostamente planejava aliar-se ao partido islâmico e desencadear um golpe para desfazer as conquistas da revolução de 1978, tendo como garantias de alguns determinados círculos de Washington, de que ele e seus cúmplices receberiam apoio militar americano. Mas alguns dados se opõem a essa narrativa, como o fato de Brezhnev ter-se congratulado com ele quando na sua elevação à presidência do Afeganistão, e Amin ter solicitado a União Soviética, e não aos Estados Unidos, o envio de milhares de

soldados ao Afeganistão, em dezembro, como os soviéticos afirmaram que ele solicitou.

A imprensa soviética deu uma versão da derrubada de Amin que a desassociava da invasão da União Soviética, afirmando que se tratava de uma coincidência. Amin teria então sido assassinado pelos próprios afegãos, contrariando os fatos, uma vez que ele foi assassinado pelos soviéticos em um assalto ao palácio Darul Aman.

Durante a Invasão soviética, em alinhamento com a imprensa, a invasão é descrita pelo *The Kabul Times* como uma ajuda, por parte da União Soviética, solicitada pelos próprios afegãos em decorrência de inimigos externos; já os *mujahidins*, ou combatentes pela libertação nacional, foram chamados de rebeldes, contrarrevolucionários, bandidos, assassinos, dentre outros termos pejorativos, sendo narradas apenas as vitórias da República Democrática do Afeganistão, e não as baixas infringidas.

É válido recordar um marco na historiografia afegã: o livro de Ghubar, *Afghanistan dar Masir Tarikh*. O autor responsabilizou os europeus por deturparem a cultura e a história das sociedades orientais como resultado de preconceitos e equívocos. Ghubar distinguiu dois tipos de escritores europeus sobre o Oriente Médio: aqueles fundamentados em pesquisas acadêmicas, que contribuíram para o melhor entendimento das culturas orientais; e aqueles cujos trabalhos pautaram-se em pressupostos de superioridade cultural. Estes últimos apresentavam uma imagem distorcida dos países orientais para justificar os objetivos imperiais do Ocidente. Essa dissertação pretende se vincular ao primeiro grupo, contribuindo para uma maior compreensão do Afeganistão.

O conceito de Orientalismo aplica-se, assim, a discursos relativos à Revolução de Saur e à Invasão Soviética. Um dos melhores exemplos é a caracterização, por parte desses regimes, das relações tradicionais do campo, definindo-as como feudais ou semifeudais, que necessitariam ser superadas por um novo modelo de sociedade, o que resultou em políticas públicas ineficazes, como a Reforma Agrária.

A pesquisa, que resultou nesta dissertação, empreendeu esforços para desconstruir narrativas de submissão das microssociedades afegãs difundidas no *The Kabul Times*, demonstrando o papel das microssociedades no Afeganistão, contestando os discursos hegemônicos estatais, por exemplo, ao se oporem à Reforma Agrária e Educacional no governo de Taraki, por elas contrariarem seus interesses e tradições, esforço também verificado no massacre de Herat, onde as microssociedades se juntaram às guarnições locais. A participação ativa das microssociedades também pode ser verificada nas organizações dos grupos de resistência e libertação nacional, os *mujahidins*, que se opuseram à invasão soviética.

Tais iniciativas revelam o protagonismo das microssociedades na construção de sua própria história, devendo, portanto, serem vistas como agentes de transformação, e não passivas e submissas aos regimes que se sucederam.

REFERÊNCIAS

- ARIANA MONTHLY. *The Vision of Raising a Wareness to the need for the Development of the Pashtun People*. Jan., 2010.
- BARFIELD, Thomas. *A Cultural and Political History*. New Jersey: Pricenton University Press. 2010.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-363.
- BONIFÁCIO, Carlos Manuel. *A Geo-estratégia do Afeganistão, as Operações de Segurança e Estabilização*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar que dizer*. Trad. Sérgio Miceli *et al.* 2 ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- CARVALHO, Bruno Sciberras de. Representação e imperialismo em Edward Said. Londrina: *Mediações*, v. 15, n.2, p. 42-60, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/8236/7154>>. Acesso em: 14 out. 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. O mundo como representação. In: _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CLÉMENT, Caty. *The Nuts and Bolts of State Collapse: Common Causes and Different Patterns?* COMPASS Working Paper, 2005.
- DERVILLE, G. *Le pouvoir des médias*. Mythes et réalités. Grenoble: Presses Universitaires, 1997.
- DUARTE, Paulo. *Comparando os Dois “Grandes Jogos”*: Será o “Novo Grande Jogo” um conceito Válido? *Rev. Nação e Defesa* [online]. 2011, n. 130, p. 219-243. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/7648/1/NeD130_PauloDuarte.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- DUBOW, Benjamin. *Ethnicity, Space, and Politics in Afghanistan*. Senior Seminar Papers, 13. Pensilvânia: University of Pennsylvania Scholarly Commons, 2009.
- DUPREE, Louis. *Red Flag over the Hindu Kush: part II: the accidental coup, or Faraki in*

Blunderland. Hanover: American Universities Field Staff, 1979.

ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador*. v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GOMES, Aureo de Toledo. *Do colapso à reconstrução: estados falidos, operações de nationbuilding e o caso do Afeganistão no pós-Guerra Fria*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, 2008.

GRIFFITHS, John C. *Afghanistan: Key to a Continent*. Boulder: Westview Press. 1981.

HAMMOND, Thomas. *Bandeira Vermelha no Afeganistão*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1987.

HYMAN, Anthony. *Nationalism in Afghanistan*. Cambridge. *International Journal of Middle East Studies*, Vol. 34, 2002, pp. 299-315.

IBRAHIMI, Niamatullah. *The Hazaras and the Afghan State Rebellion, Exclusion and the Struggle for Recognition*. Londres: C. Hurst & Co. (Publishers) Ltd., 2017.

ISACZAI, Norma Rahmanzai. *Role of Media in Fostering Democracy in Afghanistan: 2001 to 2013*. Leicester: Department of Media and Communication Postgraduate Programmes For the degree of Masters in New Media, Governance & Democracy, 2014.

KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. *Atlas historique*, 1968, p. 388.

LAFEBER, Walter. *The American Age: United States Foreign Policy at Home and Abroad*. New York: W.W. Norton & Company, 2014.

LENTIN, Albert Paul. De Bandung a Havana. In: SANTIAGO, Theo (org), *Descolonização*. Rio de Janeiro: F. A. Ed., 1977.

LUCA, T. R. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008

MARSDEN, Peter. *Afghanistan: Minorities, Conflict and the Search for Peace*. Londres: Minority Rights Group International, 2001.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Tramas do mal: a imprensa e discurso de combate à revolução (1917-1921)*. Rio de Janeiro: Aryan, 2019.

MOUSAVI, Sayed Askar. *The Hazaras of Afghanistan: An Historical, Cultural, Economic and Political Study*. Londres: Curzon, 1998.

NAVARRO, Jesse. Afeganistão invadido: Um Vietnã para a União Soviética? *Guerra na Paz*, v. 5, n. 63, 1984, p. 1030.

_____. Guerreiros de Alá: O Afeganistão resiste à URSS. *Guerra na Paz*, v. 5, n. 64, 1984, p. 1034.

NAWID, Senzil. Writing National History: Afghan Historiography in the Twentieth Century. In: NILE, Green (Org). *Afghan History Through Afghan Eyes*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. *Corcundas e Constitucionais: a cultura política da independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, (2003).

PÊCHEUX, Michel (2001). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.

_____. *Análise de discurso*. 4ª ed. São Paulo: Parábola, 2011.

POULLADA, L. *Reform and Rebellion in Afghanistan: 1919–1929, King Amanullah's Failure to Modernise a Tribal Society*. Ithaca: Cornell University Press, 1973.

RAHIMI, Nour M. *The Kabul Times Annuary: 1967*. Kabul: Kabul Times Publishing Agency, 1967.

RASHID, Ahmed. *Jihad*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

RAZAIAT, Hussain; PEARSON, Tony. *The Hazara People of Afghanistan: A century of persecution*. Sydney: Aboriginal Catholic Ministry, 2002.

RIEGER, Fernando e TEIXEIRA, Yves. A URSS: Confronto de ideologias no pós-guerra e a invasão ao Afeganistão. In: *Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais – SEBREEI. Anais [...]*. Porto Alegre: 2012.

RIBEIRO, José Manuel Delgado Félix. *Os Estados Unidos da América, a Globalização e o "Mundo do Pacífico" – 1979-2009*. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2012.

ROSANVALLON, P. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

RUBIN, Barnett. Lineages of the State in Afghanistan. *Asian Survey*, vol. 28, n. 11, 1988.

_____. *The fragmentation of Afghanistan*. New Harven: Yale University Press, 2002.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2007.

SAIKAL, Amin. Afghanistan and Pakistan: The Question of Pashtun Nationalism? *Journal of Muslim Minority Affairs*, v. 30, n. 1, mar., 2010.

_____. *Modern Afghanistan: A History of Struggle and Survival*. New York: I. B. Taurus & Co., Ltd., 2004.

SARABI, Humayun. *Politics and Modern History of Hazara Sectarian Politics in Afghanistan*. Medford: Fletcher School of Law and Diplomacy, Tufts University, 2005.

SCALÉRCIO, Marcio Antonio. Os Filhos da Jihad. *Rev. Insight Inteligência*. [online]. 2010, n. 51. Disponível em: <<http://insightinteligencia.com.br/pdfs/51.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SCHETTER, Conrad. Ethnoscapes, National Territorialisation, and the Afghan War. *Bonn: journal Geopolitics*, 2005, 1.

SCHMITT, Carl. *Legality and Legitimacy*. Durham: Duke University Press, 2004.

SIDDIQUE, Abubakar. *Afghanistan's Ethnic Divides*. Barcelona: Cidob Policy Research Project: 2012.

_____. *The Pashtun Question: The Unresolved Key to the Future of Pakistan and Afghanistan*. Londres: Hurst & Company. 2014.

SILVA. R. Hussein. *O império durrani*, 2019. Disponível em <<http://estudosislamicos.blogspot.com/2019/01/o-imperio-durrani.html>>. Acesso em: 3 jan.2023.

THE CIA WORLD FACTBOOK. Nova Iorque: Skyhorse Publishing, 2015.

FONTES

CONSELHO DA FORÇA REVOLUCIONÁRIA DO AFEGANISTÃO. First radio announcement. *The Kabul Times*, Cabul, 4 de maio de 1978. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1106&context=afghanuno>>. Acesso em: 3 jan. 2023.

_____. Taraki elected of Revolutionary Council. *The Kabul Times*, Cabul, 4 de maio de 1978. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1106&context=afghanuno>>. Acesso em: 3 jan. 2023.

MAPA do Pashtunistão e Baluchistão. Disponível em <<https://zoomviewer.toolforge.org/index.php?f=Pashtunistan.afg.jpg&flash=no>> Acesso em 3 jan. 2023.

Kabul Times

PAZHAWAK, Abdul Rahman. Pakhtunistan Issue II: The Disturbed Period and After. *Kabul Times*, Cabul, 28 de fevereiro de 1962. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1002&context=kabultimes>> Acesso em: 26 dez. 2022.

SOHAIL, M. A. Bakhtar New Agency's New Venture: Message from Dr. Sohail. *The Kabul Times*, Cabul, 27 de fevereiro de 1962. Disponível em:
<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1001&context=kabultimes>
> Acesso em: 1 jan. 2023.

The Kabul Times

A GLANCE at historic crimes of Naderi dynasty in Afghanistan. *The Kabul Times*, Cabul, 4 de maio de 1978. Disponível em:
<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1106&context=afghanuno>
>. Acesso em: 3 jan. 2023.

AHANG, Kazem (ed). Jauzjani on Decree No. Eight. *The Kabul Times*, Cabul, 2 de dezembro de 1978. Disponível em:
<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3114&context=kabultimes>
>. Acesso em: 3 jan. 2023.

_____. Provincial News Round Up. *The Kabul Times*, Cabul, 15 de março de 1979. Disponível em:
<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3115&context=kabultimes>
>. Acesso em: 3 jan. 2023.

_____. 98 percent of people support their khalqi state, says Amin. *The Kabul Times*, Cabul, 4 de abril de 1979. Disponível em:
<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1063&context=afghanuno>
>. Acesso em: 3 jan. 2023.

_____. People pray for consolidation of Democratic Republic of Afghanistan. *The Kabul Times*, Cabul, 25 de maio de 1978. Disponível em:
<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3112&context=kabultimes>
> Acesso em: 1 jan. 2023.

FOREIGN reactionary mass media propaganfa blasted. *The Kabul Times*, Cabul, 4 de maio de 1978. Disponível em:
<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1106&context=afghanuno>
>. Acesso em: 3 jan. 2023.

NATION welcomes Democratic Revolution:Kabul. *The Kabul Times*, Cabul, 4 de maio de 1978. Disponível em:
<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1106&context=afghanuno>
>. Acesso em: 3 jan. 2023.

PASHTUNISTANIS send Greetings. *The Kabul Times*, Cabul, 7 de maio de 1978. Disponível em:
<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1106&context=afghanuno>
>. Acesso em: 3 jan. 2023.

RAHIMI, Nour M (ed). "Afghan Press". *The Kabul Times*, Cabul, 2 de janeiro de 1977. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3108&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. Afghan Press. *The Kabul Times*, Cabul, 3 de janeiro de 1977. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3108&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023. (Suposta fala de Napoleão)

_____. The revolution and the press. *The Kabul Times*, Cabul, 12 de abril de 1977. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1062&context=afghanuno>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. President Daoud warmly welcomed by Soviet leaders. *The Kabul Times*, Cabul, 13 de abril de 1977. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1062&context=afghanuno>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. President Daoud`s speech. *The Kabul Times*, Cabul, 14 de abril de 1977. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1062&context=afghanuno>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

THE REVOLUTION and the people. *The Kabul Times*, Cabul, 4 de maio de 1978. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1106&context=afghanuno>>. Acesso em: 3 jan. 2023.

The Kabul New Times

KARMAL, Babrak. Babrak Karmal Greets Afghan Nation. *The Kabul New Times*, Cabul, 1 de janeiro de 1980. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

RAFAT, Rahim (ed). On The Threshold of Liberation. *The Kabul New Times*, Cabul, 1 de janeiro de 1980. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. Greeting of PDPA, RC to the heroes of freedom. *The Kabul New Times*, Cabul, 1 de janeiro de 1980. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. A Rush to “Rearm”. *The Kabul New Times*, Cabul, 16 de janeiro de 1980. Disponível em: <<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. (Figura 14 – Amin é comparado a bomba atômica e ao Napalm). *The Kabul New*

Times, Cabul, 27 de janeiro de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

TARAKI, Noor Bibi. Mrs. Taraki asks Carter not to interfere in DRA`s internal affairs. *The Kabul New Times*, Cabul, 10 de janeiro de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

ZARYAB, Azam Rahnaward (ed). (Figura 3 – Afeganistão em cárcere). *The Kabul New Times*, Cabul, 13 de fevereiro de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 1 jan. 2023.

_____. (Figura 4 – *Mujahidins* apoiado pelos EUA e China). *The Kabul New Times*, Cabul, 31 de março de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. (Figura 5 – Revolucionário afegão impedindo invasores). *The Kabul New Times*, Cabul, 17 de fevereiro de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. (Figura 6 – Inimigos do Afeganistão mascarados). *The Kabul New Times*, Cabul, 20 de fevereiro de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. (Figura 7 – Os Estados Unidos jogando pelo mundo). *The Kabul New Times*, Cabul, 02 de março de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. (Figura 8 – Tio Sam tentando apagar a tocha da Olimpíada). *The Kabul New Times*, Cabul, 3 de março de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. (Figura 9 – Munição para o Afeganistão). *The Kabul New Times*, Cabul, 25 de março de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

_____. (Figura 10 – O povo revolucionário liderado pelo PDPA). *The Kabul New Times*, Cabul, 26 de março de 1980. Disponível em:

<<https://digitalcommons.unomaha.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3118&context=kabultimes>>. Acesso em: 2 jan. 2023.